

Sacerdotisa

Revista

Outubro 2025

Auto**re**tratos



38ª Edição

Autorretratos



CBL



**Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional**

Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.

E-mail: revistaautorretratos@gmail.com

Ela Tinha Alguns Cavalos

Ela tinha alguns cavalos.

Ela tinha cavalos que eram corpos de areia.
Ela tinha cavalos que eram mapas desenhados com sangue.
Ela tinha cavalos que eram peles de água do mar.
Ela tinha cavalos que eram o ar azul do céu.
Ela tinha cavalos que eram pelo e dentes.
Ela tinha cavalos que eram de argila e se quebravam.
Ela tinha cavalos que eram penhasco vermelho estilhaçado.

Ela tinha alguns cavalos.

Ela tinha cavalos com olhos de trens.
Ela tinha cavalos com coxas cheias e marrons.
Ela tinha cavalos que riam demais.
Ela tinha cavalos que atiravam pedras em casas de vidro.
Ela tinha cavalos que lambiam lâminas de barbear.

Ela tinha alguns cavalos.

Ela tinha cavalos que dançavam nos braços de suas mães.
Ela tinha cavalos que se achavam o sol e seus
corpos brilhavam e ardiam como estrelas.
Ela tinha cavalos que valsavam toda noite na lua.
Ela tinha cavalos que eram tímidos demais, e ficavam quie-
tos
em estábulos que eles mesmos criaram.

Ela tinha alguns cavalos.

Joy Harjo

Autores nacionais

Adriana Frosoni

Amanda Dalla'cort Chaves

Angela Gabriela

Anna Halfeld

Anna Rodrigues

Ari Göisler

Artton Potiguar

Bebel Pozzi

Cecília Deulefeu

Clarissa Machado

Ellen D' Avila

Giovanna Vecchi

Glenda Brum De Oliveira

Isabel Spagnolo

Iza Sales

Jeniffer Silva

João Bezerra
Joseli Maria Silva De Lima
Juliana Walker
Karen Cerutti
Karina Pilotto
Katia Leal Da Silva
Katiucia Barros
Luana Schröder
Madame Luisy
Malu Zanoli
Maria Nazareth Doria
Marlene Krupa
Nathalia Pereira Jardim
Natiele Almeida
Patricia Vieira
Paula Mazzoli
Potiara Cremonese
Priscila Castanheira Lima
Regiane Pankoski

Ricardo Pegorini

Rodrigo Gallo

Rosa Luizári

Rozangela Souza

Sandra Aparecida Vieira

Sheila Dunoginesse

Silvana Silva De Oliveira

Silvia Fabiana Granado

Simone E Alexandre Fraenkel

Suélen Ferreira Moreira

Tássia Cardoso

Tatiana Riceli

Tércia Teles

Teresa Bz

Thiego Milério

Vânia Coelho

Autores internacionais

Anabela Vaz (Portugal)

Eliane Costa (Portugal)

Karin Blanco (Portugal)

Vânia Sofia D. Santos (Portugal)

EDITORIAL

Bem-vindos à Revista Autorretratos, onde a literatura transcende fronteiras e conecta leitores e autores em uma celebração da criatividade e do pensamento crítico. Como projeto independente, temos o compromisso de dar voz a novos talentos, preservar a riqueza cultural da literatura brasileira e internacional, e explorar as nuances da experiência humana através da poesia, da prosa — contos e crônicas — e de ensaios e artigos contemporâneos.

Mais que uma revista, cada edição é um farol que ilumina caminhos literários. Publicada mensalmente em formato digital e impresso, cada número possui registro exclusivo na Câmara Brasileira do Livro (CBL), destacando sua singularidade como uma expressão artística completa. A Revista Autorretratos busca oferecer aos leitores uma experiência contínua e transformadora. Nosso objetivo é ampliar horizontes e abrir espaço para histórias que provocam, inspiram e ressoam com o mundo ao nosso redor.

Em 2025, seguimos firmes como um dos projetos literários independentes mais vibrantes do país. Já ultrapassamos a marca de 780 mil visualizações e mais de 14 mil downloads digitais, reafirmando o alcance e a relevância do nosso trabalho. Expandimos nossa presença física, com centenas de exemplares impressos circulando pelo Brasil, Portugal e outros países da Europa. Novos autores continuam a estreitar em nossas páginas, trazendo uma diversidade de vozes que transforma e enriquece cada edição. E celebramos um feito memorável: uma edição histórica com dezenas de autores reunidos, consolidando de vez nossa identidade como um espaço literário internacional, diverso e em constante ebulição criativa.



EDARTI: 2025000-10.
ISBN: 978-65-01-71297-0. 38ª EDIÇÃO

Outubro, 2025

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS



POESIA

LUZ RASGADA

Até quando errei,
eu acertei.

cada tropeço,
um sinal de que eu continuava.

cada falha,
uma porta entreaberta
com meu nome escrito em brasas.

a dor me rasgou,
mas não me levou.
sobrevivi,
eu fiquei,
e por isso,
hoje posso tudo.

a perfeição que me cobraram
não me serve mais.
desisti da armadura.
escolhi a pele viva.

fui dura comigo.
até cruel.
me calei demais.
concordei querendo gritar.

me encolhi pra caber.
sorri pra não ser rejeitada.
mas por dentro...
eu rosnava.
rosnava de sede,
de raiva contida,
de querer mais do que me deram.
de lembrar que não nasci pra agradar.

nasci pra ser.
quis pertencer.
fui boazinha.
mas um dia cansei de
negociar quem sou
por migalhas de aceitação.

sou filha do fogo que me queimou.
da terra que me firmou.
da água que me lavou.
do ar que me ensinou a expressar e voar.

carrego a fúria dos ventos.
o mistério das ondas do mar.
as raízes da terra
a vulcão, a erupção

trago nas veias o sangue de muitas.
mulheres que vieram antes,
e não puderam gritar.

eu sou o grito delas.
sou a continuidade
e a ruptura.

sou gratidão.
à menina que sonhava alto demais
pra caber
no lugar onde nasceu

à adolescente que enfrentou desafios
sem mapa, sem GPS,
pelas curvas da vida.

à jovem que acreditou na palavra,
na criação, na “esperança equilibrista”,
mesmo quando o show do artista
parecia desmantelar.

todas elas
vivem em mim.
e se curvam diante da mulher
que lutei pra me tornar.

sou fênix,
não só pelo renascer,
mas por se permitir arder
e ficar de pé
com as cinzas nos olhos
e o peito em chamas.

sou filha de Iansã.
do giro, do raio, do sopro.
do vermelho sangue
não me explico,
me movo.
minha força não é leve.

é ancestral.
é matéria e espírito.
a soma de tudo o que tentei esconder.

a mulher que me tornei
não pede.
não recua.
não se desculpa por existir inteira.

porque eu posso.
porque não sucumbi.
porque estou aqui.
e isso já basta.

sou o elo.
sou continuidade e ruptura.
ventre e voo.
ferida e cura.
chama e renascimento.

Ellen D' avila



Sou Ellen D' avila, atriz, produtora cultural e escritora, gaúcha e formada em Artes Cênicas. Trabalhei no Rio de Janeiro em produtoras como Conspiração Filmes, O2 Filmes e TV Globo, além de participar de eventos internacionais como o Mundial de Motovelocidade e documentários como *“Filhos de Gandhi e Pierre Verger”* com direção de Lula Buarque de Holanda. Em Porto Alegre, atuei como diretora de produção e atriz na Cia. Teatro Novo, onde também escrevi três peças teatrais, sendo duas encenadas: *“Cama de Casal”* e *“Cama de Casal e 1/4 de Hóspedes.”* Escrevo desde a adolescência — a escrita sempre foi meu espaço de liberdade e verdade.

Fiz cursos na área de autoconhecimento com Deborah Aquino e de imersão na escrita com Gabi Pazos, que aprofundaram ainda mais minha relação com as palavras. Sou uma leitora voraz, apaixonada por música, pets, café e pelos meus “escritos noturnos”. Escrever é minha forma de extravasar a intensidade da alma e abrir o coração para o mundo. Minhas maiores inspirações literárias vêm de vozes como Lya Luft, Clarice Lispector, Cora Coralina, Isabel Allende, Martha Medeiros, Elena Ferrante, Carla Madeira, Guimarães Rosa, José Saramago, Leminski, Chimamanda Ngozi Adichie, Clarissa Pinkola Estés, Itamar Vieira Junior — entre tantos outros que me atravessam e me alimentam na escrita e na vida. Instagram @ellendavilla.



DE(VAGAR)

Ando devagar,
meus passos lentos
sentem a vida.

O vento toca a pele,
esvoaça os cabelos.
O pé encontra o chão,
as mãos encontram almas.

Enquanto pássaros cantam
e pintam o céu com suas asas.
Ouço sons escondidos,
que os ouvidos ignoram.

Meus passos lentos
contrariam a pressa da vida,
a corrida para o trabalho,
a distração de existir.

Aqui e agora,
o sentir exige demora
pois o sentimento de vida
exige o vagar
pois não há vaga para a vida
se não ando devagar.

Amanda Dalla'cort Chaves



Amanda Dalla'cort Chaves é biomédica de formação, professora universitária e escritora por amor às palavras. Atualmente vive em Chapecó, Santa Catarina, onde dedica-se à ciência e à docência, mas encontra na poesia o espaço onde entrelaça sentimentos e reflexões sobre a vida. Compartilha vivências acadêmicas e pessoais no Instagram pessoal @amanda.dallacort e na página literária @versochave.



QUERO - QUERO

quero poder te olhar
e me derreter,
esparramar-me
sem me preocupar
em me recompor

quero te tocar
experimentar a sua pele
sua textura
sua temperatura

quero sentir seu sorriso
ver mais de perto
a luz que ele irradia
nem que me cegue
eu quero

quero mergulhar no seu olhar
e ficar
ler-te
e finalmente te interpretar

quero descansar
minha mão no seu peito
minhas costas nos seus braços
minha respiração no seu pescoço

quero sentir seu cheiro
seu arrepio
sua eletricidade
quero selar meu desejo
com um beijo, e nele,
decifrar seu código
falar sua língua
e me tornar seu idioma

quero um tempo meu e seu
contemplar-te
segurar-te
sentir-te
provocar-te
ganhar-te
e sofregamente, te consumir.

Anna Halfeld



Meu nome é Anna dos Santos Halfeld da Silva, tenho 39 anos, professora de Língua Portuguesa e Redação na rede pública e privada, mãe e aventureira da poesia nas poucas horas vagas. @halfeldanna



MU(LHE)RES

— Sendo BRANCA é amada é maravilhosa é lembrada!

— Se for PRETA é amada e é sempre lembrada!

— MORENA é amada e sempre linda é lembrada!

— AMARELA é amada e amada e lembrada!

Eu digo mais, eu repito
Sem preconceito que
Vocês tem todo o direito
De serem eternamente

Lembradas por iguais
Todos instantes
Em todos os dias
Mulher é pra sempre lembradas

Todos os santos dias por igual
Mas sua beleza é tanta
Que Deus simplesmente
No ato formal elegeu

O dia oito de março para lhi
Dizer com todo o apreço

E sem embaraços que todas
Vocês são mais do que especiais.

Artton Potiguar



Natural de Santo Antônio do Salto da Onça/RN, primogênito dos oitos filhos de Maria de Fátima Pessoa dos Santos e Ailton Rodrigues dos Santos. Servidor Público, Agente de saúde, Autor, Escritor, Enfermeiro Especialista UNIFACEX/RN, Biólogo/UFRN, mestrando/UFRN, Professor, palestrante, articulador, fomentador cultural literário, militante, ativista, agente e produtor cultural com várias participações em inúmeras antologias e coletâneas nacionais e internacionais físicas e virtuais por diversas editoras. Autor de um livro e coautor de mais de 400 obras literárias pelo Brasil. Membro das academias literárias: AIL, ALB, ACL, AILB, ALPAS, AILAP, ACAL, AISLA, ABECC, ALTOA, ALAAP.



CAPANEMARÉ

Mar,
Maré,
Marca com histórias de fé,
Histórias com fel!

Mar,
Maré,
Marca mareantes!
Mar,
Maré, marca enquanto forma
sujeitos pensantes!

Mar,
Maré,
Matiza como arco-íris a mente.
Resplandece,
Infinitamente...

Capanemaré
Encanta, enquanto coletivamente se constrói.
Conhece cada ponto que dói.
Aprende na prática que se combate
Escuridão com luz.
Com sua dinâmica,
a transformação reluz!

Joseli Maria Silva de Lima



Uma carioca com pais nordestinos. A primogênita entre quatro irmãos. Professora, pedagoga, neuropsicopedagoga e arte educadora. Atua na Prefeitura do Rio (SME) desde 2001, em 2019 tomou posse na Prefeitura de Niterói (FME) quando exonerou do cargo na Prefeitura de Nova Iguaçu (SEMED), em atuações que se encontram no fazer pedagógico voltado para a Educação Especial e Inclusiva. Vivenciando um intenso laboral, escolhe viajar para nas folgas revigorar-se. Luta o tanto quanto sonha. É através das cores, formas e texturas traçadas pelas emoções compartilhadas, que resgata o significativo. Em sua trajetória, a arte é vivência latente. Enquanto o aprender se democratiza em amor criativo constante. Respeitando o tempo de cada um é possível chegar longe!



QUANDO O DIA SORRI EM SILÊNCIO

Hoje o dia amanheceu sereno,
com aquela vibe gostosa de sentir.
Sol de inverno aquece de mansinho,
feito abraço morno em tarde de domingo.

Tem gosto de chocolate quente,
tem cheiro de paz.
Aroma que invade e embala,
feito colo em forma de ar.

Os pássaros, afinados, preenchem o céu
com a melodia da vida.
Os olhos colhem cores,
nuances que dançam no horizonte.

As batidas do coração ...
em sintonia com a gratidão.
Ele transborda,
mistura boa de confiança e esperança.

E um sussurro, brisa sutil,
ecoando lá no fundo:
“O melhor sempre vem
pra quem acredita.”

E você, no que acredita?

Juliana Walker



Ju Walker nasceu em Santa Catarina e hoje vive no Rio Grande do Sul. Caminhante de muitos começos, fez das mudanças um abrigo e da escrita um colo para si mesma e para o outro desde muito tempo. Professora por formação, encontrou no Reiki e nas terapias o caminho de transformar sua sensibilidade em serviço, guiando processos de cura e despertando consciências. Sua espiritualidade transborda na escrita, onde dor e beleza se entrelaçam, revelando que a palavra pode ser cura, respiro e renascimento. Mãe e aprendiz da vida, busca ser a mulher inteira que deseja florescer — autêntica, sensível e corajosa. Em cada verso, partilha fragmentos dessa

jornada, como quem oferece ao mundo pedaços de luz. Autora de Sussurros do Coração, convida o leitor a mergulhar nos silêncios da alma e ouvir o que pulsa além do visível. Cada poema é um chamado suave: olhar para dentro, respirar mais fundo e recordar que a vida pulsa em nós. Eis o convite que Ju deixa em cada página. Para conhecer mais de seu trabalho e se conectar com sua energia, siga @luuzquetoca — e permita-se sentir a poesia que transforma o invisível em toque e luz.



IMENSURÁVEL

Digo-te que te rejeito
se o que tens ainda é pouco,
diante de tudo que tenho a oferecer.
O raso não me instiga,
o curto não me cabe,
desfrutar um sentimento com cautela é bem barato,
frente a toda intensidade cara de minh'alma.
Quem mergulha em mim
deve estar preparado para se encharcar.
Sou daquelas que vivem em maralto,
disposta a apresentar a profundidade de uma
personalidade,
totalmente aberta a emoções raras.
Gosto de me entregar por inteira,
dar-se por partes é tão passageiro – como experiências que com o tempo
serão
esquecidas,
ao contrário daquelas que serão contadas com
entusiasmo um dia.
Não me encaixo.
Identifico-me com as reticências.
Sou o copo que transborda,
a água que a mão não consegue amparar,
o fluir sem margem de uma existência,
a coragem de apenas ser
uma vida incapaz de limitar.

Madame Luisy



Madame Luisy, Carioca, Psicóloga, Servidora Pública, 35 anos. Na adolescência, percebeu-se amante das palavras. Descobrindo que elas, quando bem expressas, são terapêuticas. Na poesia a escritora entrega-se a tocar o outro, convidando-o ao autoconhecimento e crescimento pessoal, por caminhos capazes de despertar a paixão por si, pelo outro e pela vida. @madameluisy.



ESTILHAÇOS

Entrando dentro de mim, como espelhos da vida em si,
vejo as metáforas da vida, cada uma em sua forma de existir.
Contudo, vemos que cada espelho, mesmo que cactos quebrados,
ainda assim contém o elixir que conduz o significado.

Os estilhaços que a vida nos dá sempre estão a nos ensinar
o porquê de estarmos aqui.
Um espelho se parte em vários pedaços,
dependendo da pancada, no espaço do canto que estava ali.

Em cada reflexo, um aspecto da vida,
essa que muito ensina sobre a nossa morada aqui.

Como um camaleão, a carne em volta,
o espírito é como o espelho:
o reflexo continua o mesmo, mas o apego,
sem o aprendizado que a vida nos dá,
condiz à silhueta da moldura no lugar.

Decida se o reflexo ficará em estilhaços
com o apego da dor,
ou se um espelho renovado e com mais pudor
vai estar ali ao seu dispor.

E agora, com muito cuidado,
você sabe onde vai quebrar,

e um espelho sem estilhaços
assume um novo lugar.

Natiele Almeida



Poeta e escritora, nascida em Fortaleza (CE). Amante da filosofia, da música e da espiritualidade, é mãe de três filhos. Cantora nas horas vagas, traz consigo uma enorme paixão pelos mistérios da alma e pelas emoções mais singelas.



CAMINHOS

Sol que nasce,
Nesses caminhos transito
Entre pensamentos e olhares
Árvores e lugares

Velocidade levita,
O tempo que corre ao meu lado
Paisagens itinerantes
Feiras e viajantes a galgar

Verde campina,
Ave de rapina
No céu translúcido
Desenho rústico a contemplar

O som permanente,
O olhar ausente
Nos momentos idos
Trazidos ao presente

Cai a tarde,
E essa velocidade ainda me guia
Violinos tocam na memória
Traços, dias e alegrias

Agora é noite

E sinto que é hora de acordar
Dormir ou sonhar...

Sandra Aparecida Vieira



Tenho 56 anos, nascida em Santos/SP, em 20 de setembro. Sou formada em Matemática, e aposentada do funcionalismo público. Desde sempre estive ligada à parte artística, seja no esporte, escrita, desenho e música. Escrevo há algum tempo, poesia, alguns artigos, nos momentos de reflexão e até tristeza. É como me sinto feliz, participando, lendo, correndo nas competições de rua. Nas redes sociais tenho atualmente o Instagram, como forma de comunicação com amigos e familiares. E vamos caminhando.



SILÊNCIO

No silêncio ao qual me encontro
Em minha própria companhia
As lembranças são como música
Que se organizam em sinfonia.

uma após a outra
trazendo a sua melodia
todas num conjunto
em perfeita sincronia.

A canção não é vazia
Apenas com melodia
Ela carrega uma bagagem
De muita melancolia.

Os monstros se revelam
Com extrema ousadia
Até parece que se esquecem
Que eu sou a vossa moradia.

As sombras não me assustam
Na madrugada vazia
eu estou muito bem amparada
com a minha poesia.

Silvana Silva de Oliveira



Sou Silvana Silva de Oliveira, pedagoga, filósofa e especialista em Neuropsicopedagogia e Orientação Educacional. Minha paixão pelo conhecimento e pelo desenvolvimento humano me guiou tanto na minha carreira quanto na minha escrita. Escrever se tornou uma forma de traduzir minhas emoções, reflexões e experiências em palavras que tocam e despertam empatia. Cada poesia que crio carrega um pouco do meu olhar profissional e da minha sensibilidade artística. Acredito na união entre educação, ciência e arte como caminho para compreender e valorizar a diversidade. Por meio da escrita, busco conectar corações, expandir pensamentos e inspirar quem lê.



PAIXÃO

A Paixão é vulcão e demolição,
Algo que arrebatava nossa cognição,
Nos leva além da imaginação,
Ela adoece e dá vida ao coração.
Um paradoxo, de dor e satisfação,
Ela tira a razão e leva à exaustão,
Em busca de algo que complete,
Na maioria das vezes entorpece.
Paixão é fogo, efusão e prisão,
Por outro lado, alegria e poesia,
Mas nossa mente nos engana,
E o coração corrupto faz a trama.
A Paixão brinca com a razão,
Ela faz louco os que estão sãos,
Paixão é como campo minado,
No descuido você fica sitiado.
A Paixão faz doer e esmorece,
Queima, arde e estremece,
Você pula e vê no que vai dar,
Pois a opção é sempre tentar.

Rozangela Souza



Sou Rozangela Souza, Secretária em pediatria, natural de Maceio-Al, mas residindo no momento atual no Rio de Janeiro, amo escrever e a muito quis expressar em palavras todas as vertentes dos sentimentos humanos, sem tantos rebuscos e ao mesmo tempo com profundidade e delicadeza, nas minhas escritas exploro a dor, e sentimentos mais caóticos, enfim... expressar sem voltas toda a minha essência pelas linhas, letras e versos."

@rôsouza.



RÉ[POSTA]

não sou assim essa peça
exatamente essa do xeque-mate
que desembaralha os múltiplos ângulos retos do tabuleiro
e transcende o tempo do jogo com justo final

nem tanto súbito assim
um multiforme meio qualquer de encaixe
que completa a enésima peça perfeita
de um quebra-cabeça, esquivando num calabouço de vidro-cristal

nem meça com normas NBR
o pH – do ácido corrosivo – do amor estrangeiro este que sinto
– e sinto! – (ainda não há como escanear essa flor)
às gotas – e muitas – experimentamos já e pois
a homeopatia dos venenos – alguns tantos sem antídotos – da vida

aquelas velhas fórmulas filosófais psico-analíticas
ininteligíveis são – quase todas – nos antros e meandros da mente
posto que, vez em sempre, a razão, em suas idiossincrasias,
nada entende das variáveis do coração sofismável

há, nesse pórtico, desencanto muito
da sístole obtusa e crítica
e tanto em tudo o siso
da necessária diástole

e assim vai o cor-ação
de sangue rubro em dores-risos nas artérias e veias
circuitando a efemeridade das células
diamantizando os gozos-amores à eternidade
pêndulo demasiado febril-sutil que, obstinados em saciação,
feito faminto lobo selvagem,
do saca-rolhas sequer nos damos conta

Teresa Bz



Eu sou Teresa Bz. Amo o Atlântico e a terra onde nasci e cresci há 59 anos, sob o sol de aquário: São Paulo/SP, Brasil. Sou psicóloga, Mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo. Canto e componho. As poetisas e os poetas são os meus Mestres e, dentre tantas e tantos que me invadem a alma, inspiro-me sempre em Adélia Prado: “[...] Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.”. Instagram: [teresabzoficial](#) | Spotify: Teresa Bz.



**O SABER DE TI E
O SABER DE MIM**

É em ti que eu me vejo
Em ti me espelho
Espelho, espelho meu
Quem sou eu?

Seus atos me remetem aos meus
E aí me vejo
Me vejo como sou
Me vejo como desejo ser
Seu jeito de ser é o que eu queria ter

E assim seria o meu ser
Um ser calmo, tranquilo
Mas nunca passivo
Racional sem perder o seu emocional

O emocional que me afoga em lágrimas
Me derruba dos motes em que me coloco
E me coloca no chão
No chão de mim mesma
Sem chão...

Seus pés no chão
Sua cabeça nas nuvens
Minha cabeça na vida
Na realidade da hora que passa
No tempo que perco

Perco tempo em não saber de mim

Perco tempo em querer de mim em ti

Perco tempo

E perco a mim

Sem ter a ti.

Tércia Teles



Meu nome é Tercia, sou mineira de Belo Horizonte, mas moro há bastante tempo por essas bandas do Goiás. Sou professora aposentada, com formação em Letras/Literatura e mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB). Moro em Formosa Goiás, uma cidade próxima de Brasília 80km. Sou uma leitora voraz desde muito nova, sempre me encantei por livros e pela escrita. Escrevo pelo simples prazer da escrita e preencho caderno e mais cadernos com tudo que vem à cabeça. Sempre tenho comigo um caderninho, lápis e caneta na bolsa, pois qualquer tempo de espera pode ser aproveitado para destrinchar uma nova ideia.



AUTORRETRATO DO INVISÍVEL

O início da forma

“Não é o que vemos, mas o que nos atravessa.

Não somos o que mostramos.

Somos o que se esconde na dobra.

O que o olhar não alcança,
mas insiste em arder.

O mundo pede definições.

Mas viver é atravessar perguntas.

E toda resposta é provisória.

como uma assinatura feita a lápis.

Página 2 – O corpo do tempo

“Entre o peso do ontem e a ameaça do amanhã, há o agora.

O tempo insiste em nos moldar.

Mas ninguém é estátua.

Somos correnteza.

Somos vento que não aceita paredes.

Somos processo.

Entre o ontem que pesa

e o amanhã que ameaça,

há o agora

imperfeito, inacabado

E ainda assim, vivo.

O espelho e a fresta

“A verdade não mora no reflexo, mas no intervalo.

O espelho reflete a superfície.

Nunca o incêndio.
Mostra a pele.
Nunca a vertigem.
E ainda acreditamos nele.
Como se o vidro pudesse conter
o que não se contém.
A vida não cabe em moldura.
Ela pulsa nas frestas.
Na risada que invade o silêncio.
Na lágrima que rasga a festa,
no excesso que revela o humano.

O Retrato Final (Inacabado)

“O caminho é mais retrato do que a chegada.
Ser é não caber.
Ser é transbordar.
Ser é aceitar que cada dia
é um retrato em movimento
feito de linhas trêmulas
e cores borradas.
E se perguntarem quem somos,
Não entreguemos documentos.
Entreguemos perguntas.
Porque talvez o sentido
não esteja em ser resposta
mas em ser caminho

Tatiana Riceli



Tatiana Riceli é executiva de Recursos Humanos e escritora de alma. Sua escrita nasce da observação dos comportamentos humanos e dos sentimentos que eles despertam. Combinando leveza, humor e sensibilidade, dá vida a histórias que tocam e inspiram. Está em publicação seu primeiro livro, que inaugura uma trajetória literária dedicada a afetos e reencontros.



OS PASSOS DA CORAGEM

Coragem, coragem, coragem!

Coragem para se chegar aonde quer.

Coragem para ser o que quiser.

Coragem para amar,

Coragem para sentir.

Coragem para agir.

Coragem para verbalizar.

A vida nos pede coragem.

Coragem para enfrentar quem somos,

Coragem para se descobrir.

Essa tal de coragem parece não fluir!

Coragem nos acompanha desde antes de nascer.

A questão é que quem não se ama

finge não a ver.

Mas certa hora a vida te impulsionará a conhecer.

Arrisque! Seja corajoso!

A exemplo de Jesus,

Ele teve força e coragem para nos ensinar, e até hoje tenta nos mostrar
que é com coragem que se chega a algum lugar.

Tássia Cardoso



Casada, mãe dos trigêmeos: Maria Elis, Francisco e Isa. Pedagoga, professora pós-graduada em neuroeducação, atuante há 11 anos em Escolas Públicas da cidade de João Pessoa – PB. Tem publicações na área do acolhimento afetivo em sala de aula. Tássia utiliza da escrita dos seus versos para expor suas emoções e tem alguns dos seus textos publicados em antologias poéticas e um livro de sua autoria publicado em 2024, chamado: “O despertar de um florescer: contado entre versos e poesia.” Está no instagram através do @tassiacardosoo.



A VIDA

A vida floresce em cada flor, um beijo se esconde.
O sol nos aquece, o vento nos evolve.
A vida pulsa, intensa.

No verde das árvores, encontro a alma.
Em cada olhar, uma conexão se revela.
A terra nos sustenta, o céu nos inspira.
E nos une em cada momento.

No silêncio da noite, reflito sobre a beleza que nos cerca.
E percebo que a essência da vida é uma chama que arde sem se apagar.
Sinto a presença de algo maior que nos conecta, nos fala, nos guia.
E encontro minha alma, livre e plena.

Nessa harmonia, encontro a paz.
E sinto-me como o universo, onde a natureza e a vida se encontram.
E eu sou parte de tudo ...

Silvia Fabiana Granado



Meu nome é Silvia Fabiana Granado, moro no interior de São Paulo. Sou Pedagoga, Pós em Psicopedagogia, atuo na Educação Infantil. A escrita sempre foi algo que faz parte da minha vida, me ajudando na terapia. Mas a algum tempo comecei a escrever poemas, poesias e sentimentos da vida e do cotidiano. E como se eu escrevesse mini histórias de diferentes acontecimentos, em vários recortes. @silviafabiana1.



JANELA DA ALMA

Um dia senti um enorme desejo de ativar os meus sentidos

Não sabia bem o que viria a seguir

Mas... obedeci

Começaram a sair de mim palavras soltas

Cores

Tons e rabiscos

Todos em forma de sentimentos

Emoções

Pensamentos

Registros e resgate de momentos ...

Sem querer abri a janela da alma

E senti a brisa entrar e refrescar.

No início tudo parecia vago e vazio

Sutilmente o inconsciente exibia as suas armadilhas

E tudo se apresentava aos pedaços

Fragmentado

Fios de histórias soltas que se cruzavam

Em forma de cor e luz

As manhãs eram as horas mais “ricas”

A memória encontrava elementos que nem eu mesma sabia que existia

Mas que estava tudo escondido dentro de mim

Uma autodescoberta de um vazio que me fez ver a vida por outras lentes
mais próxima de mim.

A vida pode começar numa manhã de céu azul,

como pode ter início nos dias cinzentos
no completo temporal e tempestade
Tudo depende de como observamos os acontecimentos a nossa volta
e o grau de consciência sobre nós mesmos.
Nunca será tarde ou cedo demais,
a hora certa será sempre “agora”
no instante em que a sensação espelha a realidade a nossa volta
Dar voz aos pensamentos
Dar cor aos sentimentos
Dar vida às atitudes.

Eliane Costa



Para saber um pouco sobre mim: Sou uma mulher de 60 anos (se é que isso importa) e escrevo por teimosia, para desafogar os “nós” e “desapertar a tampa”. Estive ausente de mim por um longo período, quando a vida ditava outras exigências e cuidados com a família. Comecei a despertar do meu “adormecimento” por volta dos últimos sete anos, quando comecei a me interessar por temas de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Em 2019 entrei para a universidade para cursar a minha primeira Licenciatura em Psicologia, da qual finalizei neste ano de 2025. Durante a graduação tive a oportunidade de ampliar a minha percepção e compreensão sobre a complexidade do comportamento do ser humano. Desde então, uso a escrita de forma terapêutica em que utilizo não só as palavras, mas também o desenho, rabiscos e arte em geral. Atualmente resido em Portugal, mas sou natural do estado do Espírito Santo/Brasil.



SACERDOTISA DAS ÁGUAS

Na proa da canoa as formas femininas
Contrapõem o horizonte entre os olhos da Lua
Cicatrizes de espumas e lamento de banzeiro
São abandonados pelo remo buliçoso que fere o rio
E como uma sacerdotisa de abertos braços
Como quem pudera a noite abraçar
Seu riso perolado entre lábios trigueiros
Dá suporte à língua que lambe os ventos
Em um beijo que a natureza envergonhada
Esconde nas nuvens que borram o céu

Suas vestes são além de um arnês
Os esvoaçantes cabelos lhe tornam
Na alvura do tecido que lhe tocam a pele
A postura de uma eclesiástica das águas
Cuja profecia dos séculos e do destino
Rebrilham nas escamas do rio ao luar
Nas retinas-espelhos do céu estrelado
A viagem pelos furos e igarapés
Esconde o segredo dos cantos ribeirinhos

Mulher mãe do mundo uma magia
Que embala o planeta Terra no silêncio
Que compõe o sono da ancestralidade

E determina o destino, oráculo e onírico
Dos seres perdidos da mata e dos rios
Quando o marrom e o aço destruírem
A verdura da floresta úmida e chuvosa
A sacerdotisa parirá seres de luz
Para ensinarem às sombras humanas
Que galhos não são ossos e a seiva não é sangue.

Thiego Milério



Nascido em Manaus-AM, em 1981, formado em Medicina pela UFAM, escreve poemas por acreditar no poder da Arte e da Literatura para um mundo mais humano e justo.



PRESENÇA SANTA

Quem outrora viu-me triste
Lamentando dores e profundos ais,
Vai ver agora que meu Deus existe
Conduzindo a nau com segurança ao cais.

Ainda que tempestades antes me assolaram;
E fortes ondas contra a nau bateram;
À presença do Senhor, calaram;
E o vento e o medo, então, retrocederam.

Em tudo eu busco Tua presença santa,
E a cada instante quero estar contigo.
Pois só o Senhor, meu coração encanta.
Tu és minha proteção e o meu abrigo.

Não temo o mar, nem mesmo a tempestade;
Pois agora sei que estás sempre ao meu lado
E, se eu viver em conformidade com Tua vontade,
Ei de ter vitória, jamais serei condenado.

A Tua palavra é luz para meu caminho.
Fortalece os ossos e me enche de alegria...
Estou seguro, não me sinto mais sozinho
À noite és coluna de fogo e nuvem ao meio-dia.

Tu és a estrela da manhã, o lírio, a rosa;

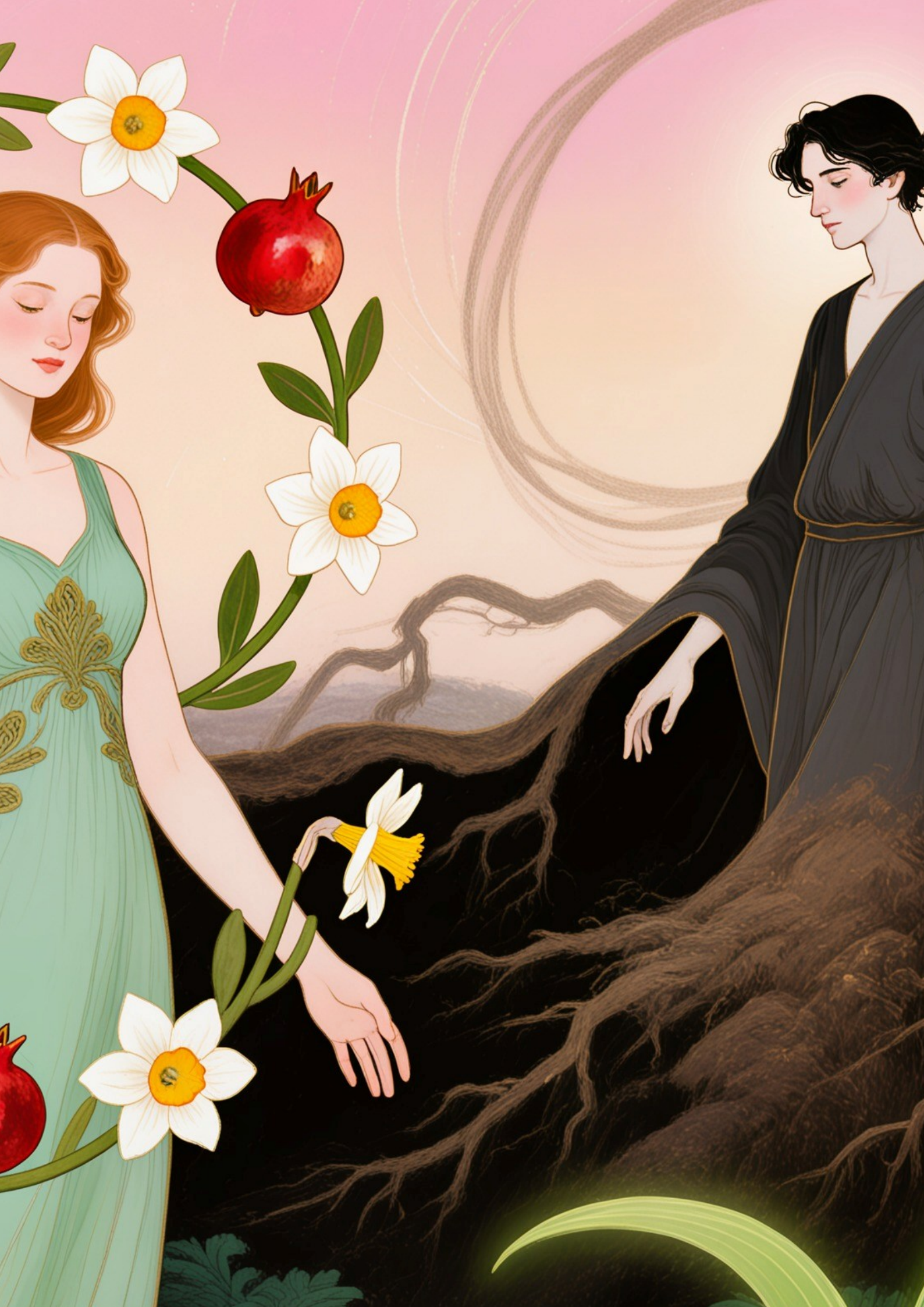
Perfumas minha alma com Tua doçura.
És meigo, és belo, árvore frondosa;
Videira verdadeira, Senhor, és minha cura.

Estar em Tua presença é o maior desejo
Daquele que Te ama, Te louva, Te adora.
Pois somente em Ti é que verdade vejo
Tu és o templo onde a vida mora.

Patrícia Vieira



Nascida em Florianópolis, na semana da pátria, no início da década de 1970, recebi o nome de Patrícia. Filha e neta de professores, não fugi ao ditado que diz que “filho de peixe é peixinho” e graduei-me em Letras pela UFSC, em 1991. Escrever e desenhar sempre foram meus hobbies. É por meio da arte que me expresso melhor. Aposentei-me depois de 33 anos trabalhando no chão da escola, lecionando português e inglês para mais de 10 mil alunos. Gosto de me aventurar entre as panelas, as letras e as plantas. Vivo em Palhoça, na companhia de meu esposo, filhos, gatos e cachorros. Aprecio a vida tomando chá e comendo bolo. E, em breve, meu primeiro livro sairá do forno. Pois a vida é feita para ser vivida, de pedacinhos de sonhos...



TENEBRISM: SIDES OF PERSEPHONE AND HADES

We have been here before

First that was me than you

Or

You were first and then me

Depends of the writer

Narrator

Singer

Bard

The names change with time

Ours and theirs

Was I a scared and gullible maid?

Was you a big bad kidnapper?

Was my mother a grieving loving parent?

We have been here before

Was I a free spirited headstrong young woman?

You a grumpy and old lone wolf too used to solitude?

My mother a narcissistic bitch?

We have been here before

When I was the goddess ruling over decay, rottenness and all that death
leaves

You weren't back then, you... it was before there was a you

My mother also not born yet, for there is no harvest without blossoming

We have been here before
I, a feared and respected old goddess from ancient times
Prone to whims, demander of sacrifices
Enraptured to receive a still young deity as my next meal

A maiden they would try to paint me as
The rich one they would come to call you
But what is it that you do?
But to rest in my sprout underbelly and care for my seeds?

We have been here before
Sometimes I am before you
Sometimes you are before me
We see each other like a continuum
Death hands you tortured, regretted and fearful souls
You nurture them into their next life
Death fills my dark soil to the brim
Piles of corpses, lifeless leaves and decay
I spring life, tall trees, beautiful narcissus, fat maggots and bursting pomegranates

We have been here before
Both enforcers of Nature relentless orders
Not opposites
But beings from the same domain
That is what they got wrong about our story
Never opposites, but conspirators

We have been here before
I, the destroyer of light
The one that gives birth to other worlds
You the unseen
For how could you be glared at if engulfed into me?

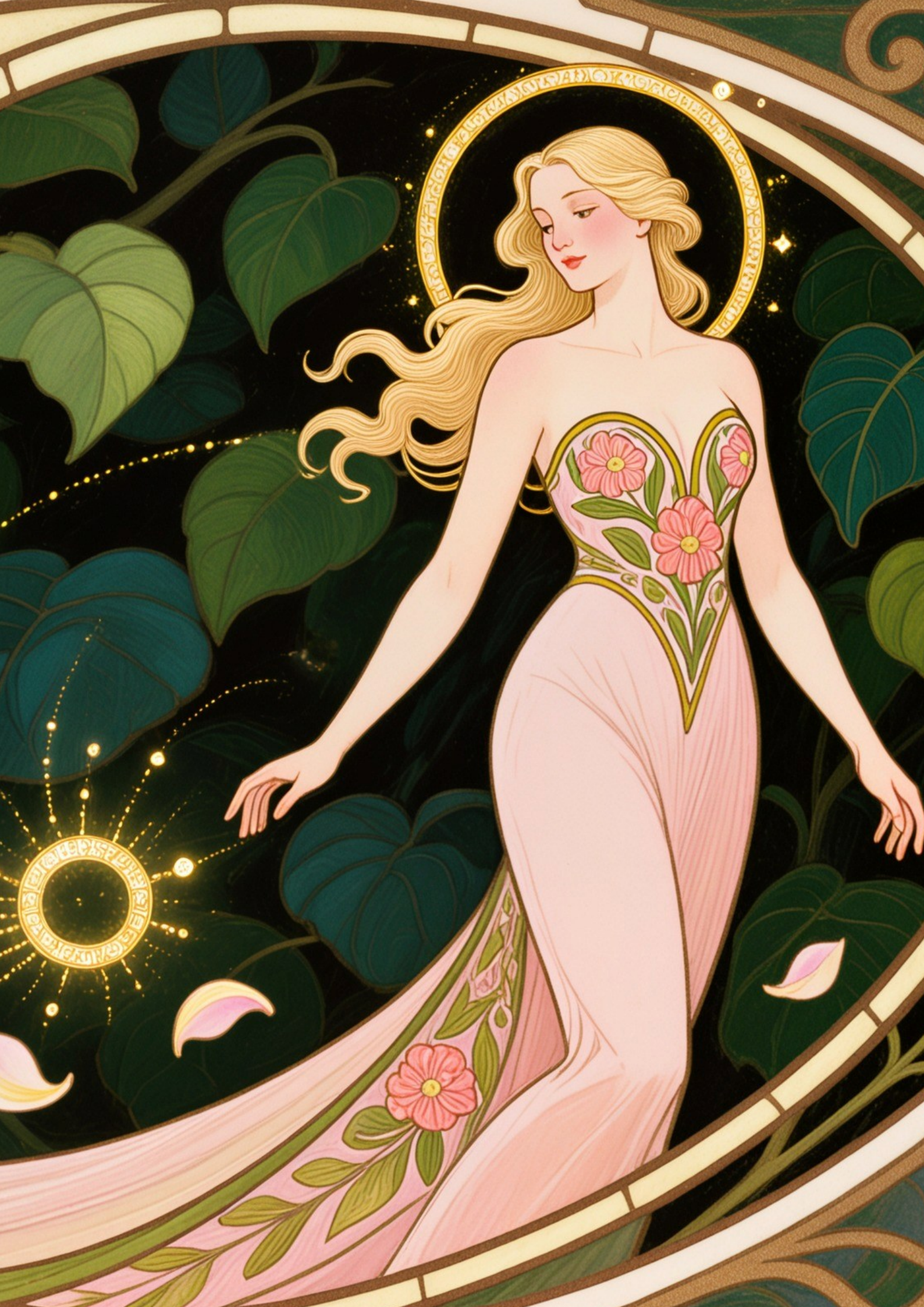
We have been here before
And in all types of shades
We always will.

Cecília Deulefeu



She is a psychologist with a psychoanalytic approach, a poet, screenwriter, independent short story writer, author in the “Curacanga and other horror tales” anthology book, co-founder of the @casamentotranshomoafetivosim on Instagram page focused on fight for gay marriage equality to be part of the Brazilian Federal Constitution. She is a lesbian, mixed race woman with a physical disability. She is also married to Gizele, and they have two beautiful cats, Pérola and Safira, in the heart of Rio de Janeiro, overlooking sugarloaf mountain, where she finds inspiration and contemporaneity for her works.

Ela é psicóloga com abordagem psicanalítica, poeta, roteirista, contista independente, autora na antologia "Curacanga e outros contos de terror" e co-fundadora da página @casamentotranshomoafetivosim no Instagram, focada na luta pela igualdade do casamento homoafetivo na Constituição Federal Brasileira. Ela é lésbica, parda e PcD. Também é casada com Gizele, com quem tem duas gatinhas, Pérola e Safira, no coração do Rio de Janeiro, com vista para o Pão de Açúcar, onde encontra inspiração e contemporaneidade para suas obras.



ESPLENDOR E LUZ

Mesmo no caos o esplendor do sol é uma centelha divina.

Sê como ele, brilha ainda que a escuridão tente imperar lá fora.

O teu foco dita a realização dos teus desejos.

Sê tu, única na tua essência e mistério.

És especial, não te compares a ninguém.

O teu maior erro serão sempre as comparações.

Como podemos comparar o inigualável?

És extraordinária na tua luz.

És rainha do teu reino mágico.

És incrível na tua presença.

És genial na tua intuição.

Só por ti és impactante, se te permitires seres original.

Vive em pleno a tua condição de obra prima.

Assume de forma sagrada o impacto das tuas opções, reflete em sigilo, age com paciência.

Os fios da nossa alma refletem os sentimentos com que os tecemos.

Encerras em ti as respostas aos grandes enigmas.

Olha-te no espelho e deixa que a beleza da imagem que reflete te entusiasme.

Veste-te com o triunfo histórico da tua atitude.

Empreende a viagem mais peculiar, a imersão em ti para emergires em metamorfose.

A magistralidade do teu voo, só depende da força da tua vontade.

Seguirás, assim, serena, feliz e abençoada a tua missão.

Anabela Vaz



Anabela da Cunha Vaz nasceu a 15 de outubro de 1971, na cidade de Braga, Portugal. O gosto pela escrita surge desde a infância. A sua imaginação levou-a sempre a conceder vida às páginas em branco, com a magia das suas palavras. Acredita no poder, no impacto e na magistralidade do mundo da escrita. É mulher de palavras, ancorada 21 anos no mundo dos números. No ano de 2020, adormece a razão, permite que impere a paixão. Encerra o seu capítulo de bancária, faz das suas palavras as asas que a levam de encontro aos seus sonhos, à sua liberdade, à sua felicidade. É autora do romance *Neblina* (2006) e do conto *Benedita* (2021), inspirada pela doçura e encanto da sua neta Benedita. Em 2022, com toda a turbulência, guerra e inquietações no mundo, escreveu *O Mundo precisa de fadas*. Em 2023, volta-se, de novo, para os adultos e escreveu a obra: *O que desejas ser depois da meia noite?* Em 2024, seduzida pela beleza e mistério do mar, escreve a obra *Maria do Mar, a sereia que sonhava voar*.



SACERDOTISA ARGENTINA

[pasito a pasito]

siempre:

ella, solo ella,
la que canta
la que baila y
se mueve -

entre universos
transitando entre
todos los mundos y
estando aunque no esté.

[de corazón a corazón]

siempre:

amor
puro
verdadero
inmaculado -

magia y
milagro
visible

e invisible.

[*corazón valiente*]

desde siempre:

suma
papisa
la que se sabe
libre.

[*un sueño hecho realidad*]

desde siempre:

luna
primavera
la más grande
ila única!

[*entre el cielo y la tierra*]

para siempre:

ella, solo ella,
la que cumbia
la que encanta y
rompe cadenas -

una mujer
que no
se arrepiente
del amor.

[como marea]

para siempre:

ella, abanderada,
ella y nadie más -
humana
y santa.

[por siempre Gilda]

**Tributo a Gilda, reina de la cumbia y santa popular de Argentina, que nació un 11 de octubre. El 7 de septiembre de 2026, se cumplirán 30 años del paso a la inmortalidad de Miriam Alejandra Bianchi, nuestra eterna Gilda.*

Clarissa Machado



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e membro do Grupo Literário Fonte das Letras. **Instagram:** @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado.



O MAL DO TEMPO CONTEMPORÂNEO

De nada me vale saber demais
Sinto-me sufocada pela erudição
Preciso esvaziar minha mente
Há ânsia de escrever tudo que penso
Mas, enfureço-me – Que o tempo voa feroz –
Já não tenho tempo para nada, menos ainda para mim
Mal consigo acompanhar as expectativas
Goela a baixo desliza o conhecimento.

Deparo-me com um acervo de saberes
Devoram-me. Roubam-me de mim
Não fiz nada além de aprender, e nada ainda aprendi.
Deleito, em controvérsia, sofro de angústia
É que o conhecimento me atropela.
O prazer de se aprender se torna obsoleto
Estranhamente não quero mais fazer parte desta busca incessante
Mergulho envolvente de conhecimento abundante
Surge um desejo inalcançável de evadir das responsabilidades que me im-
pões o saber.

A vida me cobra interrupta, o corpo cansado não acompanha
A “IA” me resume o livro que não darei conta de ler
Ainda assim, não me livro desta estafa mental
Diria ser: Uma poluição teórica, se é que o termo exista.
– Poluição teórica –

Balbúrdia,
Perdi o controle de meu intelecto
Para quê querer saber de tudo?
É o mal do século – Século XXI –
Estou adoentada, atordoada. A mente se perde meio ao paradoxo
Não se dá conta de depositar tudo o que se aprende na complexa mente humana
Será que um dia o conhecimento nos será inserido igual em “Matrix”?

Não entendo para que me torturar com o saber
Se o saber não me liberta. – Não faz sentido –
Conhecimento também é vaidade
Maldita enxurrada de conhecimento – Me engole, me devora
Me rouba a inocência
Me faz ter medo de viver.
No meu vazio existencial descubro
Que o mundo é uma gaiola
Quanto mais sei mais me questiono
O que há lá fora, além de mais perguntas?
– O que há, lá fora? –

Quero livrar-me destas grades
Abra-me a porta
– Liberta-me do saber –
Voaria ao céu
Como fazem os pássaros livres
Sem medo
Sem ambições

Sem destino
Sem quererem saber de tudo.
Quero ser simples e ingênua
Voar pra longe dos meus pensamentos.
evadir das responsabilidades que me impões o saber.

Um dia eu também já fui pássaro livre
Os dias eram leves
O tempo era eterno
Eu lia um livro e me divertia lendo.
Mas, me aprisionei na contemporaneidade
Não seria eu um pássaro feliz, se vivesse livre
Maldita sina a florada dos tempos de hoje
Condenei-me, descontente à simplicidade da vida
Por ambição vim a ter sede do conhecimento
O peso das grades da gaiola acarreta sobre minha alma
Tenho livros nas mãos, porém, não sei mais voar.

Me pergunto: – Para que, o saber excessivo?
O conhecimento é fatalmente aterrorizante
Não sacia minha sede
Quanto mais sei, mais me frustro
Mais dúvidas tenho, mais respostas procuro
– Incessante... Incessante...

Karen Cerutti



Karen Cerutti, brasileira, mineira, nascida no ano de 1989 no município de Vespasiano/MG. Profissional de Técnico de Enfermagem. Estudante de Bacharelado em Enfermagem. Escritora poetisa. Publicado em fevereiro de 2024 o livro “Soprando a Poeira dos Versos” pela Editora “Clube de Autores”, comportando 36 obras literárias dentre poemas, crônicas e contos os quais exploram temas como dor, amor, reflexões líricas, e narrativas curtas. Karen Cerutti é coautora em 06 antologias publicadas pela Editora “Persona” e em 03 antologias publicadas pela Editora “Usina de textos”. Coautora assinante da revista “Autorretratos” com lançamentos mensais. @poemaskarencerutti (Escrever para a revista Autorretratos é abrir os horizontes do mundo literário, a cada edição uma experiência nova.)



INTUIÇÃO

Quando a dúvida te prende em vão,
Abre espaço para a inspiração,
Pois quem acredita em sua visão,
Derruba muralhas com determinação.

A força maior vem do teu peito,
Mesmo na sombra nasce a alegria,
Um passo ousado abre o caminho direito,
Confia no instinto que te guia.

Há uma voz que não fala em palavras,
Sussurra verdades além da razão,
Nasce no silêncio, rompe as travas,
É chama secreta, é respiração!

Não sigas apenas a lógica nua,
Dentro de ti mora a direção,
há mais no invisível que na rua,
Bússola eterna: a intuição.

Vânia Santos



Vânia Sofia Duarte Santos é uma escritora portuguesa, nascida a 20 de Dezembro de 1989, em Santiago do Cacém, Portugal. Desde 2021 que publica livros de poesia e histórias infantojuvenis que transmitem percepções reflexivas e com mensagens positivas. A escrita de Vânia explora temas de resiliência, esperança, autodescoberta e a beleza encontrada no quotidiano, proporcionando um espaço para os leitores pararem, refletirem e descobrirem positividade mesmo no meio dos desafios da vida. Vânia escreve com o objetivo de conectar corações e mentes, pois acredita que as palavras podem curar e transformar. Instagram: @vanisofisantos.



BOTÂNICA

a casa de minha mãe, onde cresci
a casa amarela, com janelas de vidro,
com chão de tábua de madeira
com aquele prego mais levantado
no corredor que dava pro seu quarto
azul, das cortinas creme
que pulsavam grandes como
barrigas prestes a dar à luz sempre
que a corrente de ar soprava
no finzinho da tarde

percorria a varanda até
meu quarto e de minha irmã,
rosa, das cortinas brancas,
uma janela acesa
destacada da escuridão da rua

a nossa casa
que minha mãe varria quartas e sábados
e outro dia mais, quando o vento trazia
folha ou fuligem,
e jogava água no quintal
com especial atenção pros cantinhos
onde as sujeiras se acumulavam
depois das chuvas de verão
que preenchiam a terra

retornando verdes

quando penso na casa, penso em minha mãe
que deu vida à ela
como as crianças que aprendem
a cultivar feijão em algodão

Nathalia Pereira Jardim



Nathalia Pereira Jardim é uma escritora, tradutora e revisora literária nascida no Rio de Janeiro. Bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ, completará em 2025 sua segunda graduação em Letras (Português-Inglês), pela mesma instituição. Seu trabalho pode ser encontrado em publicações internacionais como a *World Literature Today*, *Volume Magazine* e *Stephen Spender Trust*, bem como editoras brasileiras como a *Escreva* e *Ayvu*. Para conhecer mais seu trabalho, visite seu site nathaliapjardim.com.



SACERDOTISA DO GIZ

No altar sagrado da sala modesta,
Ergue-se a mestra com mãos de ternura;
Traz nos olhos a esperança manifesta,
Mesmo em meio às lutas da vida obscura.

Sacerdotisa do saber, sua palavra é canto,
Seu gesto é lâmpada em noite cerrada;
Tece em silêncio, com paciência e encanto,
As linhas do futuro em alma encantada.

Seus alunos — flores do mesmo jardim —
Abrem-se em sol de sua paciência;
Ela rega, do início ao fim,
Com a água pura da benevolência.

Se um botão tarda a desabrochar,
Ela planeja ventos brandos, macios;
Prepara o terreno, insiste em cuidar,
Gera primaveras em solos vazios.

Os dias em sua mão — a vara encantada,
O quadro, pergaminho de eternidade;
Traça destinos em curva delicada,
Tece caminhos de luz na diversidade.

No planejamento, alquimia e invenção:

Poções sutis vencem dificuldades;
Nas páginas simples, sem ostentação,
Ela ergue reinos de possibilidades.

Com o giz entre os dedos, esculpe auroras,
Traça no quadro caminhos de estrelas;
Cada risco é promessa que aflora,
Cada palavra é luz a acolhê-las.

Entre cadernos gastos e sonhos dispersos,
Faz da dificuldade um sopro de magia;
Conjura a esperança em versos diversos,
Transmuta a dor em pura alegria.

Recebe beijos lambuzados de inocência,
Abraços colhidos do mais sincero mundo;
Nessa singela e doce recompensa
Encontra a glória — tesouro profundo.

E quando a vida, em seu giro apressado,
Levar seus alunos a mares distantes,
Ficará nela o rastro sagrado:
A marca indelével dos eternos instantes.

Pois ser professora é ser sacerdotisa:
Ofício divino, missão sem medida;
Com o giz — sua varinha de encantação —
Traz da lição o milagre da vida.

*Dedico esta Poesia a todas as professoras, guardi-
nas da sabedoria, artesãs de sonhos, que com mãos
de ternura e olhos atentos regam corações com pa-
ciência e esperança. Em especial, à minha querida
Professora Eva Vera Druszcz, da 4ª série do
antigo Ensino Primário, na Escola Municipal Presi-
dente Juscelino Kubitschek de Oliveira, na Cidade
de Araucária/PR. Sua presença foi de sacerdotisa:
cujo olhar singelo e profundo enxergou minhas difi-
culdades e, ao mesmo tempo, acolheu meu jeitinho
único. Você foi farol em minhas incertezas, mágica
nas pequenas vitórias, e poesia viva na minha in-
fância. Hoje, como professora, carrego seus ensina-
mentos, como flores guardadas em um jardim se-
creto do coração. Os princípios que aprendi contigo
— respeito, dedicação, cuidado — são agora minha
bússola, meu alicerce, minha inspiração diária.
Eva Vera Druszcz, você foi e será sempre ines-
quecível. Cada gesto seu, cada palavra, cada olhar,
continuam a dançar comigo em memória e grati-
dão, como melodias suaves que eternamente flores-
cem.*

Marlene Krupa



Marlene Krupa do Rosário é uma apaixonada pela arte da palavra, dedicando sua vida à poesia como expressão de sentimentos, memórias e reflexões sobre a vida. Reside na Cidade de Araucária/PR. Encontrou na escrita um refúgio e uma forma de dialogar com o mundo, transformando emoções em versos que tocam a alma. Atuante no cenário literário, participa do grupo de Poetas de Araucária, “Arte em movimento”, onde compartilha sua sensibilidade com outros poetas e leitores. Suas obras exploram temas como: amor, natureza, existencialismo, sociedade, sempre com uma linguagem cativante e envolvente. Além de poetisa, também é professora, fotógrafa, pintora de quadros, e acredita no poder da literatura para inspirar e transformar vidas. Seu trabalho já foi publicado em livros, (antologias), revistas, jornais, levando sua poesia a diferentes públicos e espaços. Com uma escrita delicada e intensa, Marlene segue tecendo versos que ecoam no coração de seus leitores, deixando sua marca no universo da poesia.



A CASA DA ESQUINA

O silêncio é o único morador que restou na casa cinza da esquina...

Onde estão os miados de gatos?

E a confusão de vozes provenientes de conversas paralelas no portão?

Cadê aquele monte de gente feliz?

Em que lugar foram parar as figuras que, sentadas na calçada, insistentemente roubavam um

pouco do calor do sol e, também, da sua luz?

Foram com ela...

A vida está sempre a nos pregar peças – quase sempre a mesma – e não é que a gente sempre

se surpreende com elas... Não aproveitamos o cotidiano, que – sem medo de errar – é só o que

há de concreto na vida! Até deixar de ser...

Ah, quantas vezes olhei para aquele retrato, sem imaginar o porquê... meu coração não

entendia — ainda não entende —, uma estranha saudade do que ainda não havia se

concretizado, mas que, de alguma forma, acalentava a minha iminente dor.

Quando a lucidez me visita, temo pelo que posso perder e me apresso a cuidar dos que me

cercam e que me são caros, mas a reflexão se esvai em fração de segundos...

Talvez seja

sensato não olhar demoradamente para esses pensamentos...

Tantos anos passando pelo mesmo lugar, a paisagem já estava impregnada nos olhos mesmo

sem precisar olhá-la, um roteiro sabido, e que, às vezes, abria espaços para conversas

aleatórias, para sorrisos autênticos...

Os pães, as sopas, os bolos não encontrarão mais destino...

A escolta de gatos pela calçada é só memória agora...

A que solidão terrível fui condenada...

Quantas coisas morrem com aquele que morre...

Regiane Maria Pankoski



Regiane Maria Pankoski é graduada em Letras Português/Inglês e atua como revisora textual. Católica, compartilha reflexões e inspirações em seu perfil no Instagram: @regianepankoski.



PROSA

OS PIGMALIÃO

A casa era linda; a porta de madeira de lei se abria revelando uma sala ampla, espaçosa, iluminada, arrematada por um imaculado e peludo tapete bege, miraculosamente felpudo e uniforme, a inteligência artificial que controlava o som e a luz ambiente. A televisão enorme grudada à parede, o *videogame* e os alto falantes de última geração, o sofá branco futurista sem um arranhão no estofado, sem impressões digitais, poeira ou manchas de condimentos, e a estante cheia de livros - a maioria decorativos ou de auto-ajuda - eram símbolos do sucesso do morador daquela residência. No ambiente ao lado, a bancada de mármore reluzia sem uma mancha de gordura, sem uma marca de faca, dando passagem à moderna cozinha, exibindo os equipamentos em aço inoxidável, a pia vazia de louças, do fogão reluzente, da impecável porta de vidro que separava o cômodo da área de serviço, onde prateleiras diligentemente organizadas por uma empregada doméstica armazenavam os produtos de limpeza, os panos dobrados como se nunca tivessem sido usados, o aspirador de pó que trabalhava sozinho. A passagem para o quintal, onde estava a churrasqueira, a piscina, algumas cadeiras, uma grama natural tão verde que emanava uma certa luz da mesma cor, os muros cobertos de hera separando a propriedade do vizinho. No andar de cima, os quartos, todos decorados em tons pastéis, as paredes cinza claro, bege, branco, *off-white*, marrom, as mesmas cores que se replicavam pelo *closet*, pelos ternos de trabalho e pelas roupas de passeio. O carro era grande, espaçoso, com uma pintura preta reluzente e bancos de couro.

Mas faltava algo. E, quando Eduardo Pigmalião, o feliz dono da mansão, percebeu a falta, ela foi preenchida sem muito esforço por Ana, que chegou como se sempre houvesse estado ali. Ela era limpa, cheirosa, cabelos

soltos e lisos, o rosto sem nenhuma marca de espinha, o corpo todo sem nenhuma cicatriz ou pelo. Usava pouquíssima maquiagem, acessórios pequenos e em pequena quantidade, roupas largas, quase sem estampas, evidenciando na medida certa as formas de seu corpo feminino. Um receptáculo minúsculo, frágil, transparente, de tudo o que faltava naquela ampla residência, tão clara quanto aquelas paredes, tão impecável quanto o sofá europeu. Trouxera o cheiro de rosas, a voz de mulher, o conjunto de facas e os potes de cremes. As mãos, bem tratadas com uma manicure em tons de rosa pastel ou bege ou branco, se asseguravam, sem deixar rastros, de que houvesse um lugar para cada coisa e cada coisa estivesse em seu lugar.

O porte de bailarina combinava com a graça com a qual ela dançou a coreografia bem ensaiada do cortejo, do namoro, do noivado e do casamento. Sabia quando dizer sim e quando dizer não, quando sorrir e quando manter-se em silêncio, como usar os cabelos, como cumprimentar os sogros e figurões do trabalho do marido, a quantidade exata de vinho que deveria beber, como mexer nos cabelos, como mentir e como falar a verdade. O anel de ouro no dedo anelar da mão esquerda, combinado a outro, enfeitado por um brilhante discreto, chegou em menos de seis meses, tornando-a Ana Pigmalião.

Comentava-se, aliás, que o casamento fizera muito bem a Eduardo; que era chegada a hora de sossegar, constituir família, que ele se tornara, finalmente, um homem. Que agora tinha tudo; a casa, o carro, a esposa. E ele, de fato, concordava com tudo, inebriado pela tranquilidade de uma casa limpa, do jantar pronto, de uma voz suave de mulher perguntando tudo o que ele sabia e queria responder e dizendo amém, por sua vez, a cada palavra que ele dizia.

Ana nunca, nunca era vista a limpar, cozinhar, ou passar roupa; tampouco se via, no entanto, qualquer uma das pessoas contratadas para fazê-lo. Se perguntassem a Eduardo, era possível que ele dissesse que a casa se

arrumava sozinha. Ele não questionava nem mesmo como o papel higiênico aparecia no banheiro todos os dias, como era servido o almoço ou como sua camisa aparecia magicamente lisa e com os vincos marcados toda manhã antes que ele fosse ao escritório. Era um homem, corado, forte, ligeiramente acima do peso, com uma voz grave. O sorriso tomava-lhe todo o rosto e as mãos eram grandes, grosseiras, mas não calejadas: o trabalho pesado não era para aqueles destinados a comandar. E ele, líder nato, se projetava cada vez maior, o homenzarrão com tom imperativo, o senhor daquela mansão, daquelas funcionárias, daquela pequena mulher.

Tomavam o café da manhã religiosamente às 7h, enquanto ele comentava sobre o dia que se iniciava - a agenda, as reuniões, os estrangeiros que visitavam a empresa - e ela sorria e desejava boa sorte ao marido. Amélia, a faxineira, observava o casal quase escondida; já não era de hoje que a voz de Dona Ana estava mais baixa, que sua pele estava mais pálida, que os olhos brilhavam menos; o cabelo caía, sem viço, emoldurando o rosto fino e a boca entreaberta em um sorriso idiota, comendo porções cada vez menores de amêndoas, granola, banana e mirtilos. Tocou o pingente de Nossa Senhora Aparecida que carregava em uma fina correntinha dourada no pescoço e pronunciou-se, também ela quase sussurrando:

Dona Ana, a senhora está bem? Daqui a pouco vai sumir, comendo só isso...

O patrão cerrou as sobrancelhas grossas, surpreso por escutar a voz rouca da empregada. Não estava acostumado a que *essa gente*, como se referia ao quadro de funcionários da casa e às pessoas que ocupavam as posições mais baixas na empresa, dirigisse a palavra a ele em meio a uma refeição. Olhou bem para a esposa, examinando-a, procurando o que faltava naquela mulher, que parecia com o que sempre fora... No entanto, alguma diferença essencial começava a aparecer... E ele não sabia precisar o quê, ou quando, ou como isso acontecera.

Ana está ótima, Amélia. - ele respondeu, tocando a mãozinha pequena e delicada da esposa. - Sabe como ela é, sempre de regime. Alguma dieta nova, meu amor?

Ana gentilmente olhou para Amélia, respondendo sua pergunta com um sorriso tímido e um aceno de cabeça na direção do marido. A ele, respondeu apenas um “não, querido”, sussurrado por entre os dentes brancos e alinhados, retribuindo o carinho em sua mão. O homem levantou, beijou a cabeça da esposa, pegou o paletó e entrou no carro preto com bancos de couro, arrancando em direção à empresa. Causava uma impressão cada vez melhor, aliás; de fato, a mulher certa é capaz de alavancar a vida de um homem, pensava ele enquanto rodava o volante do carro, também revestido em couro, lembrando-se de todos os eventos e ocasiões em que comparecera com a mulher pendurada em seu braço direito; era visto, agora. Diretores, diretores-assistentes, supervisores, todos agora o viam, o enxergavam como um homem, alguém que aparecia, alguém que tinha potencial para galgar os mesmos degraus que eles antes haviam galgado. E surgiam, um após o outro, mais jantares, mais confraternizações, mais eventos, mais festas. E em todas ele conversava com gente de outras filiais da empresa, gente acima dele, que sabia seu nome, que conhecia seu rosto e que, realmente, reconhecia o homem que estendia a mão direita num cumprimento, e não um menino. O nome “Eduardo” aparecia cada vez mais em reuniões de diretoria, nos círculos mais fechados do ambiente corporativo, e seu rosto preenchia o vazio deixado nas mentes dos poderosos a cada evento. E ele saía com mais nomes, e mais cartões, e era maior, falava mais alto e gesticulava com mais confiança.

Em casa ele era também soberano; tinha a voz mais alta, os braços mais fortes, o temperamento mais marcante. Era ele que ria alto, ecoando pelas paredes pintadas em tons pastéis, após beber uma garrafa de cerveja importada; era ele que decidia o que acontecia e quando acontecia. Era a

ele que esposa e empregados se dirigiam em tom de reverência. Ele era o dono da casa, conhecido dos vizinhos, das famílias, do homem que tomava conta da rua de noite.

De Ana, entretanto, se via cada vez menos a cada dia; a cada dia ocupava menos espaço, consumia menos recursos, discreta, compacta, excelente custo-benefício, não fazia sujeira; e como se não bastasse, era linda. Perfeita, brilhante, translúcida quase como um raio de luz. Os olhos, igualmente transparentes, sempre miravam o vazio do sorriso pateta do marido, que ela espelhava projetando mais vazio e repetindo, como um mantra, o que deveria ser feito a respeito dos pobres, dos militantes e dos insatisfeitos. O marido não tinha porque estar insatisfeito: a casa gigantesca que funcionava como uma embreagem lubrificada, a esposa etérea que lhe fazia todas as vontades, a segurança de um posto garantido pelo imortal texto que gerara toda a sociedade ocidental, que reunia louvores a cada domingo e a cada quarta-feira; Ana, misturada ao ambiente, também não se queixava, mas também não agradecia. Era oficialmente, cada vez mais esposa e cada vez menos Ana.

Dona Amélia percebia os grandes tufo de cabelo loiro espalhados pelo chão da casa; percebia as bananas, os mirtilos, o saco de granola e aveia que duravam mais e mais tempo, as frutas chegando ao ponto de estragar, espalhando pela fruteira o grosso e mal-cheiroso fluído que emana dos vegetais podres. Percebia a patroa cada vez mais magra, mais branca, os movimentos mais curtos e vagarosos, a voz sempre um sussurro inaudível em meio às declarações retumbantes de Eduardo. Durante uma festa, inclusive, em que fora contratada para auxiliar com a bagunça dos convidados, percebera que a patroa não usava sapatos.

Foi dele a ideia de convidar os casais de amigos para tomar vinho, assim como eram todas. E providenciaram-se petiscos, vinho e taças limpas. A caixa de som tocava alguma banda queridinha da indústria estadunidense;

Ana, agora, era praticamente uma boca escancarada, um sussuro tímido, uma risada que se fazia obsoleta no segundo seguinte, o sustentáculo de toda a grandeza de Eduardo, um rei em seu trono de couro de cordeiro. Suas mãos repousavam levemente no braço grande e peludo do esposo, treinada como um cão a olhar para onde ele olhava, a sacudir e acenar a cabeça, a levantar as sobrancelhas, abrir a boca e não soltar um som sequer.

Parada no canto da sala, escondida, a doméstica observava os seis jovens que conversavam e sorriam de maneira pouco espontânea; todos tentavam fazer-se ouvir por cima da música que saía dos alto-falantes, menos Ana. E correndo o olhar pela patroa, sempre mais murcha do que no dia anterior, percebeu que trazia os pequenos pés descalços, brancos como cera de vela, pousados no tapete felpudo do centro da sala sem nem mesmo amassá-lo. Não produzia pegadas quando se dirigia à cozinha, em busca de mais espumante, nem mesmo quando pisava na grama. Andava agora sem exercer nenhuma pressão no chão, quase como se flutuasse ou se arrastasse.

Em outro café da manhã, que corria como de costume - a narração de Eduardo sobre o dia que o aguardava, Ana comendo apenas um mirtilo, seis grãos de granola e dois pedaços de banana, os cabelos outrora reluzentes presos em um rabo de cavalo baixo feito sem nenhum esforço ou esmero, os pés cada vez mais leves, as mãos que agora tocavam cada móvel e cada objeto sem produzir impressões digitais - a empregada percebeu que a mulher não falava. O marido, cada vez mais entusiasmado, comentava que a social em sua casa fora um sucesso, sendo reforçado a cada frase, a cada pausa, cada respiração, por um curto aceno de cabeça da Sra. Pigmalião. A faxineira, fingindo estar concentrada na limpeza, escutava a conversa sem olhar para o casal, sentindo o peito queimar embaixo de sua medalhinha, os dedos calejados por uma vida de trabalho duro tremendo por sobre o pano úmido.

Dona Ana... - questionou, com a voz aguda. - ... é pra fazer aquele filé mignon hoje ou amanhã?

A mulher de Pigmalião fez menção de responder, mas nenhum som saiu de sua boca escancarada. O silêncio era tanto que ouvia-se o vento roçando na grama do quintal, o barulho do relógio de parede com a foto do casal, o som dos eletrodomésticos - geladeira, máquina de lavar, micro-ondas. Amélia contou dez movimentos do ponteiro dos segundos.

Amanhã, Amélia - a voz grave e retumbante de Pigmalião a respondeu. - Hoje eu não venho almoçar em casa, e estou querendo muito comer aquele bife.

Entendi, senhor Eduardo, muito obrigada. - disse a funcionária, rápido, tentando encerrar a assustadora interação entre ela e seus patrões.

E dia após dia, semana após semana, menos era visto da Sra. Pigmalião, menos se ouvia sua voz, menos tilintavam as pulseiras que carregava consigo. Não vestia mais nenhum acessório, aliás, as bolsas de grife estavam empoeiradas; o *closet*, antes lotado de peças caras, tinha três cabides pendurados. Os cosméticos sumiram da pia do banheiro do casal, o carro dela nunca mais fora ligado e pelo menos mais três membros do *staff* que cuidava da portentosa mansão comentavam que a patroa andava sumida, que deveria ter ido visitar os pais, que ultimamente precisavam confirmar tudo com o senhor Eduardo.

Mas os pais de Ana também não visitavam mais o casal. Os pais dele, quando vinham, agiam como se nada estivesse acontecendo, como se a falta cada vez maior da nora não fosse sentida. Os colegas de trabalho continuavam vindo, trazendo suas esposas, que interagiam entre si da maneira ensaiada e rapidamente cobriram a falta da amiga no teatro de sua vida social.

Após um feriado no mês de Junho, no entanto, Amélia e mais duas empregadas foram obrigadas a pedir demissão. Não mencionaram nenhum

motivo específico; e não mencionariam nunca, nem mesmo às próprias famílias ou ao padre, em confissão; nem mesmo no leito de morte, cercadas por netos, bisnetos, e filhos.

O frio do início da manhã, cortante, obrigava as duas a apertarem contra seus corpos os grossos casacos de lã, enquanto caminhavam do ponto de ônibus até a casa do patrão. Não falavam muito. O frio, o horário, a concentração na semana de trabalho que começava às induzia ao silêncio. Amélia, a empregada mais antiga, retirou do bolso a chave da casa dos patrões e destrancou a porta.

Em cima do tapete, que com tanto custo era mantido da mesma cor e com a mesma aparência do dia em que Eduardo Pigmalião o adquirira, estava uma estátua de mármore de 1,53m de altura; o material branco não exibia um vinco, parecendo ter sido trabalhado à exaustão pelo escultor; a cintura fina, o nariz delicado, os dez dedos curtos e finos das mãos, cada unha, cada dobra perfeita dos olhos, o arco do cupido acima da boca e cada fio de cabelo, eram exatamente iguais aos de Ana Siqueira, que se tornara, ao acertar toda a coreografia e aceitar o anel também cuidadosamente incluído no retrato, Ana Pigmalião.

Giovanna Vecchi



Sou Giovanna, tenho 28 anos e sou pedagoga de formação. Moro na região do Alto Tietê, em São Paulo, desde pequena. Desde pequena também, aprendi a me expressar por meio da linguagem escrita e da arte.



ABANDONO

Em instantes, Cardoso chegou à casa de Valeta. Demorou um pouco para recuperar o fôlego da subida a pé e aproveitou para desfrutar do aroma do jasmim-dos-Açores, que ela adorava e fazia questão de cuidar com as próprias mãos. Ele empurrou o portão de ferro e atravessou o jardim sem pressa. A casa estava estranhamente silenciosa e com as janelas semicerradas. Subiu os quatro degraus de mármore, viu a porta de folha dupla entreaberta, empurrou-a devagar, entrou e, ao reconhecer o perfume feminino, foi logo falando.

— Recebi seu recado, mas não pude vir mais cedo por causa do trabalho. Você sabe, não é? Estou louco de saudade.

Valeta não respondeu de imediato. Manteve distanciamento e estendeu-lhe a mão num cumprimento formal. Tinha o rosto impassível e a postura de desaprovação. Fez-lhe um gesto e foram para uma sala mais reservada, onde ele e o dono da casa, marido de Valeta, costumavam jogar pôquer e fumar charutos depois dos frequentes jantares que marcavam.

Ela o tratava com frieza, talvez porque estivesse magoada pela sua longa ausência. Decidiu insistir um pouco mais:

— Fale algo, Valeta! Está me deixando angustiado com todo esse suspense. E venha aqui... quero abraçar você!

Ela deu um passo para trás e anunciou com gravidade:

— Martins está à beira da morte. São os pulmões.

Sem saber como agir e o que pensar, Cardoso deixou-se cair sobre a poltrona mais próxima. Enquanto isso, ela continuou, implacável:

— Interessante que ninguém tenha comentado na repartição! Ou será que você nem notou a ausência do seu chefe?

Então, ele afundou o rosto entre as mãos, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Sentia-se o pior homem do mundo, pois não deu apoio ao amigo nos últimos meses. Agora tentava disfarçar um misto de surpresa, culpa e alívio. Surpresa porque não esperava que o amigo tivesse piorado tanto. Ele sempre teve a saúde debilitada, mas seguia driblando as dificuldades e voltava às atividades depois de um ou outro tratamento. Alívio porque, por pior que fosse essa situação, pelo menos sua traição não havia sido descoberta. E enfim, culpa, porque se Valeta ficasse viúva, estaria livre e ele não a queria dessa forma, com toda a responsabilidade que um relacionamento implica. Ele não era homem de ficar e sim de partir. Por isso, tirou a licença de seis meses e foi viajar pelo mundo sozinho. Por essa razão, preferia amantes a namoradas.

Ele tentou se recompor, ficou de pé e declarou:

— Podemos buscar uma segunda opinião com os melhores médicos, vamos levá-lo para São Paulo ou até mesmo para o exterior se for preciso.

— Não, não podemos... Não há esperança! — disse Valeta com tristeza. — O médico e o padre já estão lá dentro com ele. Não vai demorar e tudo estará terminado! Ele piorou muito nesse tempo em que você viajou. Só o chamei porque soubemos pelo padre que você estava na missa de domingo. Martins queria se despedir do único amigo que teve pela vida toda.

O clima trágico fez com que Cardoso começasse a se explicar. O porquê da partida, da demora na viagem e de não a ter procurado prontamente depois da volta. Aquele emaranhado de sensações do início da conversa, agora, resumia-se a remorso. Sentiu o peso da traição e perdeu a pose ao fitar os olhos frios da amante. Calou-se sem concluir o raciocínio.

— Vá! — disse Valeta, virando-se para a janela e ficando de costas para ele. — Ande logo para se despedir de Martins, você conhece bem o caminho.

O homem se sentiu aliviado ao ser liberado da presença esmagadora que a mulher tinha sobre ele. Mas ainda assim não pôde deixar de admirá-

la de costas: a elegância do vestido bem assentado à cintura e aos quadris, os cabelos jogados para um lado, deixando o pescoço parcialmente à mostra. Conteve com dificuldade o impulso de tocá-la, hesitou por um momento e seguiu para o quarto do amigo, onde só havia entrado, até naquele dia, para se deliciar nos braços da amante.

Ao entrar, viu que era tarde, não teve tempo de se despedir. O corpo de Martins já estava totalmente coberto por um lençol branco e os dois homens conversavam sobre os preparativos.

— Sinto muito! — disse o padre. — Ele não resistiu mais.

Cardoso cumprimentou-os devidamente e virou nos calcanhares, dizendo que ia dar a notícia à viúva. O médico rapidamente interceptou-o, colocando parte do corpo em frente à porta, para garantir que sua mensagem fosse ouvida até o fim.

— Eu mesmo darei a notícia a ela. Tenho acompanhado a família de perto nos últimos meses. Martins delegou a mim os cuidados que a Sra. Valeta certamente demandará nesse período difícil.

Cardoso sentiu uma fígada no peito. Seria ciúme? Agora, tudo fazia sentido: o olhar apagado de Valeta não era somente pela perda do marido, mas também pelo desinteresse que sentia pelo ex-amante, agora que já tinha outro em seu lugar.

Como ele pôde ter sido tão negligente? Era óbvio que Martins não gozava de saúde quando lhe concedeu a licença e ele partiu assim mesmo, deixando Valeta sozinha com o marido debilitado. Mas essa era sua natureza, fugir ao menor sinal de problema.

E o que se poderia esperar dela? Muito mais nova que o marido e bela de doer a alma. Ela era admirada e paquerada em cada esquina, fogosa a ponto de deixar qualquer homem de joelhos. Definitivamente, não lhe faltariam ofertas de ajuda.

Cardoso desviou-se do médico e saiu do quarto sem olhar para trás, atravessou o corredor em direção à porta de saída. Nem olhou para o interior da sala em que Valeta ainda estava; só ouviu o tilintar da xícara de café que ela tomava, como sempre. Foi aí que percebeu o quanto estava com vontade de beijar aqueles lábios carnudos com gosto de café. Abriu a porta da casa e saiu sem fazer ruído. Atravessou o jardim, consciente de que jamais sentiria o perfume do jasmim sem se lembrar dela novamente. Voltou ao escritório e deu a notícia aos colegas.

No dia seguinte, próximo ao horário do sepultamento do amigo mais influente e fiel que teve na vida, ele estava lá para segurar uma das alças do caixão, tentando, em vão, pagar a penitência da traição e do abandono que cometeu. Não teve coragem de levantar os olhos para Valeta, mas observou de longe quão maravilhosa ela estava toda de preto. Também não conseguiu cumprimentar o médico. Queria mesmo era voar no pescoço dele e esganá-lo toda vez que percebia o quão próximo ele estava da viúva, lugar que deveria ser seu.

O tempo passou e tudo foi se ajeitando. Cardoso foi promovido para a posição do amigo falecido, assumindo-a sem culpa, afinal, desde que se conheceram na faculdade de direito, sempre foi assim, ele era o bom vivant que tirava notas na cola do amigo estudioso.

Em poucos meses, Valeta estava casada com o médico, dois anos mais jovem que ela, feliz e frequentando todos os eventos sociais da cidade. Agora, com um marido jovial para atender todos os caprichos dela, Cardoso jamais teria chance de se aproximar novamente.

Mas não custava ficar na espreita. Casamentos têm altos e baixos e ele estaria por perto quando ela precisasse. Enquanto isso, passaria o tempo desfrutando do prestígio que o cargo de chefe da repartição costuma ter com as mulheres. Sempre as comprometidas, invariavelmente, como se o interdito fosse parte essencial do prazer.

Adriana Frosoni



Escritora e artista plástica, Adriana Frosoni transita entre palavras e imagens para investigar as camadas da memória, do silêncio, da ausência e do afeto. Formada em Artes Plásticas pela Escola Panamericana de Arte e em Ciências da Computação pela UFSCar, ampliou seu repertório em cursos de extensão e oficinas de escrita criativa. Tem contos publicados em quatro antologias da Editora Delicatta. Parte de sua criação pode ser acompanhada no Instagram [@adrianafrosoni](https://www.instagram.com/adrianafrosoni) e em seu perfil no LinkedIn [linkedin.com/in/adrianafrosoni](https://www.linkedin.com/in/adrianafrosoni).



VISITA SORPRESA

Estava eu ali, acompanhada apenas pela solidão. Nada mais fazia sentido. Acordar, trabalhar, comer, dormir. Às vezes, até conseguia me divertir. Mas para isso era necessário álcool. Muito álcool. E depois tudo voltava para aquele mesmo ciclo vicioso irracional.

Fiquei rolando a tabela de filmes de vários *streams*, sem vontade de assistir a nada. Então senti um vento gélido atrás de mim. Levantei-me para fechar a janela e me deparei com aquela sombra escura, parada a me observar.

Confesso que já estava tão anestesiada por aquela vida vazia, que sequer me abalei com aquela figura medonha. Então ouvi: “Tens me chamado cada vez mais intensamente. Por isso, resolvi te visitar.” O rosto cadavérico por baixo daquela capa preta começou a ficar mais nítido na penumbra. Via naquilo uma beleza estranha, incômoda, difícil de explicar. Havia vindo enfim me buscar?

“Não ainda”, disse ela, como se lendo meus pensamentos. A Morte não me parecia tão assustadora e cruel como sempre a retratavam. Ao contrário. Parecia acolhedora e gentil, como uma mãe que vem dar alento a um filho desesperado. “Precisamos conversar.”

Permaneci calada. Não queria realmente dialogar. Só desejava que ela fizesse seu trabalho, sem perda de tempo, sem muito ter no que pensar. “Gostas de verdade dessa minha imagem? Realmente não te causei nenhum espanto? Porque vê tanta beleza em algo que deveria ser horrendo aos olhos humanos?” Somente em pensamento respondi, meio que sem querer: “O que o mundo vende como belo, não costuma me convencer!” E ela permaneceu ali, a me observar, como se olhasse o fundo da minha alma.

Após alguns instantes, andou para trás de mim e colocou sua mão em meu ombro. Ao contrário do que sempre imaginei, não era fria. Abaixei a cabeça e fitei o chão, quando ouvi novamente suas palavras: “Mas apesar

disso, tens aceitado o que o mundo quer te oferecer. Conceitos rasos, dicotomias falsas... Tens sentido como se o mundo estivesse errado, mas que estás mais errada por discordar dele. Assim, acabas indiretamente dando razão àquilo que querem te empurrar. Mas tua alma, tão profunda, anseia por mais. Anseia por quebrar esses paradigmas. E não conseguindo, te encontras onde estás, neste vazio. E esse lugar é contraditório à toda vastidão que trazes em teu coração. E isso pesa, sobrecarrega, esmaga. E quase tem o poder de te matar.”

Lágrimas começaram a surgir, sem meu consentimento. O fluxo se tornou tão intenso que não pude conter o soluço que veio com elas. Senti aquela mesma mão quente levantar o meu queixo. Ela estava novamente a me observar de frente. Não queria olhá-la nos olhos. Não por medo, mas por me sentir completamente despida, sem nada a me cobrir. A sensação de não ter como me esconder tomou conta e isso sim era assustador. “Não sinta vergonha. Criaste tantas carcaças que te sentes insegura ao saber que te enxergo por completo. Confia! Encarar-me, fará você ver o que muitos não conseguem enxergar”.

Acabei por levantar os olhos, encarando-a novamente. Mas pra minha surpresa, a figura por baixo do capuz pesado havia se modificado profundamente. Um rosto agora vibrante me encarava. Emitia uma força difícil de explicar. Era realmente belo, cheio de vida. Com um olhar penetrante, como se uma luz saísse dele a me inundar.

“Essa necessidade tão brusca por ser abraçada pela Morte, é um grito desesperado por voltar a sentir a Vida em sua plenitude, pois Vida e Morte nada mais são que apenas pólos de uma mesma essência. Essência essa que vês diante de seus olhos, nesse exato momento. Convenceram-te que temer-me enquanto Morte era essencial. Porém com isso também te afastaram de mim enquanto Vida. O mesmo medo que sentia de morrer, levou-te ao medo desesperador de viver. E assim, se viu paralisada, vazia, sem

conseguir encontrar-me em qualquer de minhas faces. Por não conseguir ver a beleza que trago enquanto Vida, passou a ansiar visceralmente por minha face mais obscura, sem medo, pois ele já não fazia mais sentido.”

Ela então se afastou. E sumiu, como se nunca tivesse estado ali. Meus olhos inchados e eu paralisada. Voltei a olhar o chão. Era como se aquelas palavras tivessem penetrado meu peito, meu ser. A dor, que também parecia ser física, era extremamente profunda. Sequer conseguia elaborar um pensamento, racionalizar tudo aquilo que acabara de acontecer. O que havia sido dito por aquela sombra, que agora sabia exatamente o que representava, ressoava em minha cabeça.

Era como se algo instantaneamente tivesse sido ligado novamente dentro de mim. De alguma forma, conseguia compreender tudo que ela havia dito, mas não de maneira racional. Não que a rotina agora parecesse magicamente excitante. Pelo contrário. Fui preenchida pela certeza que não seria. Não aquela que vinha vivendo. Algo precisava ser radicalmente mudado. E seria. Então dormi. Com uma paz que somente uma criança após uma crise de choro consegue sentir.

Iza Sales



Iza Sales (@ofantatiscomundodaiza) é natural de Belo Horizonte/MG, onde cresceu com sua avó, tia e tio maternos e com sua mãe, que era professora de Português e Literatura. Nascida em 06 de junho de 1988, sempre teve o sonho de ser escritora. Desde nova foi bastante incentivada a ler e a escrever e ainda na infância já produzia pequenos poemas e textos, que encantavam a quem lia. Teve de encarar a perda de sua tia e sua avó ainda criança, quando passou a morar somente com sua mãe. Seu tio Salime, a quem sempre teve especial carinho e admiração, foi um ponto chave na visão de mundo que até hoje carrega consigo e que está sempre presente nos textos que escreve.



Quirino



QUANDO AS PALAVRAS NOS ENCONTRAM

Achei que tinha inventado uma palavra. Ela cabia certinho no texto, na parte que dizia "um linguajar assim, Quirino por inteiro...". Quirino era forte. Dava certeza pro linguajar. O "quase verbo" tinha algo assim do "quirinar" que conjurava força sem deixar rastros de dúvidas do que estava sendo dito.

Deixei o texto fragmentado por um tempo. Depois voltei, e comecei a duvidar. Palavra com tanta certeza assim, já devia existir. Daí fui pesquisar.

" O nome Quirino tem origem no termo latino 'quiris', que significa 'lança' ou 'dardo' [...] pode ter origem sabina, de onde veio a tradição de adorar Quirinus como um deus protetor."

Pensei: olha, faz sentido! Continua cabendo no contexto que havia inventado, onde lança e dardos lembravam acerto e os animais falantes da história eram mágicos. E continuei achando massa minha cabeça dizer que tinha inventado a palavra, a palavra existir e ter um sentido parecido pra coisa da qual queria contar.

Um dia qualquer, estava aos frangalhos indo pro trabalho, com um pouco de raiva do sol que incomodava meu estado de zumbi. Já na sombra, parada, aguardando na faixa de pedestre, decidi olhar pra frente ao invés de olhar pros carros. Sempre desconfiei de semáforos. Aquele em questão era maluco! Corava o verde e o vermelho ao mesmo tempo! Como confiar? Voltei o olhar pros carros, e atravessei. Na próxima faixa, olhei pro alto o ipê ali florido, lindo! Olhei pro semáforo com desgosto, verde para pedestre, mas os carros indo e vindo enquanto o outro dali da frente, nunca nem

vi mudar a cor. Olhei pra placa da rua daquele caminho conhecido há anos que carregava escrito "Rua Quirino"...

Ali entre o incômodo do sol, a beleza do ipê florido e a revolta dos semáforos, entendi que não tinha inventado nada, que só o pé da existência da palavra resolveu ficar na memória. Depois, existiu inteira e me deixou pelo caminho, no mesmo lugar onde a encontrei.

Jeniffer Silva



Jeniffer Silva é uma artista com formação em Design Gráfico (Universidade Paulista, 2016) e Processos Fotográficos (SENAC, 2022). Autora do livro "Devaneios Líricos para Portar Sonho", estabeleceu-se como uma voz literária que transforma o intangível em narrativa palpável. Seu processo criativo funciona através de olhares do cotidiano, onde cada fragmento de experiência é meticulosamente examinado e transformado. Sua obra continua a expandir-se, oferecendo novos caminhos para a compreensão da experiência humana em sua complexidade mais essencial.



ZUZU

Tem dias que acordo mais pensativa, reflexiva talvez. Hoje foi um deles. Tenho setenta anos, fui casada durante vinte. Não tenho filhos. Aliás, esse foi o motivo do fim do meu casamento. Ele queria quatro. Eu queria nenhum. Essa minha vontade despertou nele uma falta de vontade. Não entendia o meu querer. Interpretava como um defeito, um erro que eu devia consertar. Afinal, toda mulher sonha em ser mãe. Toda mulher sonha em se casar. Toda mulher sabe cozinhar. Toda mulher é capaz de edificar um lar. Toda mulher... Eu não. E nem sei se as outras sonham tudo isso que ele dizia ou só cumprem um papel que lhes foi atribuído, como o roteiro de uma peça onde os atores só reproduzem as falas. Eu não. Ele dizia que queria constituir família comigo. Eu achei que família já tivéssemos constituído quando nos casamos. Ele não. Para ele, a família se traduzia em filhos. Eu atuando como a facilitadora, reprodutora mesmo. Eu não. Aos quarenta e quatro anos me separei e fiz minha própria família. Eu e Zuleica, uma cachorrinha linda que, dentre tantas pessoas que passaram por aquela rua, ela foi escolher a mim para adotar.

Zuzu e eu tivemos uma vida tranquila. Por bons treze anos. Começávamos o dia juntas. Cada uma tinha a sua cama. Uma ao lado da outra. Às 5 da manhã impreterivelmente ela pulava para a minha e se encaixava na curva do meu quadril. Ficava ali até meu despertador tocar às 6:30 e o dia efetivamente começar. Tomávamos café juntas, dávamos uma caminhada pelo bairro. Ela trocava olhares e lambidas com os amigos da vizinhança. Eu trocava bons dias com os respectivos acompanhantes dos amigos de Zuzu. Depois voltávamos para casa. Eu me arrumava para o trabalho enquanto ela se estirava lânguida no sofá da sala. No fim do dia gostávamos

de jantar juntas, de ver a lua da varanda, de ouvir Nina Simone na vitrola da sala. Quando chovia, nos empoleirávamos no encosto do sofá para ver de camarote aquele espetáculo da natureza. Por volta das 11 rumávamos para o quarto. Zuzu roncava. Eu gostava daquele barulhinho estável ao meu lado. Garantia presença. Aquela segurança de não se sentir só. Sensação besta que muita gente não admite, mas todo mundo quer ter. Ter o outro. Não ter no sentido de posse. Isso eu sei que muita gente também quer, mas não é desse ter que estou falando. Falo daquele ter no sentido de contar, de se ver nele, de saber que na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, aquela pessoa estará lá. E nem sempre é um casamento. Ou é? Talvez a gente nomeie as coisas de forma equivocada. Talvez essa união estável, que te garanta paz, amor, segurança e presença que desenvolvemos com outro ser, seja de fato um casamento. É, acho que é isso. Me casei com Zuzu.

Quando Zuzu se foi eu perdi tanto... E olha que foi uma partida linda. Não sofreu, não adoeceu. Envelheceu. Apagou. Foi se deitar depois da última música de dona Nina. Feeling Good. Que ironia, senhor Universo. A vitrola silenciou, eu me levantei, me espreguicei, Zuzu deu sua tradicional rabanada, bebeu água no caminho para o quarto, fez seu xixi e pulou para sua cama. Me deu uma lambida em retribuição aos meus apertos desmedidos e se aninhou em baixo de suas mantas. No dia seguinte, fui acordada pelo despertador às 6:30 da manhã.

Enviuei. Dizem que se substitui um grande amor por outro. Não concordo. Ou pelo menos não consegui. Nunca substituí Zuzu. E não pensem que eu não tinha ou não tenho amigos, que era uma reclusa sofredora solitária que adotou um cão por falta de opção. Não mesmo. Namorei muito depois que me separei. Cultivei os amigos que tinha e fiz inúmeros

outros. A casa vivia cheia aos finais de semana. Zuzu nunca reclamou. Gostava de um rebuliço. Zuzu foi minha grande opção. E faz uma falta danada. A verdade é que a gente nunca esquece, mas tem dias que a gente se lembra. E aí o coração bate como um lamento e tudo fica pequeno.

Hoje foi um desses dias. Acordei pensando no que já foi. Com saudade do que poderia ter sido. Às vezes me permito regar essas memórias. Elas crescem, eu sei. Crescem tanto e tão rapidamente que podem se enredar em nossa garganta formando um nó difícil de desatar. Eu sei. Bom, eu sei na teoria, porque na prática, como diria a maravilhosa Cora Coralina, a teoria é outra, e me fodo monumentalmente. Bom, hoje foi assim. A chuva cessou lá fora e parou de regar essas lembranças aqui dentro. Sorvi o último gole do vinho que descansava na minha taça, desliguei a vitrola, que há anos não tocava dona Nina, e fui dormir para ser acordada às 6:30 da manhã pelo despertador, que não se apaga nunca.

Karin Blanco



Karin Blanco é brasileira, historiadora, fotógrafa, escritora, mãe e feminista desde antes de saber o significado da palavra. Adora conhecer pessoas, experimentar sabores, cuidar de animais e dar abraços. Coleciona histórias, principalmente de mulheres, que muitas vezes viram livros, como “Laura” e “Cultivando Vazios”. Já viveu em alguns cantos deste planeta. Atualmente mora em Portugal onde discute temas cotidianos no podcast @Por.que.nao e escreve cartas de animais abandonados no perfil @maia_adventureira.

UM CARNAVAL, DUAS PERNAS QUEBRADAS



Sei que não fui a única foliã a ficar presa por dias em um quarto após pular o Carnaval. Só que tenho certeza que raríssimas pessoas passaram por isso pelo mesmo motivo que eu. Fui refém da minha própria solidão, depois de um Carnaval em Belo Horizonte (MG). Antes o título fosse mera ficção. Porém, é real: saí do interior de São Paulo, peguei um avião, fui pra rua e quebrei as duas pernas no segundo dia de festa. Sim, as duas. Meu primeiro Carnaval solteira, após um relacionamento de oito anos encerrado com um final tragicômico, aquele da velha e boa história de traição com a colega do trabalho. Ali estava eu, a jovem senhora solteira, cheia de glitter e confete, com um corpo fora do padrão de beleza, tentando ressignificar uma trajetória em meio a tantos buracos no caminho mal pavimentado. Porque as pedras a gente chuta, já os buracos, nas ruas mal iluminadas, passam despercebidos e nos derrubam quando menos esperamos.

Foi num lapso, num momento em que eu estendia a mão para segurar a maçaneta da porta do carro de aplicativo e sentar no banco de trás. Nesses segundos, não me pergunte o que aconteceu, porque até agora eu não sei explicar. Senti minhas pernas, braços, e o rosto tocando uma superfície áspera, areada, suja, e meu corpo na horizontal não conseguia levantar. As pessoas se abaixavam para falar comigo, porque eu não podia virar ou olhar pra cima. Com muito custo, me levantaram e levaram para o hospital. Agradeço por isso ter acontecido em Minas, onde as pessoas são acolhedoras e amáveis. Só faltou trazerem o pão de queijo, porque o resto da cortesia mineirês me foi prestada. Veio o psicólogo, veio o ortopedista, os amigos e um novo carro de aplicativo, para me levar ao hospital.

Chegando ao hospital, na sala de espera, ironicamente, "Ainda Estou Aqui" ganhava o Oscar. Passei pelo médico, raio x, e esperava uma mera medicação para poder voltar ao hotel e seguir em frente com a programação

carnavalesca. Foi então que ouvi a fatídica frase: "Vai ter que operar". Operar? Sim, pelo menos uma das pernas, porque a outra fratura foi pequena e não precisa operar urgente. E além disso rompi muitos ligamentos. Muitos. O Carnaval acabava ali.

A última e única cirurgia que eu havia feito na vida foi a da retirada de apêndice, por volta dos cinco ou seis anos de idade, não lembro direito. Mas, diante ao novo susto, 30 anos depois, me mantive conformada. "Conformada" é a palavra que melhor resume minha reação frente às consequências desse ridículo tropeço. Que história mais humilhante. "Sim, as duas pernas". Isso é o que mais tenho respondido nos últimos dias desde então. As pessoas insistem, não acreditam em como um simples passo torto acabou com a minha folia e me colocou em uma cadeira de rodas temporariamente. Esse "temporário" parecia eterno, uma vez que as previsões médicas diziam que eu só voltaria a andar "normalmente" em, no mínimo, uns sete ou oito meses...

Antes disso acontecer, quando eu era "esposa", vivia emocionalmente dependente. E como solteira com as pernas quebradas, eu dependia 24/7 de alguém para tudo: banho, xixi, coco, dentes, comer, tomar remédios, dormir, acordar etc. Tudo. Aos poucos, fui reaprendendo a fazer o máximo de coisas que conseguia sozinha. Fui ganhando autonomia na minha vida. Tudo era novo, de novo. Quão irônica é a vida, não é mesmo? Interrompeu a minha liberdade de foliã para me ensinar a viver por mim, pelas minhas próprias pernas, mesmo que quebradas.

A nova geração ainda brinca de gangorra? A nova geração não usa mais letra maiúscula no início da frase ao digitar. O novo mundo é horizontal. São

muitas coincidências, e no meio dessa realidade, eu também me tornei horizontal.

Vou explicar essa conexão maluca da minha cabeça. Para entender, vamos voltar três longas casas, no caso, décadas. Quando eu era criança, os parquinhos tinham um brinquedo chamado gangorra: cada criança senta numa ponta do brinquedo, e quando uma dá impulso para levantar uma ponta, a outra desce. Eu era uma criança magrinha, pequena, levinha, e muitas crianças maiores se divertiam "me prendendo" no alto. Aí, quando eu cansava de pedir para descer e não era ouvida, eu simplesmente pulava da gangorra. E assim caí e me machuquei várias vezes, subindo e descendo, como a vida.

Parece imprudente, mas hoje eu sinto orgulho de todas as vezes que eu pulei da gangorra. Sinto que desde criança eu carregava uma força dentro de mim para decidir que, num momento onde eu não estava confortável, eu tinha que buscar outros caminhos e tomar decisões para sair daquele lugar. Era necessário cair, até me machucar, era sofrido, mas assim eu sabia que voltaria "à horizontal".

Corta para hoje, 30 e poucos anos depois, acontece o "Carnaval das duas pernas quebradas". Nos primeiros 15 dias, eu só podia ficar com as pernas estendidas, para não ter risco de trombose etc. Então, não conseguia fazer muita coisa a não ser ficar na cama, presa no quarto, usando fralda, tomando banho leito e dependendo de quem me trouxesse o que comer e beber.

Vale acrescentar um detalhe: tive que voltar a morar com meus pais, porque a cadeira de rodas não cabia no apartamento. Passei a reconhecer

as pessoas pelos sons de seus passos. Meu pai arrasta os chinelos, e minha mãe anda acelerada pisando forte e reclamando do carpete de madeira "que faz muito barulho". É irônico reconhecer isso quando se está em uma cadeira de rodas. É engraçado voltar a jantar "comida" - arroz e feijão, e não um delivery de lanche ou pizza - às 18h. É curioso lembrar todos os hábitos que mudei ao sair da casa deles, e o quanto voltar a vive-los me traz leveza. Comida caseira pronta no prato, louça e roupa lavada, cama com fronha e lençol sempre cheirosos. Muitos privilégios. Por outro lado, móveis que não são meus, horários que não são meus. Voltei a ser um bebê, um bebê de 34 anos, que precisa de atenção a todo momento. Quando somos bebês, esse tipo de cuidado é espontâneo. Não precisamos pedir, porque o cuidador sempre está ali para atender às nossas necessidades. Já adultos, quando voltamos às origens, precisamos da humildade do pedir.

Pedir é compartilhar uma fragilidade. É reconhecer e expor as nossas falhas. É entender que temos limites e que, por mais que sejamos fortes, nem sempre isso é suficiente para alcançar o que desejamos sozinhos. Pedir é saber que não vamos chegar com nossas pernas, e que existem forças e pessoas maiores dispostas a nos impulsionar. Pedir é assumir as fraquezas e também é a grandeza de compreender que somos apenas um grão de areia em um deserto cheio de grãos de areia. Pedir exige escolher as palavras certas, pensar no tom de voz, no momento e, principalmente, no ouvinte. Cada um dos fatores por trás dos pedidos reflete diretamente na resposta. Ação e reação. Saber pedir é essencial para ser atendido.

Minha vida, nas semanas das pernas quebradas, na cadeira de rodas, tem sido repleta de pedidos. Preciso de ajuda para as coisas mais simples do dia a dia. Para as necessidades básicas. E aí, dia desses, aconteceu algo enquanto eu voltava da consulta médica, sentada com as pernas quebradas

estendidas e imóveis no banco de trás, segurando a cadeira de rodas que vinha chacoalhando no porta malas, enquanto minha mãe dirigia. Paramos no semáforo e então veio à janela um pedinte cadeirante, com roupas surradas e um aspecto até um pouco sujo. Pedi para minha mãe abrir minha carteira e dar todo o dinheiro "papel" que tinha ali - porque eu raramente tenho dinheiro em espécie na carteira, já que agora é tudo pix. Ela deu, ele foi embora grato. Fiquei pensando desde então na complexidade do pedir. O quanto é difícil ter que aceitar que em alguns momentos dependemos da empatia do outro para viver e ter acesso a coisas básicas: comida, água, morada. Imaginei passar um dia inteiro embaixo de sol e chuva, recebendo mais "nãos" do que "sim" aos pedidos, na esperança de conseguir um trocado para garantir o dia seguinte, e vivendo nesse mistério de não saber o dia seguinte. Ninguém sabe o que vem no dia seguinte mesmo, mas é fato que a vida é melhor quando está mais organizada e estável, sem necessidade de pedidos serem atendidos.

Depois de 15 dias de pernas estendidas e botas ortopédicas, comecei a dobrar as pernas, a andar melhor com a cadeira de rodas, passei a usar o andador para pequenos deslocamentos, depois a bengala, fui ganhando mais autonomia a cada dia, fazendo minhas coisinhas...

Nessa experiência, tive que reaprender muita coisa para realizar a passagem da vida "horizontal para vertical". Quando achava que estava tudo bem, tomei um outro tombo: a cicatriz da cirurgia infeccionou, tive que ser internada e fazer um novo procedimento cirúrgico, etc, mas a minha versão gangorra estava presente.

Apesar das dificuldades, ainda sou muito grata por descobrir a felicidade nas pequenas coisinhas inhas inhas da vida: numa xícara de café com

leite gelado, no pão com manteiga torrado, numa leitura engajante, num filminho no sofá, numa visita cheia de fofoca, na ligação ou mensagem inesperada, no ventinho da janela do carro, no sorriso de outra pessoa, enfim...

É clichê dizer que a vida é uma gangorra, mas ela é mesmo. Tem horas que nada substitui os clichês. Manter o equilíbrio entre esses altos e baixos é essencial. A vida é horizontal, vertical, horizontal de novo...

Houve outro tombo marcante na minha vida, antes desse do Carnaval, antes da cicatriz infeccionada. Aconteceu na véspera de descobrir uma das notícias mais dolorosas da minha vida, mais dolorosa até que as pernas quebradas: a notícia de que eu estava sendo traída em um relacionamento de oito anos. Quando a recebi, estava viajando com minhas amigas. Elas decidiram me levar para longe ao saber que eu iria me separar. Até então, era só o fim pelo fim. E lá estava eu, me divertindo, bastante alcoolizada, e num momento de distração e desequilíbrio, tropecei em um degrau, à beira da piscina. Fui de cara para o chão. O piro áspero, feito para ninguém derapar, não cumpriu sua função e isso resultou em um joelho com um ralado enorme, de uns 5 cm de diâmetro. Há muitos anos eu não me machucava assim, pelo menos desde a infância. Foi desses machucados que você olha e lembra na hora das quedas de bicicleta, corridas, esconde-esconde, gangorra... Daqueles machucados que, quando você chegava e mostrava em casa, ouvia a bronca da mãe enquanto ela aplicava aquele velho e bom “me tiolate”, deixando a ferida ainda mais aparente. Com o passar dos dias, como toda ferida, ela foi criando “casquinha”, dessas que a gente reluta em tirar, porque quando tira é pior e demora mais para cicatrizar.

O passar do tempo fez cicatrizar meu coração e meu joelho. Dentro e fora de mim, via as feridas e dores se curando, sem eu fazer nada além de

observar. Quem tratou de cuidar foi o doutor destino. Tive paciência e reconheci que não tinha remédio melhor que aceitar e esperar passar. Cutucar a ferida não adiantaria em nada. Deixei lá. Fiquei observando as casquinhas crescerem no meu joelho e no meu coração, de dentro pra fora. Agora, sentada no sofá, vejo o joelho marcado, mas curado. É bizarro pensar na capacidade de regeneração do corpo, do quanto somos capazes de nos recriar, de renascer sem precisar morrer. Basta saber esperar e entender que nosso próprio organismo vai cuidar de tudo. Confiar. A gente precisa se deixar levar, deixar o corpo fazer o que sabe, no seu tempo. É mágico ver meu corpo sem feridas depois de tanto se machucar. Isso é o que eu chamo de aprender com os tombos da vida.

Antecipei minha recuperação das pernas em dois meses. Com fisioterapia, muitos curativos especiais etc. Voltei a andar, a dirigir, a morar sozinha e cuidar de mim mesma. Venho há dias represando uma lágrima na minha pupila. Não sai, nem que force. E esse choro empossado reflete um segredo interno, assim como uma poça d'água nos revela imagens que só paramos para ver ao acaso. Preciso de gente. Não de um relacionamento, de gente. Sou humana, e humanos são seres sociais. Não, não preciso sair de casa. Preciso de gente. Mas também não sei se quero receber visitas, ou ir visitar essa gente. É um eterno duelo entre amar a solidude e querer falar e ouvir outras pessoas. O tempo no quarto me fez repensar minha solidude.

Um filme começado passando na TV. Um cochilo no sofá. Três avé-
marias pra te esquecer, uma pra me encontrar. Duas pernas quebradas,
uma alma selada.

Karina Pilotto



Karina Pilotto, jornalista de Americana (SP) graduada pela PUC-Campinas, e pós-graduada em Gestão da Comunicação em Redes Sociais pela Anhembí Morumbi. Atualmente é analista de comunicação na área de tecnologia. Instagram: [instagram.com/karinapilotto](https://www.instagram.com/karinapilotto) | LinkedIn: [linkedin.com/in/karina-pilotto](https://www.linkedin.com/in/karina-pilotto) | E-mail: karina.pilotto20@gmail.com.



O RECOMEÇO

Recomeços geralmente inundam o momento da guinada com receios e emoções!

Tudo isso em virtude da proximidade de quando se resolve mudar um curso e encarar algo novo, ainda que sejamos jovens ou estejamos perto da melhor idade cronologicamente falando. Na verdade, mesmo quando não se é tão jovem assim pode-se ter o vigor dos trinta anos, com o privilégio de ser um tantinho mais experiente. Mudar é sempre um desafio, uma ruptura.

Comparo a mudança ao momento de alguém que sai da casa dos pais, ambiente que já conhece bem e onde se tem aconchego, calor e amor e chega a hora de se aventurar só ou na companhia de alguém com quem vai viver um novo relacionamento, ou um novo ambiente de trabalho. Pode-se seguir rumo a uma nova casa ou a um novo espaço.

A emoção e a razão movem o ser humano na busca de novos caminhos e também pela construção de novas pontes. Embora signifique a princípio uma “ruptura” da qual falei acima, não se apagam as memórias, nem se desfazem os laços anteriormente construídos. Os laços verdadeiros sempre se conservam firmes e sólidos, o que se desfazem são as ações de rotina, os exercícios diários do ambiente em que se estava, uma parte que nem sempre é agradável, mas que cumprimos de forma automática mesmo sem perceber. Na busca do novo, do movimento e do que seja melhor, é sempre importante se colocar constantemente em movimento. Nossa... isso me fez lembrar das aulas de física lá atrás MRU/Movimento Retilíneo Uniforme e a Física nunca foi meu forte, mas minha memória é razoável. É um andar em linha reta e com velocidade constante. A vida exige isso de nós, não podemos parar de pensar assim como não é bom

parar de se movimentar. Este passo constante vai nos levando, mas não só ao sabor do vento, é necessário ter os pés no chão firme, cada passo deve ser planejado, embora em alguns trechos do percurso seja possível encontrarmos “uma pedra no meio do caminho” (DRUMMOND, Carlos, 1924), tropeçar ou pular, quando se deparar com as pedras, e até mesmo pisar em cima quando for necessário, mas seguir. Perseguir, seguir, ir, nesta ordem. Perseguir um objetivo, seguir em frente até alcançar e ir sem medo quando ele se apresentar. Não é uma fórmula tampouco uma sugestão de conduta, afinal, aqui não se pretende produzir uma receita, mas apenas descrever de alguma forma o que se pode passar em uma situação onde se busca mudanças. O círculo é uma figura geométrica, usada como figura de linguagem para definir períodos de nossas vidas dividindo entre fases que começam e terminam, mas creio que seja interessante pensar no símbolo matemático que traduz o infinito, aquele “oito deitado” onde se pode caminhar pela linha de forma a passar pelos os ciclos mudando de uma parte para outra, e novamente, novamente, novamente nova mente....mente nova, renovada, é isso.

É como virar a página de um livro. Nem sempre significa terminar a história, nem deixar para trás os personagens que fazem parte dela, é só um novo capítulo, que certamente será escrito por muitas mãos, com novos desejos, novas ilustrações, novos acontecimentos e abertura de outros novos caminhos. O que se quer, é que eles possam vir recheados do que venha do coração, do que traga alegria e vontade de ir, seguir, perseguir e conseguir, para depois apenas sentir. Sentir gratidão por todo o caminho e pelo caminhar se trilhou.

Katia Leal da Silva



Nascida e Residente na Cidade do Rio de Janeiro - Sudeste do Brasil. Escritora; Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO; Pesquisa- Bibliofilia feminina- Artigo publicado - Bibliófilas sim! Breves apontamento sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras. Revista Herança DOI: 10.29073/heranca.v3i1.231. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil Pela UNIMAIS. Atua como Bibliotecária escolar em rede privada onde realiza atividades de mediação de leitura e contação de histórias desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e realiza oficinas de escrita no curso da Educação de Jovens e Adultos –EJA. Atua na organização de Mostras culturais e Feiras literárias na Instituição onde trabalha. E-mail- kl.silva50@gmail.com | Instagram- @katialealdasilva | ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-0927-2136>.



A VOZ NO COMUNICADOR

A noite estava escura e silenciosa, envolta em uma neblina que quase parecia dançar sob a luz da lua cheia. Eu, Morgana, seguia de perto o meu namorado Eduard, que pilotava sua moto com a segurança de quem conhece bem a estrada. Atrás de mim, Lofin e Hiten, um casal de amigos, também se aventuravam na famosa Rota das Três Santas, que serpenteava pelo interior do Espírito Santo. O vento frio balançava meus cabelos, e a adrenalina de estar em duas rodas naquele cenário surreal deixava-me em êxtase.

Usávamos rádios comunicadores, uma maneira divertida de compartilhar a experiência. Enquanto atravessávamos uma estrada cercada por árvores densas, Eduard, em sua moto à frente, interrompeu o silêncio.

— Morgana, o que você está rindo? — ele perguntou, uma certa preocupação na voz.

Mas eu não estava rindo. Na verdade, nem tinha falado nada. Apenas a tensão do momento e a atmosfera densa da noite me deixavam em alerta. Olhei para o painel do meu rádio, confusa, mas não disse nada.

Após alguns minutos, decidimos parar para esticar as pernas. O local em que paramos era isolado, e a única luz que iluminava a cena era a da lua, que parecia ganhar vida à medida que as sombras se alongavam. Hiten, sempre cheio de histórias, comentou sobre as cruzes que eu podia ver ao longe, à margem da estrada. Eram pequenas cruzes de madeira, quase cobertas pela vegetação.

— Dizem que essa estrada é assombrada, — ele comentou, deixando Lofin um pouco nervosa.

— E as pessoas que aqui passaram nunca mais foram vistas, — Lofin acrescentou, com a voz trêmula.

Em um momento de silêncio pesado, meus olhos se fixaram na floresta ao nosso redor. Uma sensação estranha começou a me consumir. O vento parecia sussurrar palavras inaudíveis, e uma expectativa que não conseguia entender se apossou de mim.

— Tem algo se movendo na floresta, — murmurei, sem querer acreditar no que estava dizendo.

Eduard se virou para mim, seus olhos mostrando preocupação como se percebessem algo que eu não via. Os três ficaram em silêncio, a tensão aumentando a cada segundo. Foi então que ouvimos novamente a risada. A mesma risada ecoava pelo rádio, como se estivesse sendo transmitida de alguma outra dimensão. Não era a risada de um amigo; era uma gargalhada fria e distante.

— Vocês ouviram isso? — Lofin perguntou, com a voz tremendo.

Eduard segurou firme o guidão da moto, seus olhos fixos na estrada à nossa frente. Ele se comunicou comigo por rádio, mas antes que pudesse falar, a risada seguiu ecoando, como se estivesse nos cercando.

— Não somos nós que estamos rindo, — eu disse, a adrenalina agora substituindo todo o meu entusiasmo.

Antes que pudéssemos decidir o que fazer, uma sombra se moveu abruptamente entre as árvores. O coração disparou em meu peito e Lofin gritou. Era uma presença indistinta, mas suas intenções pareciam nada amistosas.

— Vamos embora daqui! — Hiten gritou, já voltando para a moto.

Eduard ligou o motor rapidamente e, sem hesitar, partimos em alta velocidade pela estrada, com Lofin e Hiten nos seguindo logo atrás. O som dos motores cortava a escuridão, mas a sensação de estar sendo observado não nos abandonava.

Enquanto acelerávamos, a risada ecoava mais uma vez, reverberando em nossos rádios. Não havia como escapar da sensação de que estávamos sendo seguidos, de que aquela estrada tinha algo profundamente errado.

O medo e a adrenalina se misturaram, revelando o lado sombrio de nossa aventura noturna. Uma coisa era certa: a Rota das Três Santas não era apenas uma via para motos; era um caminho que guardava segredos antigos e talvez, até mesmo, almas perdidas. E enquanto a noite se estendia, brilhos de luzes e risadas pareciam seguir atrás de nós, como quem nunca se cansa de brincar com a sanidade dos vivos.

Angela Gabriela da Silva



Angel Gabriela da Silva, 49 anos, brasileira, paulista, nascida em 13 de setembro, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. Solteira, mãe de três filhos maravilhosos: Pâmella, Nathália e Arthur. Filha de Marília Gabriela e Manoel Luiz, possui ensino médio completo, certificado pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Formada como cabeleireira profissional pelo Instituto Embelleze, atualmente curso Design de Moda (EAD) pela faculdade Unifatecie. Trabalho como merendeira escolar, sou costureira nas horas vagas e também motociclista integrante do grupo M.I. “Bikers of Angels”, na cidade de Cariacica, ES. Hoje abraço novas oportunidades para mostrar outras habilidades, e “escritora” é uma delas. Escrevo para a revista nacional e internacional *Autorretratos*, disponível online pelo Instagram. Espero que gostem! Sempre escrevo com muito amor e carinho. Divirta-se com essa leitura e obrigada por dedicar um pouco do seu tempo. Beijocas no coração!



FOLCLORE DO NORDESTE O TERRÍVEL CORPO SECO, O UNHUDO

Somos um país rico em culturas regionais e outras trazidas de muitos países, somadas as nossas lendas, nos fazem senhores de muitas relíquias deixadas por nossos mais velhos, nem todas as histórias foram registradas por escrito, foi o boca a boca que atravessou de norte a sul, nossas lendas, nosso folclore que desperta tanto interesse e curiosidade, porque a raiz de cada lenda, de cada história há sempre uma intenção benéfica, algo verdadeiro que denuncia erros e injustiças ou é um alerta conscientizando as futuras gerações, com o respeito a preservação da natureza.

São nas matas, estradas, os rios, montanhas, cemitérios e velhas casas abandonadas, onde são captadas as maiores lendas, envolvendo os espíritos ancestrais e muitos deles, segundo suas histórias, continuam em terra, perambulando por vários lugares e sendo vistos por pessoas que tem contato com esses lugares.

E a nossa narrativa no momento é sobre o temível “CORPO SECO ou UNHUDU” um ser que apavora muitas pessoas, muita gente, abandonavam suas casas, de medo e pavor dos ataques do terrível monstro. Quem viveu essa experiência, faz o sinal da cruz, para ter coragem de lembrar e relatar como é o tal ‘Corpo Seco ou UNHUDU”, é um ser horripilante, pele colada nos ossos, usa trapos que cobre apenas a parte de baixo do corpo, usa um chapéu de palha esfarrapado e sujo, cabelos emaranhados e o que mais apavora são as suas unhas, sujas e enormes, olhos horríveis, saltando

para fora, e dentes afiados, colados nos ossos, o formato lembra os dentes de um cão.

Ao aproximar-se de sua vítima o seu corpo estala e ele emite um som estrondoso, seu odor é insuportável, não corre, se arrasta, pois o seu corpo é osso e pele, porém, ele fica às espreitas, na beira da estrada, atrás de alguma árvore, o que facilita ele puxar suas vítimas com as enormes unhas, dizem que ele se alimenta de sangue e de restos mortais nos cemitérios.

Conta os “mais velhos que existem centenas de “Corpo Seco” espalhados de norte a sul do país, tanto masculino quanto feminino, e que estes seres foram de uma malvadeza tremenda enquanto encarnados, batiam nos pais, matavam seus irmãos e seus próprios filhos. Quando desencarnavam não eram aceitos nem no céu, nem no inferno e a própria terra os rejeitavam, diante de suas maldades, segundo os indígenas e esses são os nossos maiores conhecedores da natureza, muitos pajés tentaram arrastá-los para o caminho da luz, mas, eles rejeitaram, não aceitaram ajuda, mas como dizemos sábios doutores da natureza, um dia, eles saem do corredor das trevas e entram no corredor da luz.

Vamos citar o depoimento a respeito de um desses seres, que desencarnando, se transmutou em um dos muitos Corpo Secos ou Unhudus, que perambulam por aí.

Um rico senhor de terras e muitas riquezas, além de ser um ser perverso, maldoso, sacrificou um dos seus filhos, ao descobrir que ele era deficiente físico, por muito tempo, sua mulher ocultava o menino da presença do pai, a criança tinha os pés virados para dentro, se fosse nos dias de hoje, uma cirurgia teria resolvido facilmente os pés dele. O pai só via, nos braços da mãe ou dormindo, um dia o pai cismou e perguntou a esposa, esse menino ainda não está caminhado por quê? Já tem dois anos, já nasceu a irmã mais nova e não o vejo aqui no meio dos outros. E se levantou indo ao quarto onde ficava o garoto, entrando no quarto os irmãos

mais velhos estavam lá brincando com ele, o garoto ao avistá-lo estendeu os braços falando papai! A mãe tremia, ajoelhou-se aos pés do marido e pediu: por favor, deixei-o em paz, se ele tiver que sair, eu sairei com ele.

O marido saiu deixando o terror estampado no rosto das crianças, após espancá-la, os filhos ouvindo o barulho do tão conhecido cinturão de couro, eles também eram surrados, a mulher em silêncio, segurando a dor para não apavorar as crianças que poderia vir por seus gritos, a boca sangrando e sem forças para se levantar, pediu: eu deixo os filhos sadios, me deixa ir embora com meu filho que não pode caminhar, mas é perfeito em tudo.

O marido cheio de ódio lhe respondeu: você vai ficar aqui para cuidar de todos os seus filhos, e quem vai decidir o que fazer com aquele aleijado, sou eu! Olha o que você me deu como filho! Você apanhou por ter me escondido, mentido para mim, escondendo um imprestável daquele!

No anoitecer daquele mesmo dia, o monstro sem dó e sem piedade, trancou mãe e filhos em um quarto e pegando enojado o pobre e inocente garotinho, o levou a um ponto do rio onde havia cardumes de piranha, fez um corte no pé do garoto e um grito de dor ecoou até alto da montanha, em poucos minutos as águas viraram sangue e tudo silenciou. Ele lavou as mãos, virou as costas e disse para si mesmo, melhor assim, preciso é guardar dinheiro para o meu futuro e não pobreza e sofrimento, assim nem ele irá sofrer e nem eu. Já ouvi tantas vezes que Deus é perfeito e nós fomos feitos a sua semelhança, então Deus não é aleijado, o que Ele cria tem que ser perfeito! Preciso prestar mais atenção nos meus filhos, já dizem os mais velhos, mulher engana até o Diabo, fui enganado por uma delas, mas, de hoje em diante ficarei mais atento.

Anos mais tarde ele foi devorado por um animal selvagem, encontraram apenas os restos do seu corpo, foi enterrado no cemitério do seu povoado, e logo as primeiras aparições começaram apavorar a comunidade, a

noite se ouvia um som ensurdecido vindo do cemitério, se juntou todos moradores do povoado e foram investigar o que estava acontecendo no cemitério, logo fora constatado, muitas covas foram abertas e não havia nem os ossos lá dentro, trouxeram um padre que aconselhou encher todas as covas com sal e lacrarem, e que esse ser diabólico quando sentia necessidade de alimentar-se estava atacando os corpos recém enterrados.

Todos os casos registrados por moradores de muitos lugares do Brasil são horripilantes, fala-se também de uma mulher muito bela, que não dava nada a ninguém, nem água ela dava, tinha um açude coberto com golfo, para a água não ficar exposta, ela ficava vigiando e colocando espantalhos nos quatro lados do açude, para os passarinhos não beberem água. E que em volta de sua casa à noite se escutava choro de recém-nascidos, ela havia sacrificado os seus filhos assim que eles nasciam, dizem que foram sete filhos, escondia a gravidez até o fim e comentava que não nasceu para ter filhos. Os seus pais que eram os proprietários da fazenda de repente sumiram, ela se encarregou de espalhar que eles tinham ido embora para o sul do país. E anos depois ela desapareceu, não encontraram o seu corpo, não encontraram nenhuma pista, porém, as crianças voltando da escola certo dia, descreveram um monstro que vinha estalando os ossos e com as unhas grandes tentando alcançá-los, e fedia a carniça, logo se espalhou a notícia que tinha um “CORPO SECO ou UNHUDU, colocando os moradores em riscos, os moradores, resolveram fazer uma busca em volta da casa, e encontram as ossadas de crianças e os esqueletos dos pais daquela mulher.

Os moradores, procuraram ajuda de um velho e experiente pajé, ele os instruiu, que havia uma forma de aprisionar o monstro, por sete anos em um cativeiro, depois desse tempo, abrissem para analisar como estava a criatura, se nesse meio tempo, ele tivesse se arrependido dos seus pecados, Deus iria lhe conceder que fosse retirado dali, acorrentado e levado

em alto mar, nas ondas do mar sagrado ele fosse batizado e liberto, deixasse que ele ficasse na casa da mãe que acolhe todos os filhos de Deus, a rainha do mar, ela o levaria a uma nova morada, em uma das cidades que ficam no fundo do mar. Alguns moradores antigos até hoje comentam as histórias que a noite ouviam gritos apavorantes vindo de algum ponto nas imediações. Esses cativos eram preparados conforme instrução do velho pajé, o local não era divulgado, e o material para aprisioná-lo vindo da mata, local aberto, uma urna com 21 metros de fundura, uma jaula e a armadilha com a sabedoria do grande pajé, o monstro era atraído e aprisionado, por um tempo ele iria se debater, uivar, mas aos poucos iria se acalmando. Esperavam a Sexta-Feira Santa, ocasião onde à maioria dos filhos de Deus, tendo ou não religiões entravam em sintonia com a luz.

O pajé foi questionado porque não o queimamos? Destruí-lo de vez?

O pajé riu e respondeu: não sejam tolos! Ninguém pode passar por cima de Deus! Acha que vocês podem destruir uma criação de Deus? Não estamos aqui para punir ou julgar, estamos aqui para ajudar, lembre-se que: O Diabo de hoje, poderá vir a ser um anjo amanhã, e o anjo de hoje, poderá ser o Diabo de amanhã! Deus é Pai, Ele dar chances a todos os Seus filhos, porque ele é Amor, é o Pai Criador, vamos orar por nossos pecados e confiar na bondade do Senhor, Deus ou Tupã, um só Pai para todos nós.

O velho pajé explicou que sete anos é um tempo significativo na espiritualidade, que esses filhos de Deus não são abandonados, eles recebem ajuda, e o sofrimento trazem ele de volta as oportunidades perdidas, e que geralmente todos eles que eram enterrados já não tinham necessidades físicas como comer e beber para sobreviver, já eram espíritos, e o que lhes sustentavam eram a luz dos espíritos generosos que cuidavam desses irmãos com muito amor e carinho.

Os pecados do mundo são tantos, Jesus foi sacrificado na cruz, e pediu perdão a Deus por todos nós. Então não podemos julgar os pecados de

nossos irmãos, por mais doloroso que tenha sido o seu erro. E quem pode nos afirmar que UM DIA não fomos um “CORPO SECO OU UNHUDU” o anjo de hoje, pode ter sido o Diabo de ontem, por isso é aconselhável a oração diária pelas almas que partiram e especialmente por aquelas que continuam perambulando em terra, e entre estes pode se encontrar nossos pais, nossos filhos, nossos companheiros.

Quando for ao mar, antes de entrar para aproveitar os seus benefícios, eleva o seu pensamento em Deus e na grande mãe que governa as águas do mar sagrado.

Quando for as matas, pede licença aos senhores que são os responsáveis por este reino de Deus em terra, o quintal de sua casa, é um reino de Oxóssi, um vaso com uma plantinha é um reino de Oxóssi, ali está um ponto de cura.

Quando for aos rios e cachoeiras antes de banhar-se em suas águas agradeça aos senhores destes reinos de luz e acreditem, quando respeitamos a natureza e aos seus guardiões, somos presenteados por eles com muitas bênçãos, saímos sempre desses pontos com o coração repleto de paz e de alegrias, nos sentimos leves e agradecidos, desejando retornar novamente.

“Apenas o Amor, Cura e Salva”

Maria Nazareth Doria



Sou jornalista e escritora, tenho 21 livros publicados, 6 deles traduzidos em espanhol, acumulei muitos prêmios e títulos, sou vencedora de alguns concursos literários, contos e poesias, inclusive um na cidade do Panamá, recentemente recebi a Medalha Cinquentenária da ABFIP- Associação Brasileira das Forças Internacionais da Paz, prêmio NOBEL da Paz de 1988 a 2002, essa medalha é outorgada pela ONU. Apresentei por 3 anos consecutivos o programa RAIZES INDÍGENAS (sou descendente indígena).



ALCOÓLICA

Era para o líquido rasgar a garganta, mas não sinto nada. Estou entorpecida. Temo que haja mais álcool que sangue em minhas veias. Dizem que a maneira como morremos é um reflexo da vida que vivemos. Penso, respiro, ando e me alimento, mas por dentro estou morta, em decomposição. O álcool devorou meu fígado, tenho cirrose. O câncer consumiu os pulmões, me afogarei em secreções. Tenho tanta vergonha do que sou que não me olho no espelho, por ser minha versão de *O Retrato de Dorian Gray*¹. Faz muito tempo que vago pelas ruas, abandonada. Vez ou outra, imagino como seria ter seguido por outro caminho, mas o tempo, meu carasco, alerta que nunca houve outro destino para mim. Peço mais um copo de bebida, o garçom se recusa. Enfio as mãos trêmulas no bolso e pego a carteira. Tiro o último tostão e jogo no balcão. Ele hesita, porém, cede. Dinheiro é dinheiro, mesmo o de uma mulher tão patética quanto eu. Preciso desesperadamente do último gole. Aquele derradeiro, que suprime o gosto amargo na boca. Fecho os olhos vermelhos e esbugalhados. Por que estou aqui, tão dilacerada pela dor? Não há resposta. Observo o leve tremular da bebida no copo e passo a língua nos lábios ressecados. A boca saliva. Viro tudo de uma só vez e bato o copo no balcão, sentenciando-me. Trôpega, levanto e carrego minha carcaça vazia para fora deste bar miserável. Quero dormir e nunca mais acordar, mas não posso. Sou cristã. Não posso dar fim à vida. Na rua, tudo é distorção. As pessoas desviam de mim e não me olham no rosto. Devem me achar grotesca. A tontura invade. Apoio as mãos na parede, não identifico o local em que estou. Desorientada, caio de

¹ Oscar Wilde foi um escritor e poeta irlandês.

quatro no chão e ali permaneço, vomitando as entranhas. Sem forças, despenco. A mente nublada se apaga.

Minha pele queima! O sonho é angustiante e gritos de dor emanam de mim. Debato-me, convulsionando, abro os olhos e vejo fogo. Estou queimando e é real! Alguém me sentenciou. Mais gritos. Contudo, não são meus. Pessoas tentam apagar as brasas que me consomem. Outra vez, mais gritos. Ouço o barulho de uma ambulância e vozes suaves tentam me acalmar. É inútil. Quem tranquiliza uma moribunda atormentada? Pouso os olhos no céu. Ergo o braço e tento tocá-lo em sua infinitude: não consigo. É inalcançável. Roubo de mim um sorriso e aceito o fim. Entre os flashes das luzes girando, vejo as estrelas que me chamam para um descanso eterno. Sou levada pela escuridão. Finalmente encontrarei a paz. A paz além das labaredas... labaredas que já me consumiram por uma vida inteira.

Anna Rodrigues



Anna Rodrigues, cearense, pedagoga e psicanalista, adora livros, músicas e filmes que explorem as singularidades e os conflitos dos relacionamentos. É tutora de gatos, ama praia e, é claro, escrever, pois como já dizia o grande cantor, compositor e poeta Belchior: “Afinal, a vida é mesmo uma aventura da qual não sairemos vivos!” Então, nada melhor do que pegar papel e caneta e escrever sobre a vida, os amores, os desejos, os prazeres e os sonhos que jamais envelhecem. É autora dos livros: 'A flor do meu desejo', com sua primeira edição publicada pela Editora Viseu; 'A flor da minha pele' publicado pela editora Hope e 'Contos Eróticos', publicados de forma independente na Amazon. Participou das antologias 'Sem pudor' e 'Amores de Outono', SF Editorial; 'Uma poesia para cada dia' e 'Cartas para o meu amor', Lura Editorial; Coletânea de Microcontos pela Editora Persona; 'Coletânea Erótica' no Wattpad; #annarodriguesromantica | @annarodriguescontos | anna.rodrigues.romantica@gmail.com.



CONTOS DO TEMPO E DA TERRA, DO FOGO E DO MAR

*Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora no mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que tão forte peito navegaís.*

Os Lusíadas, Canto X, 138

Luís Vaz de Camões

Em 1947, Edwin, o mais velho dos três irmãos Beineck, preservando uma maravilhosa tradição da aristocracia americana, inicia a incorporação da sua coleção “Robert Louis Stevenson” ao acervo da Yale University Library. Entre as obras, *A Ilha do Tesouro*, que navegou as mentes de todos os seres juvenis desde sempre, e *O Médico e o Monstro*, clássicos dos clássicos dentre as mais merecidamente famosas obras da literatura mundial. Quarenta anos antes disso, estaríamos presenciando Beineck carregar para as prateleiras de Yale outra joia, ainda mais preciosa, testemunho direto de uma empreitada tremendamente mais dramática e venturosa que a viagem à lua, intempestivamente vislumbrada em 1865 por Julio Verne e materializada cento e quatro anos depois na Flórida. Que obra poderia conter a façanha humana em sua mais impressionante arrebatção?

Recomendo retroceder seu pensamento quinhentos anos e imaginar o mundo como o prezava o cidadão europeu da época. Tente despir da consciência as conquistas que a Ciência trouxe ao habitante das cidades modernas desde a época nascente da colonização das Américas. É preciso desconfiar, quem sabe, que o mundo pode terminar num mar furioso despencando no

abismo do espaço, que os oceanos podem surpreender os viajantes com os piores monstros com os quais ainda não se teve encontro; que a coragem dos navegantes não pode terminar antes do inevitável naufrágio; que viver pode ser preciso, mas viajar é um risco insuportável e iminente. Que a vida tem histórias e desígnios que só a fé pode enfrentar.

A obra entregue em 1907 pelo filantropo Beineck chama-se “*Relazione del Primo Viaggio Intorno Al Mondo*” e foi escrita pelo geógrafo veneziano Antônio Pigaffeta, um dos sobreviventes da Expedição Molucas, frota de 5 naus e 250 marinheiros, idealizada e mobilizada pelo português Fernão de Magalhães. Por três vezes o projeto de Fernão foi recusado pela Coroa Lusa, até que ele decidisse apresentar sua obsessão ao V imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos I, também conhecido como rei de Castela. O monarca instituiu Juan de Cartagena como supervisor geral da empresa por não confiar completamente no português, tomando-o quase como um espião. Ora, tomadas as devidas proporções, o projeto equivalia a um soviético liderar um projeto americano em plena guerra fria. Tomemos também o tempo dos astronautas como uma das referências para entender os navegantes da nossa história. Portugal e Espanha equivaleriam, na época, a Estados Unidos e União Soviética no quesito rivalidade imperialista. Mesmo com todas essas prerrogativas contraditórias, no dia 20 de setembro de 1519 a armada manobrou de Salucar de Barameda em direção ao oeste brávio, quase que completamente desconhecido. Era mister evitar os mares da África, reservados aos portugueses pelo Tratado de Tordesilhas, em busca das tais especiarias das Ilhas Molucas, na Indonésia.

O relato de Pigafetta, publicado no idioma italiano em 1525, descreve a viagem de circum-navegação da expedição Molucas pelo globo terrestre consubstanciada em três anos do mais atroz sofrimento pela fome, pelo desespero, pelas tormentas, pelo frio, pela incerteza, pela carestia e privação,

pelas frequentes enfermidades, mortes e padecimento. O ponto final do angustiante desabafo transbordante de vaidade e orgulho chega logo depois de a nau Victoria, última restante da esquadra, despontar em Sevilha na madrugada do dia 6 de setembro de 1522. No tombadilho castigado da embarcação vinham as dezoito carcaças humanas destroçadas pelo escorbuto e pela infâmia da sobrevivência, desgastadas em sua humanidade e arrastando a glória da impressionante capacidade de autopreservação. Tão extraordinária viagem acostou em mais uma de suas excepcionais propriedades o ineditismo de desafiar a cronologia da razão e chegar um dia antes na contagem do tempo dos humanos continentais. Fernão morto em combate no caminho, o comando do que sobrou da missão restava assumido pelo ex-amotinado Juan Sebastián Elcano.

Em 1523, um ano depois de entrevistar esse punhado de sobreviventes, Maximilianus Transylvanus, nome latinizado do belga Maximilian van Sevenberg, publicava *Il Viaggio Fatto Da Gli Spagniuoli Atorno A'l Mondo*, contando, em primeira mão e sequestrando a manchete de Pigafetta, a épica viagem dos circum-navegantes, protagonistas da maior aventura humana em todos os tempos. Embora Pigafetta fosse o marinheiro mais talentoso intelectualmente e tivesse, inclusive, pago do próprio bolso para acompanhar a expedição como cronista da viagem, foi por meio de Transylvanus que os europeus souberam da existência de uma tal “Terra do Fogo” no extremo sul americano. Depois de confundir a saída do Rio da Prata com o estreito que atravessaria o continente, Magalhães desceu para o sul do continente e encontrou uma das mais furiosas regiões dos oceanos do planeta, com suas tempestades absurdas e carregando ainda a chegada inoportuna do general inverno, castigando o couro dos pobres marinheiros. Foi em Puerto San Julian, estraçalhada a frota pela brabeza do mar e pelos furacões antárticos, que Magalhães esmagou o motim de Elcano, entre tantas desgraças já a miserar o espírito do comandante.

A seguir, Magalhães teria encontrado uma tribo de aborígenes gigantes, portadores de pés enormes, aos quais lançaria imediatamente o epíteto de patagões, batizando assim toda aquela paragem meridional como Patagônia. E antes de virar os barcos no estreito que levaria às águas do engano que se chamaria Pacífico, teria observado, onipresentemente, fogueiras no mar, nas ilhotas, nas montanhas e em todo lugar onde pousasse os olhos à noite.

É aqui, na Terra do Fogo, que desembarcaremos da expedição Molucas para conhecer os Yámanas, ancestrais habitantes do extremo sul da América, que levavam o fogo onde quer que estivessem: na tenda da caça, na trilha da montanha, no chão da choza (uma espécie de oca), e até no fundo protegido com areia das canoas, para deslocamento e para pesca. Os colonizadores britânicos, exploradores locais das fazendas de ovinos que desertificaram as pastagens da Argentina meridional e irrigaram as tece-lagens inglesas, os chamavam *Fueguinos*. Por mais surpreendente que pareça, raramente os Yámanas usavam vestimentas mesmo no inverno pré-antártico. Nus, passavam óleo de leão-marinho ou de baleia no corpo para enfrentar o frio glacial. E onde quer que parassem, é claro, acendiam fogueiras, as quais foram inevitavelmente avistadas das naus capitaneadas por Magalhães em sua passagem perto do litoral patagônico.

Até 2016 havia em Ushuaia um museu, bem perto do aterrorizante presídio do fim do mundo, que contava a história dos Yámanas e de todas as tragédias responsáveis pela sua extinção. De como chegaram a essa parte do continente há mais de dez mil anos e de como aproveitaram o surgimento dos bosques para aliar-se ao fogo no combate ao congelamento. Das árvores mais poderosas, os Yámanas escavavam o tronco até esculpir suas canoas, imensas ou minúsculas dependendo da finalidade, pois pescar exige um veículo ágil, rápido, e manter o nomadismo exige um barco grande para deslocamento da família e dos mínimos e ingênuos

pertences. Continuando a história dos Yámanas, é imperioso contar que a primeira leva de extermínio foi, obviamente, provocada pela chegada do homem branco e suas doenças desconhecidas para o sistema imunológico desse povo até então isolado. A segunda forma de extermínio chegou pela aculturação catequizada pelos anglicanos, fazendo-os perder as referências da sua particular forma de entender o espírito do universo e de se manter unidos na terra. A ambição dos mineradores expulsou inapelavelmente os últimos remanescentes dos pontos ainda virgens da maldade civilizatória. Mas há um interessante mecanismo de extermínio não tão evidente à análise que precisa ser lembrado, uma vez que não temos mais o Museu Yámana para nos avisar.

Entre o povo Yámana existia um tipo de fogueira especial, elaborado quando uma baleia encalhava na praia. Tinha-se, então, alimento suficiente para alimentar várias tribos, aproveitando que o frio mantinha a carne consumível por vários dias. Era o momento de preparação dessas fogueiras especiais, vistas de muito longe e que, dentro do código de comunicação das tribos, indicava a existência de abundância de carne disponível. Então, por dias a fio, várias tribos se encontravam, festejavam e engordavam. Velhos, adultos, crianças. E jovens, preste atenção: jovens de tribos diferentes ali faziam seu cortejamento e se uniam, iniciavam casais, alianças entre diferentes clãs se formavam e as tribos cresciam populacionalmente, evidentemente.

Com a escassez de baleias no Atlântico Norte no final do século XIX, os baleeiros foram cada vez mais para o sul, chegando à Patagônia e exterminando os cardumes da região. Seguiam a trilha deixada por Magalhães, contornando a América em direção ao Pacífico. Cada vez menos cardumes de baleias no sul e, portanto, havia cada vez menos espécimes encalhando no litoral da Patagônia. Menos encalhes, menos fogueiras especiais. Menos fogueiras especiais, menos encontros de tribos diferentes. Menos encontros

de tribos, menos casais apaixonados. Menos casais apaixonados, menos aumento populacional. Menos aumento populacional, menos Yámanas no mundo. Por dez mil anos permaneceram em equilíbrio com a natureza; bastou cem anos de contato com o homem branco para extinguir-se da face do planeta. Em 1881, havia 3.000 Yámanas, passaram a 130 em 1902. Até fevereiro de 2022, restava apenas uma indígena: Cristina Calderón, uma cidadã chilena, última falante nativa da língua Yámana, que vivia na Ilha Navarino e faleceu com 93 anos. Da expedição Molucas tivemos dezoito sobreviventes; da nação Yámana, nenhum.

Ricardo Pegorini



Ricardo Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural Guapo-Rock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva". **INSTAGRAM:** @cronicas_ricardo_pegorini | **SITE:** <https://www.cronicando.online/blog>.



EPILÉGŌ TI DÝNAMI MOU: ESCOLHO O MEU PODER

Reza a lenda que, quando uma Deusa se escolhe com intenção, Gaia pausa para a ouvir e honrar. É um culto ao seu aspecto mais sagrado, retorno ao lar e à energia *Ida Nadi**. Nem todos os deuses ficam felizes, afinal, a libertação do véu da ilusão é vista como afronta. Mas, para as deusas, a força yin se expande e fortalece.

A cada século, linhagens ancestrais são curadas quando uma Sacerdotisa reconhece que, por trás dos véus celestiais que cobrem seu corpo, existe um reino encantado de infinitas possibilidades – o grande segredo, oculto há milênios, é que o caminho até a tão sonhada liberdade, é uma trajetória sinuosa, feita de avanços e recuos; e não uma linha reta como os grandes magos costumavam profetizar.

Permita-me retirar os véus que encobrem a verdade e abra seus olhos da alma, pois essa história não é para quem racionaliza demais e só acredita no que é permitido ser visto. Essa fábula, que é tão mágica que se esconde de almas descrentes, conta a história de uma mulher que foi a sua própria magia. E o poder desse rito sagrado, ecoa até os dias de hoje no coração de suas descendentes.

Há alguns anos enluarados, uma jovem deusa acreditava que seus véus celestiais azulados eram um pacto de descrição e responsabilidade de mediar mundos, como Perséfone e Nix. Porém, estava farta de que lhe atribuissem funções que nunca escolhera; sentia-se exausta de ser idealizada, julgada e cobrada. Estava pronta para dar um basta a tudo isso, afinal, de onde vinha tamanha audácia dos humanos, que se achavam deuses? E dos deuses que acreditavam deter seu corpo? A alma de Aura era livre, e nada

a perturbava mais do que lhe exigirem amor, como se fosse obrigação. Os que a cultuavam, a tomavam como propriedade, trocando oferendas por recompensas. Até mesmo quando se reerguia de intempéries divinas, sentia-se soterrada por expectativas alheias.

Ah... como a nossa Sacerdotisa, sempre tão introspectiva e contida, estava saturada de conter o poder adormecido em seu peito.

Sua fúria era discreta, assim como tudo nela. A aparência angelical confundia os que acreditavam conhecê-la. Mas Aura sabia que era questão de tempo até a última gota fazer o copo transbordar. Ela não queria mais ser o equilíbrio entre mundos; queria mergulhar em si mesma, sentir seus desejos fluírem e tomar posse de seu poder. Afinal, era uma Deusa.

Na noite em que tudo mudaria, os astros já anunciavam o presságio em reflexos verdes e lilases que serpenteavam pelo céu. A lua de quartzo derramava sua luz sobre o lago prateado, como se o mundo se aquietasse apenas para ela.

A Sacerdotisa caminhava descalça sobre a relva úmida, enraizando-se à terra a cada passo. Diante da água calma, respirou fundo e contemplou o momento: ninguém a guiava, ninguém a observava. Apenas ela e o silêncio. “Enfim, sós”, pensou, serena.

Lançou pétalas ao lago e, com elas, lembranças vieram. A menina que temia a solidão sob a lua. Os dias em que buscou aceitação nos olhos alheios. Os caminhos sombrios, as lágrimas de insegurança. Mas agora cada memória era acolhida como parte dela – não ferida, mas força. A lua refletia em seus olhos e, dentro deles. Nesse instante, Aura percebeu: nada externo poderia defini-la. Já era inteira em si mesma.

Com força e coragem, para conjurar o seu poder, acendeu uma vela e queimou lavanda com alecrim, invocando a chama que ardia dentro de seu peito ao pronunciar em grego: “*Epilégo ti dýnami mou*” (“Escolho o meu poder”).

E foi assim que Aura, como poucos a conheciam, libertou-se das paredes de mármore dos templos, ditos sagrados, e da prisão de papel decretada aos Arcanos, supostamente dispostos a sacrificarem a sua liberdade. Poeticamente, cada sílaba fundia-se à sua essência. Não eram palavras vazias, mas reverência à mulher que havia se tornado. Que estava se tornando, pouco a pouco.

Depois daquela explosão de magia, Aura imaginou suas manhãs de solidude sem culpa, tardes dançando sozinha, risos por pequenas conquistas. Cada imagem era uma pétala lançada à superfície de sua alma. O tempo dissolvia-se: não havia passado a corrigir, nem futuro a temer. Apenas o agora.

Quando a aurora tingiu o céu de pêssego e ouro, a divindade permaneceu ali, plena. O mundo despertava, mas ela não precisava correr. A verdade enfim se revelava: ela era suficiente, inteira, só dela.

Na singularidade daquela noite, a Sacerdotisa despiu-se do véu celestial e mergulhou nas águas prateadas, assumindo o poder de escolher-se antes de qualquer outra demanda. *Afinal, como equilibrar mundos em conflito se não houvesse equilíbrio dentro de si?*

E assim, mais uma Deusa foi libertada. Mais uma mulher reconheceu o seu poder. Indo contra a crença popular, não foi submissão que trouxe harmonia entre mundos, mas a liberdade de uma energia divina e feminina. Isso, porém, era segredo dela e da lua – que, selvagem, dançava entre as estrelas para celebrar sua escolha.

** Ida Nadi é um dos principais canais sutis de energia no corpo, segundo a tradição do Yoga e do Ayurveda. Representa a energia feminina, o elemento lunar, é fria, intuitiva, calma e introspectiva; sendo um dos três nadis principais, junto com Pingala (canal da energia masculina e solar) e Sushumna (canal central de ascensão espiritual).*

Luana Schröder



Luana Schrader é autora de romances mágicos e leitora voraz de livros de romance com altas doses de fantasia, acredita que é através da literatura que a magia acontece e tudo torna-se possível. Escreve ao lado de uma fada canina chamada Anja; é influenciada pela lua e pelas estrelas, acredita em destino e na magia do universo. Formada em Moda e em Escrita Criativa, começou a sua carreira literária em 2019, participando de inúmeras coletâneas nacionais e internacionais. É autora de *Serendipity* (2021); *Fios*

do Destino (2022); De repente, Natal (2022); Felizes agora e para sempre (2023) e Onde as fissuras brilham (Previsto para o segundo semestre de 2025). Em 2023 recebeu o Prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros e participou do Salão do Livro de Genebra (Suíça); em 2024 foi consagrada com o Troféu Fernando Pessoa de Literatura, e com o Prêmio Parisiense de Literatura e Artes. Acompanhe a autora pelas redes sociais (@luanaschrader) e pelo site luanaschrader.com.br



20 DE ABRIL, QUARTA FEIRA

Poderia ter desperdiçado palavras sem intenção, conversado sobre o tempo, coisas frugais, inventado alguma história para nos distrair do óbvio, mas não, estou com preguiça até para jogar conversa fora. Hoje, nada a dizer, incapacitada da minha habilidade habitual para usar a franqueza na solenidade dos assuntos sérios; se pudesse me livraria deles para todo o sempre, sobreviveria ad eternum da ingenuidade da ignorância.

Tenho medo do conforto do lugar errado. Ser engolida pela rapidez da vida e não desvendar quem sou verdadeiramente, o que vim aprender aqui, se tudo isso importa, descobrir que nada faz sentido até mesmo o que parece fazer. Qual a origem da culpa que nos coloca por último na fila? Me faço essa pergunta há anos procrastinando a sua solução. E sei que não estou sozinha nesse lugar onde sigo desculpando meu auto descaso lambendo quieta as minhas feridas, orgulhosa da servidão ao meu dever do afeto. Somos todos carentes do aplauso do sacrifício.

Apesar de lúcida continuo desculpando o que sei e vejo querendo me convencer de uma fantasia onde tudo é belo, extraindo muito do pouco, adormecida dos meus gritos, observando o que ficará quando eu perder a capacidade de transformar o que nunca foi naquilo que esperei uma vida inteira. Minha natureza humana incontestável – só pode ser – confiando meus sonhos a uma espécie de fé.

Como me preparar para o que está por vir? Me manter fiel a esse contrato de existência que assinei quando cheguei aqui desmemoriada - comprometimento penhorado nessa conta que vou pagar por um lugar ao céu – disposta a enfrentar ganhos e perdas, o amor, a maternidade, o altruísmo da

entrega nas relações, o lado b da maturidade, o pior do envelhecimento, a solidão da orfandade, a morte? Leio por aí sobre a transformação através da dor e não vejo sentido algum. Não creio que o caminho para a redenção esteja na punição das nossas pobres almas cansadas de tanta prova, entre migalhas de felicidade, me irrita as frases motivacionais que parecem querer nos convencer à conformidade, o caminho curto e fácil para sair do buraco.

Estou perdida. E triste. O futuro e o passado deixam muito pouco para o presente.

Paula Mazzoli



Paula Mazzoli é carioca, nascida e criada no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, escritora, formada em odontologia pela Universidade do estado do Rio de Janeiro. Trabalhou satisfeita como dentista por um quarto de século até decidir alçar novos voos, seguindo a intuição da sua alma contadora de histórias, cuidadosa do detalhe, observadora do afeto das relações. Encerrando um ciclo, abrindo espaço para o próximo. Hoje tem alguns de seus textos publicados em coleções de contos e antologias poéticas, e faz parte como colunista do site “Inconformidades”, voltado para os sabores, conquistas e descobertas da maturidade. Instagram: @eusoupaulamazoli.



A TAPEÇARIA

O traço que Léo tentava fixar no papel se dissolvia entre os dedos. O museu que deveria contar a história da cidade se negava a nascer. Cada documento, cada livro, cada registro trazia um caco de espelho quebrado.

Sua mente treinada para erguer estruturas firmes não aceitava aquelas fissuras. Precisava de uma base sólida, de uma pedra angular que sustentasse o todo.

Foi então que, quase por instinto, caminhou até a biblioteca, que, para ele, não era apenas um edifício, mas um templo oculto, onde o tempo parecia suspenso e o silêncio tinha peso de altar.

Entre as estantes, ele a encontrou. Sofia.

Não era uma figura imponente, mas algo nela despertava reverência. Seus gestos eram contidos, seus olhos, profundos como um lago sob o manto da noite. Ao entregar-lhe os volumes que pedira, deixou cair uma frase como quem deposita um selo invisível:

— O livro que você procura não lhe dará a resposta, Léo. Você ainda não compreendeu o problema.

As palavras ficaram pairando no ar, como incenso invisível. Ele, contudo, as rejeitou. O arquiteto não acreditava em enigmas.

O eco persistia. As linhas recusavam-se a obedecer sua régua. Os muros do projeto ruíam antes de serem erguidos.

Voltou, então, à biblioteca, não para pedir livros, mas para pedir um aconselhamento a ela. Sofia não ofereceu soluções. Apenas disse:

— Sinta a cidade. Ouça o que não foi escrito.

Obedecendo a algo que não entendia, Léo caminhou pelas ruas como quem percorre um labirinto iniciático. Viu símbolos nos azulejos gastos, ouviu vozes na música dos becos, percebeu o murmúrio das paredes

descascadas, como se cada pedra guardasse uma memória secreta. A cidade era uma tapeçaria de fios desiguais, uma tessitura de contradições, onde cada nó sustentava o todo.

Então, sem anúncio, a compreensão veio como brisa. A verdade não era monólito, mas rio que se ramifica.

Seu museu não seria templo de uma versão, mas um espaço de espelhos quebrados, onde o visitante pudesse andar entre camadas, como quem caminha no próprio inconsciente.

O projeto brotou como se já estivesse escrito em silêncio. Léo apenas o trouxe à superfície.

Mais tarde, ao contemplar a maquete, ergueu os olhos em direção à biblioteca.

Não precisava mais vê-la. Sofia continuava ali, guardando o véu entre o visível e o invisível, como a Sacerdotisa em seu trono de silêncio.

Ele entendeu: não fora um livro que lhe entregara a chave, mas o olhar dela, o mistério preservado.

E no coração do arquiteto nasceu a certeza de que toda construção é também rito: paredes erguem-se, mas é o invisível que sustenta o espaço.

Sheila Dunoginesse



Sheila Dunoginessse nasceu na Bahia e habita os bastidores do serviço público, onde observa o silêncio entre as palavras e os gestos. Escreve como quem recolhe cacos de espelho: para se ver melhor e, talvez, para refletir outros olhares.



RECONSTRUÇÃO

Eu conheci o Frederico no colégio, um menino lindo, gentil e simples. Era meu colega de carteira, sentávamos lado a lado e conversávamos no recreio. Fizemos alguns trabalhos em dupla, pesquisas de Ciências, Geografia, Química. Mas o Fred gostava mesmo era de Biologia e de conversar sobre tudo. Quando terminamos o ginásio em 1980, descobri duas coisas curiosas sobre o Fred, ele queria ser médico e ele era riquíssimo. Ele era tão gentil comigo, nada esnobe, o dinheiro não mudou o jeito dele de ser. Isso sempre me encantou nele.

Os anos foram passando e eu fiquei muito tempo sem saber do Fred. Um dia, numa festinha infantil com minha filha, vi um rosto familiar, os olhos lindos e azuis, cheguei mais perto, arrisquei perguntar:

- Olá, você é o Frederico?
- Sim, sou eu! – ele me olhou longamente e disse:
- Você é a Maria Cristina, que usava tranças, né?

Eu apenas sorri, ele se lembrava até das minhas tranças, que minha babá fazia, eu tive um super babá até os 16 anos. Depois ela foi embora lá de casa para se casar.

A gente se abraçou afetosamente, foi um abraço muito bom. Conversamos muito entre um brigadeiro e outro durante a festa. Ele pediu meu número, disse que morava fora do Rio, tinha uma clínica popular em Minas e vivia numa cidade pequena com a mulher e as duas filhas: Mariana e Julia.

Eu também apresentei minha pequena Isabel para ele, ele foi amável e falou que me conhecia desde os 10 anos. Minha filha ficou surpresa e perguntou:

- É verdade, mamãe?

- Sim, querida! Tio Fred era o melhor amigo da mamãe na escola e o mais bonito também.

A festa terminou e fomos para casa. Pensei muito no Fred naquela noite. Ele estava meio grisalho, mas continua lindo. Não comentei com ele que eu havia em divórcio do pai de Isabel há um ano. Pensei que aquele encontro tinha sido casual, a chance de resgatarmos nossa linda amizade era um sonho. Mas às vezes temos sorte...

Alguns dias depois recebi uma mensagem do Fred, ele estaria no Rio de Janeiro participando de um Congresso de Medicina infantil. Ele sugeriu que jantássemos juntos no hotel dele ou em outro lugar ali em Copacabana. Optei por um restaurante de comida francesa bem pertinho do hotel. Minha sugestão foi aprovada e eu me vi ansiosa para rever meu grande amigo. Muito ansiosa!

O jantar foi ótimo, ele contou sobre sua rotina, sobre as filhas e seus planos para o futuro. Só no final, ele me disse que estava se separando da esposa e estava voltando para o Rio. A mulher estava de mudança para a Espanha e ele pensou ser mais fácil viver aqui no Rio, pois ainda tinha família aqui.

Gostei da novidade – não posso mentir! No tempo da escola, nunca tivemos nenhum flerte, éramos muito próximos, mas eu era muito tímida quando jovem, se Fred demonstrou algum interesse afetivo por mim, eu nunca percebi.

Passamos a nos falar regularmente, ele me pediu ajuda para matricular as meninas na mesma escola da Isabel, alugar um apartamento novo, escolher os móveis. Gostei de participar, mas fiquei com medo de encantar demais.

Fizemos alguns programas com as três meninas juntas. Passeios no parque, praia, teatro e piqueniques. Fomos nos aproximando devagar. Um dia, a Julia que tinha a mesma idade da Isabel me pediu se poderia dormir

lá em casa. Não pude negar. Fred veio no dia seguinte buscar a filha com um buquê de flores – magaridas – as minhas favoritas. Almoçamos todos juntos no apartamento dele, no Jardim Botânico, uma cobertura linda, com vista para a mata. Foi um domingo muito alegre e eu voltei para casa me sentindo renovada pela nossa amizade.

Surpreendentemente, o almoço de domingo da casa do Fred se tornou um costume delicioso, sempre tinha alguém da família que também me conhecia da escola, irmãos, primos. Fomos ficando cada vez mais próximos eu e Fred. Até que uma noite, ele apareceu lá em casa sem avisar, era uma quarta-feira como outra qualquer. Abri a porta de short, óculos, rabo de cavalo – roupa de casa – não esperava você hoje, desculpe!

- Sem problemas! Você fica linda de qualquer jeito, Maria Cristina!

A gente se abraçou longamente e eu senti algo mágico, um calor intenso percorrendo o meu corpo. Fred me beijou ternamente! Não resisti e o beije intensamente. Ele percebeu que a gente guardava aquele sentimento com muito carinho, talvez há décadas.

- Cris, o teu aniversário é na próxima sexta-feira não é?

Eu confirmei com a cabeça, ele não tinha esquecido do meu aniversário! Posso te oferecer uma festinha lá no meu apartamento? Nós mais as meninas e alguns amigos que você queira chamar. Fiquei encantada com aquele gesto e aceitei na hora. Minha família andava me ignorando desde que resolvi me divorciar. Todos adoravam o pai da Isabel e não entendiam porque eu quis me separar.

A festa do meu aniversário foi linda, uma noite fresca, comidinhas tropicais, vinho branco gelado e muita música dos anos 80 e 90. Os convidados perceberam que eu e Fred estávamos juntos, a gente se olhava de um jeito que era muito especial.

Na semana seguinte, depois do almoço de domingo, quando eu peguei Isabel para voltarmos para casa, ele me chamou na varanda e disse:

- Posso comprar as passagens para Grécia? Sei que você ama Santorini. Posso? Só uma semana eu e você? Vamos tentar recuperar o que não vivemos na juventude?

Eu comecei a chorar, não sabia o que dizer. Finalmente, me aclamei e disse : sim, vamos a Santorini!

A viagem a Santorini foi muito prazerosa! Conversas ao luar, jantares deliciosos, passeios de barco. Fomos nos aproximando mais e mais. Certa noite, após um jantar maravilhoso num restaurante com música ao vivo, fomos caminhando até o hotel de mãos dadas e de repente Fred parou e disse:

- Cris, eu tenho um sonho e quero compartilhar com você! Se você topiar será o nosso projeto de vida para o futuro.

Fiquei surpresa com tanta seriedade, naquela declaração. Mas sorri e ele então contou sobre os planos. O avô dele tinha uma fazenda perto de Friburgo, eu já tinha visitado quando jovem com um grupo da escola. A fazenda precisava de reformas, Sr. Manuel estava velho e doente, Fred queria assumir a fazenda e transformá-la num hotel fazenda para que os lucros pudessem manter a propriedade para as próximas gerações.

- Cris, eu gostaria inclusive de viver lá na fazenda daqui a alguns anos. Ter uma clínica popular na cidade ou na própria fazenda. Se você topiar, a gente pode se casar lá quando a reforma ficar pronta.

Eu não esperava aquele pedido, assim, no meio de uma confissão. Comecei a chorar e disse que precisava pensar.

- No casamento ou em morar na fazenda?

- Morar na fazenda é uma grande mudança.

- Podemos ter um filho também. Quero muito um filho para deixar no meu lugar, seguir o meu legado e melhorar o mundo.

Eu continuei chorosa e ele me abraçou, beijou minha mão e tirou do bolso um lindo anel de pérolas com um rubi no centro. Continuamos

andando em silêncio até chegar ao hotel. Eu não consegui dormir direito, era muita informação para digerir. Fomos para varanda e ele disse calmamente que tudo seria feito no nosso ritmo, adaptando as rotinas das meninas e a minha.

Na volta, fizemos um pequeno jantar para amigos, anunciando um futuro casamento. Minha família soube da novidade e finalmente minha mãe me ligou. Minha família quis também encontrar o Fred e comemorar a nossa decisão de viver juntos. Mantive meu apartamento por quase um ano alugado, tinha medo de não me encaixar nos sonhos do Fred. Mas aos poucos fui cedendo e vivendo aquele novo caminho. Eu nunca tive sonhos grandiosos: apenas queria ser feliz, ter saúde, criar bem a Isabel e viajar nas férias.

As meninas ficaram felizes de morarem juntas. Ganharam uma suite com banheiro e uma linda varanda. Elas estavam curtindo a vida em família. Começamos a ir quinzenalmente à fazenda para cuidar da reforma. A obra na sede principal e na casa do caseiro, que se transformou em casa de hóspedes, demorou 18 meses. Fui me acostumando com a ideia de morar lá. Isabel, Julia e Mariana podiam levar amigas para a fazenda, andar a cavalo, tomar banho de rio, curtir a natureza.

Um dia, Isabel me disse que poderia morar com o pai dela se eu quisesse morar definitivamente na fazenda. E acrescentou que iria nos finais de semana depois da escola, era só mandar um motorista para pegá-la.

- Mãe, eu sei que você gosta dele! Fred é muito carinhoso, você vai ser feliz.

Depois dessa conversa, fiquei mais leve e fui aos poucos me preparando para compartilhar a guarda da Isabel com meu ex-marido. Tudo aconteceu muito rápido, as meninas do Fred foram morar com a avó paterna, em Ipanema. As três vinham todo final de semana para a fazenda,

eu ainda ia ao Rio às terças-feiras, sentia necessidade de ver o mar e ver gente. Voltava para a fazenda, morrendo de saudades do meu marido.

Inauguramos a pousada, oito quartos lindamente decorados e amplos. Comecei a cuidar das reservas, do menu, do marketing e em poucos meses estava feliz trabalhando, recebendo turistas, conversando com gente nova, falando francês. Fiz uma sala de leitura charmosa e às vezes, às noites de sexta-feira, leio poemas para alguns hóspedes. Esse mini evento começou a ser divulgado na região, outras pessoas reservam para jantar na pousada e me ouvir ler poemas ou crônicas curtas. Assim pude viver de literatura e ainda ajudar meu marido querido a viver os sonhos dele. No fundo da sala de leitura, sempre vejo aqueles olhos azuis que transformaram a minha vida simples em uma vida extraordinária. Ele, o meu Fred, sempre atento às minhas aspirações mais secretas.

Atualmente, estou aprendendo alemão com uma senhora maravilhosa, filha de imigrantes do século XX. E por incrível que pareça, Sr. Manuel vai fazer 92 anos mês que vêm. Ele anda muito feliz desde que nós nos mudamos para cá, ele me disse outro dia:

- Eu sempre soube que o Fred era apaixonado por você, mas você sumiu...Aí ele casou com a espanhola.

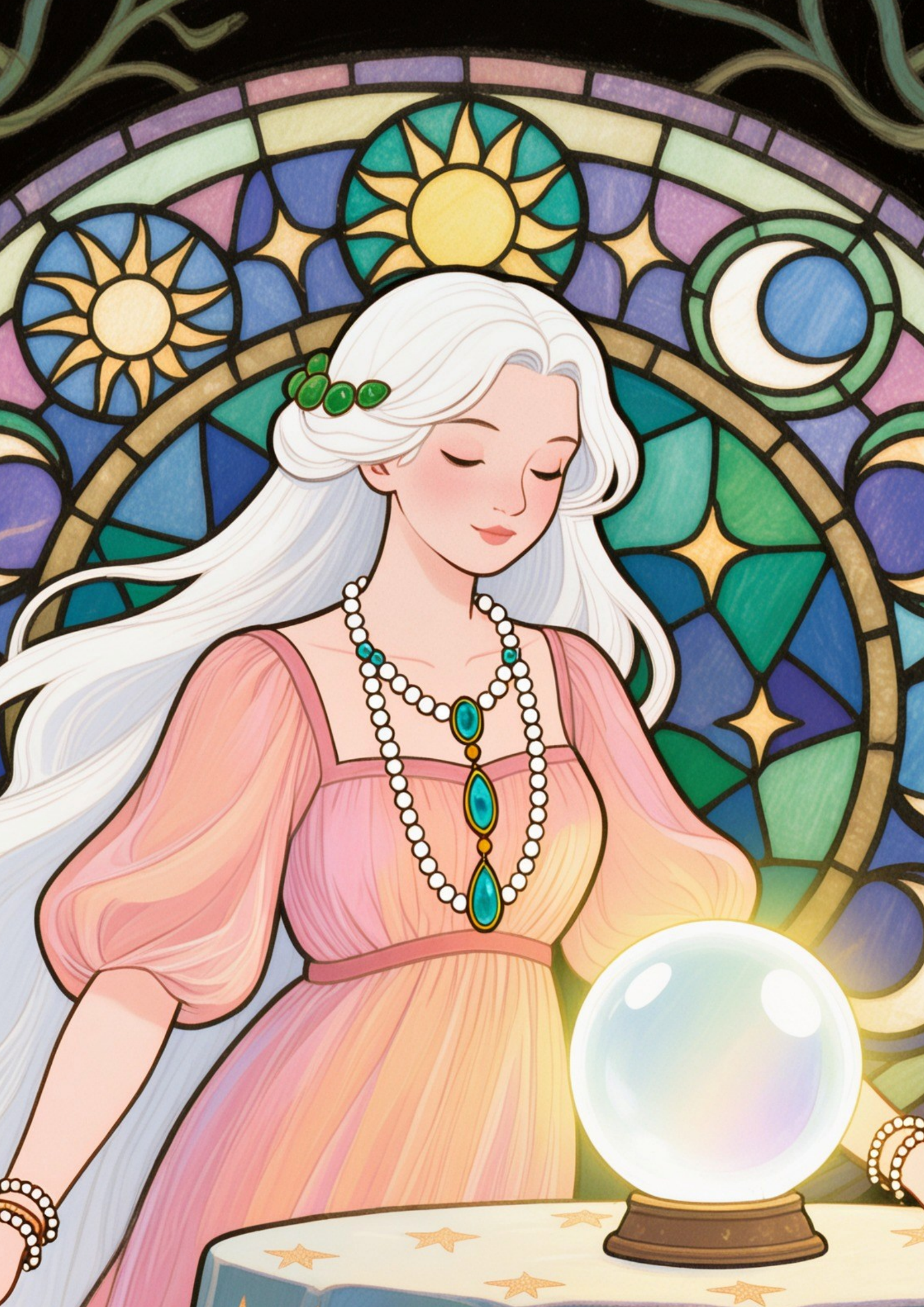
Rimos muito juntos, Sr. Manuel já deixou a fazenda em testamento para Fred e metade para mim e para Isabel.

Posso dizer que a mudança me fez bem, estou escrevendo meu primeiro romance nas horas vagas.

Bebel Pozzi



Bebel Pozzi nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil. É graduada em Literatura brasileira e inglesa pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez especialização em Português como língua estrangeira e trabalha como professora de português para executivos estrangeiros. Os livros sempre foram seus companheiros desde a infância. Ela escreve desde os 18 anos; diários, crônicas e contos curtos. Bebel recentemente publicou um livro infantil “A garota que amava beterraba” pela editora “Ases da Literatura”. Email: isabelcpozzi@gmail.com | Instagram: [bebel_pozzi](https://www.instagram.com/bebel_pozzi). | Facebook: [Bebelpozzi](https://www.facebook.com/Bebelpozzi).



O SEGREDO DA VIDA

Uma longa fila se estendia bem no centro da cidade, na praça principal. Mas não era para um show de rock nem para a liquidação de uma loja: todos aguardavam a consulta com a vidente Sara. Ela vinha de um país distante, falava várias línguas e já era famosa, apesar da juventude. Seus cabelos eram brancos, com algumas mechas verdes, que contrastavam com o sorriso acolhedor. Vestia roupas coloridas em estilo hippie chic, com tecidos nobres e bordados; um visual bonito e despojado ao mesmo tempo. Usava longos colares com pingentes de pedra da lua e pedra do sol, além de pulseiras nos dois pulsos. Aos sábados, montava sua pequena mesa com uma bola de cristal sobre uma toalha estrelada.

As pessoas buscavam nela mais que previsões: desejavam conselhos, um alento, uma palavra que respondesse às grandes perguntas da vida.

Uma jovem jornalista chamada Tiffany decidiu escrever uma matéria sobre o fenômeno. Entrou na fila, conversou com alguns curiosos e todos diziam o mesmo: *“Ela acerta sempre.”* Quando chegou sua vez, Sara olhou para ela com um leve riso e disse:

— Sei que você quer saber mais sobre mim do que sobre você mesma. Mas tudo bem, sente-se. Quer conhecer o seu destino?

— Meu nome é Tiffany. Você é a Sara, a vidente mais famosa do momento, não é?

— Sim, sou eu mesma, a seu dispor.

Tiffany ficou impressionada: como aquela mulher sabia que ela estava ali mais para observar do que para consultar? Então perguntou:

— Como será o meu futuro?

Sara fitou a bola de cristal e respondeu:

— Vai ser brilhante, se você quiser que seja.

Tiffany insistiu:

— Mas vou ser uma atriz famosa?

— Se já estiver representando o papel, precisa melhorar...

Sara sorriu e encerrou:

— Agora volte amanhã. Cada consulta dura apenas cinco minutos e há uma fila enorme esperando. Amanhã, às 17h, te direi mais.

Tiffany saiu intrigada. “Como essa mulher sabia que sou jornalista, se nem me conhece? Vou contar a Andreus, ele não vai acreditar!”

Andreus, colega de redação, trabalhava ao lado dela num computador antigo, daqueles bege dos anos 90. Estava em casa vendo televisão quando o telefone tocou. Era Tiffany, empolgada:

— Andreus, fui na vidente Sara. Ela é especial!

Ele riu e perguntou:

— E qual foi o drink que você tomou?

Tiffany se irritou:

— Pare de ser infantil, estou falando sério! Essa matéria vai ser um sucesso. Achei que fosse fantasia, mas é real. Ela sabia que eu queria observá-la, não apenas ouvir sobre minha vida. Como? Não sei, só sei que sabia. É a nossa chance, Andreus!

Ele, cético, respondeu:

— Parece surreal. Talvez seja só experiência de vida.

— Impossível — retrucou Tiffany. — Ela sabe até o que ainda nem aconteceu!

No auge de seus 28 anos, Tiffany sonhava alto:

— Andreus, é a nossa oportunidade. Ela vai embora em breve e essa matéria vai brilhar como estrela cadente. Podemos até criar o nosso próprio jornal. Essa mulher não veio parar aqui por acaso! Amanhã falo com ela de novo. Boa noite!

— Boa noite, querida. Vou terminar a matéria do jornal de amanhã.

No dia seguinte, Tiffany correu à praça. Não havia fila, mesa nem bola de cristal. Perguntou a um sorveteiro, que respondeu:

— Não, moça, a tal vidente não apareceu hoje.

Indignada, ela ligou para Andreus:

— Perdemos a chance da nossa vida!

— Calma, Tiffany. Talvez ela dê entrevista em algum programa. Fiquemos atentos.

À noite, Tiffany viu na TV um anúncio: *Sara participaria ao vivo de um programa de entretenimento local*. Rapidamente ligou para Andreus.

— Liga nesse canal agora!

— Melhor ainda, vamos até o estúdio!

E assim fizeram. Após duas horas de espera na recepção, finalmente Sara saiu do estúdio e, avisada pela secretária, entrou na sala para atendê-los rapidamente.

— Podemos fazer apenas três perguntas para o jornal? — pediu Tiffany.

— Três perguntas, mas tem que ser rápido, pois viajo amanhã.

Primeira pergunta:

— Quando começou a ser vidente?

— Quando criança, olhei para o céu e pedi para ajudar as pessoas a resolverem suas vidas. E foi o que aconteceu.

Segunda pergunta:

— Qual foi sua adivinhação mais incrível?

— Quando soube que você entrou naquela fila ontem mais interessada em mim do que no seu destino.

Tiffany arregalou os grandes olhos verdes, surpresa. Sara sorriu e disse que a melhor vidência é sempre aquela feita para quem está diante dela, pois cada pessoa é única.

Terceira pergunta:

— Qual é o maior segredo da vida?

Sara olhou para Tiffany, depois para Andreus, e respondeu:

— Sou vidente, mas o segredo da vida cabe a cada um descobrir. Todos sabemos, no fundo, o que queremos. Esse é o segredo. A vida é um mistério que só você pode resolver. E a primeira pista não está nas estrelas nem nesta bola de cristal, mas na pergunta que ainda não se atreveu a fazer a si mesma.

Com um olhar firme, completou:

— Eu sigo meu propósito. E vocês? Qual é o de vocês? Descubram, e algo mágico acontecerá.

Suélen Ferreira Moreira



Meu nome é Suélen Ferreira Moreira. Sou gaúcha, nascida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro. Sou técnica em Contabilidade, cursei a Faculdade de Tecnologia em Marketing e também estudei Espanhol. Atualmente, trabalho no ramo da moda há mais de 10 anos, atuando com vendas no comércio varejista. Sempre tive uma grande paixão por escrever e ler. Agradeço primeiramente a Deus por esse dom que Ele me deu, à minha família pelo apoio constante e às amizades maravilhosas que conquistei ao longo dessa jornada. Meu especial agradecimento vai para a Revista Autorretratos pelo reconhecimento do meu talento, pelo carinho ao lerem minhas crônicas e pelo incentivo que me deram para continuar escrevendo. Isso trouxe maior visibilidade e oportunidade para um trabalho que eu tanto amo! Acredite nos seus sonhos! Contato: contato@sumoreira13.



A ARTE DE REINVENTAR-SE

A escritora Fabíola Simões escreveu, em um de seus livros: “Você não vai se curar se continuar revisando cada página da história que acabou.” Essa premissa nos lembra da necessidade de seguir em frente, não importa o que tenha acontecido. Em outras palavras, a chave é a superação.

O darwinismo trouxe a ideia de seleção natural para a história da humanidade. A princípio, poderíamos acreditar que apenas os mais fortes se estabelecem e vencem. Mas, por ironia, a natureza mostra que sobrevive quem tem maior capacidade de se adaptar às mudanças. Mas divinamente dotado, o ser humano parece viver em constante metamorfose.

As transformações humanas se assemelham menos ao processo da borboleta — que nasce lagarta, feia e até temida, para depois se transformar em algo belo — e mais ao dos crustáceos, como a lagosta, ou mesmo ao camaleão. Por quê?

Todos gostariam de ser como borboletas que passam pela metamorfose uma única vez, mas as mudanças da vida não são únicas; ao contrário, são constantes. Assim como os crustáceos, que precisam trocar seus exoesqueletos para crescer, o ser humano também passa por fases de vulnerabilidade, ficando exposto.

A cada dor que a vida traz, diante de momentos que escancaram a fragilidade íntima, cabe a cada um escolher: lamentar-se e reviver lembranças de decepções, desenganos e derrotas, prolongando a dor existencial; ou transformar a experiência em aprendizado, em crescimento e amadurecimento.

Todo processo de evolução pessoal passa, antes de tudo, pelo autocohecimento. Entender-se, reconhecer as próprias reações diante dos acontecimentos, leva a um segundo ponto: o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, sendo a mais importante delas a inteligência emocional, seguida pela comunicação. Essas duas competências favorecem a superação de

desafios e a resiliência, promovendo uma aprendizagem contínua para uma vida mais saudável em todos os aspectos.

Do passado, deve-se carregar apenas as lições que favorecem o aperfeiçoamento como pessoa. A história não pode ser um empecilho para seguir adiante. E esse movimento resulta em mudanças: às vezes superficiais, como as do camaleão, que troca apenas a pele; outras vezes profundas, como as dos crustáceos, que precisam alterar por completo sua forma e, durante a transição, ficam vulneráveis. Mas é justamente nesse estado de exposição que se inicia a superação.

Superar é construir. É ter clareza de propósitos e capacidade de transformar adversidades em oportunidades. É afastar pensamentos negativos, romper com a zona de conforto e lançar-se a novos desafios com coragem e riscos calculados. É exercitar a resiliência para se recompor do que precisou ser deixado para trás. Os obstáculos não devem ser encarados como becos sem saída, mas como degraus de uma escada que conduz a futuros mais promissores.

Ao definir metas e objetivos, não importa o tamanho dos desafios: quanto maiores eles forem, maior será a capacidade de reinventar-se. “Hoje não foi bom, mas amanhã será melhor” — essa é a mentalidade de quem já experimentou a superação. Pessoas assim estabelecem planos, ajustam-nos sempre que necessário e ressignificam a vida constantemente. Vão além da adaptação: criam oportunidades e se superam numa ascensão contínua.

E essa ascensão não é apenas material ou econômica: é crescimento humano. Há quem não possua riquezas materiais, mas seja milionário em autoestima e alegria de viver. Pessoas assim cultivam empatia, compartilham aprendizados e ensinam a viver plenamente. Enquanto isso, há outros que acumulam bens, mas permanecem vazios, presos a padrões mentais tóxicos, incapazes de enxergar a beleza da vida e aproveitar o que ela oferece.

Experiências, comentários e opiniões negativas podem criar padrões destrutivos, que muitas vezes condicionam pessoas ao fracasso, fazendo-as duvidar do próprio potencial. Mas esses padrões podem — e devem — ser quebrados. Henry Ford dizia: “Os obstáculos são essas coisas horríveis que você vê quando desvia os olhos de sua meta.”

Compita apenas consigo mesmo e faça sempre melhor. Viva sempre melhor. Celebre suas vitórias, por menores que sejam — elas valem cada gota de esforço. Não culpe os outros por seus fracassos ou pela estagnação: responsabilize-se pelo próprio progresso. Você não é fruto do acaso, como Darwin sugeria em sua teoria. Você é resultado de suas escolhas, das decisões que toma e dos desafios que enfrenta. Você recebeu o dom divino de ser único.

Supere-se e vença. Vença a si mesmo.

Glenda Brum de Oliveira



Glenda Brum de Oliveira, é de SC. Tem 5 livros publicados e participa em mais de 150 antologias. É membro de 12 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Áustria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista das Revistas Casa de Escritores e Autorretratos; colaboradora da Revista The Bard e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Recebeu os diplomas Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada com os títulos de título Embaixadora de La Paz; Doutora Honoris Causa, em Literatura, Chanceler das Artes, no Prize of Artes; o título de Grão- Mestre das Artes; e o título de Embaixadora Cultural Brasil África.



SHANGRI-LÁ

O vento rugia como uma fera das montanhas, golpeando o rosto com lâminas cortantes de gelo, enquanto a neve, incessante, parecia querer apagar as luzes do mundo. Cada passo era uma luta contra o vazio, e o ar rarefeito rasgava seus pulmões como se a própria montanha o rejeitasse. Caminhar por aqueles vales tortuosos poderia ceifar a vida mesmo de homens enrijecidos por treinamentos austeros. Mas aquele explorador, ativo e resignado diante da vastidão branca do Himalaia, avançava com a obstinação de quem sabia que o triunfo estava reservado apenas aos que ousavam desafiar a morte. Havia em seus olhos a mesma chama que incendiara Howard Carter diante do túmulo de Tutancâmon, a mesma febre que arrebatara Hiram Bingham ao avistar Machu Picchu, e o mesmo ardor que consumira Schliemann ao decifrar os segredos de Micenas. Agora, era sua vez de cravar o nome entre os imortais que desbravaram territórios inexplorados e hostis para revelar ao mundo civilizações perdidas - desde que, obviamente, pudesse sobreviver àquele lugar onde o gelo sussurrava segredos que poucos eram capazes de compreender.

Antes do gelo, da montanha e da dor, havia uma vida frugal no Brasil. Luciano teve uma infância alegre, quando dividia o tempo acompanhando o pai nas vibrantes rodas de samba dos botecos do bairro carioca de Madureira, na Zona Norte, e a Rua Conselheiro Galvão, onde assistia frequentemente aos jogos do Tricolor Suburbano, seu time do coração. Aos finais de semana, sobretudo em setembro, costumava visitar a Vila Militar, onde o irmão cumpria com fervor e devoção o serviço militar obrigatório.

— Você tem que seguir o exemplo do seu irmão, Luciano, e não ser um desses vagabundos que vemos o tempo todo pelas ruas — alertava em tom de bronca o pai, um homem religioso que usava a aposentadoria para

pagar o aluguel e as demais contas da casa, e usava a sobra para apostar no jogo do bicho na esperança de dar uma vida melhor para a família.

Lu, como era carinhosamente chamado por familiares e amigos, levou a sério os ensinamentos do pai e se tornou um homem bem-sucedido, que desempenhava com dedicação tudo o que se propunha a fazer. Luciano se formou em Educação Física em uma faculdade privada do Rio de Janeiro, cuja mensalidade foi paga com o próprio suor, e se tornou personal trainer em uma academia renomada na cidade, onde rapidamente assumiu os treinos de crossfit. Em pouco tempo, havia se habituado aos holofotes das redes sociais, onde compartilhava sua rotina de treinos, acumulava uma legião de seguidores de todos os cantos do Brasil e passava a ser reconhecido como um profissional requisitado por artistas e atletas que buscavam por um corpo perfeito.

Os anos de dedicação à carreira fizeram com que Luciano acreditasse que a disciplina física podia levar um homem a qualquer conquista, fosse a vitória em uma competição esportiva ou ao cume de uma montanha sagrada no meio do nada. Sua rotina era feita de ferro e suor, de exercícios milimetricamente cronometradas, dietas rigorosas e devidamente pesadas na balança, e madrugadas de exercícios extenuantes. Tudo isso era dividido com seus seguidores nas redes sociais e contribuiu para impulsionar suas aulas particulares, que o tornavam gradativamente rico. O personal trainer passou a frequentar a high society carioca, sendo clicado regularmente em camarotes vips ao lado de jogadores de futebol da primeira divisão e de modelos deslumbrantes. Os halteres e a dedicação finalmente o levaram à glória.

Contudo, por trás do culto ao corpo e da vaidade que exibia em frente ao espelho, havia uma inquietação silenciosa: a sensação de que músculos eram efêmeros demais diante da eternidade que o chamava do outro lado do mundo. Treinar não era apenas uma questão de estética; com o tempo,

tornou-se uma espécie de preparação espiritual para um propósito maior, que o levaria para longe do Rio de Janeiro e dos amigos-celebridades: Luciano sabia que a fama o encontraria na vastidão da Ásia, em algum lugar entre o Butão e o Nepal, ou entre a Índia e Paquistão.

E, diante dessa obsessão, aquele homem coberto de músculos rígidos e a obstinação de um monge traçou um complexo e arriscado plano que o levaria para as montanhas, onde conquistaria o “teto do mundo”. O ambicioso objetivo de alcançar os picos do Himalaia teve início.

A cada passo dado de preparação para a expedição, Luciano se afastava mais da família. Os jogos do Madureira já não ocupavam mais espaço na agenda, e os alunos foram sendo pouco a pouco abandonados ou indicados para colegas de profissão. A esposa via naquela obsessão uma traição disfarçada, como se fosse abandonada não por outra mulher, mas por uma montanha fria e sem alma, localizada do outro lado do mundo. O filho pequeno chorou de forma ruidosa na noite em que Luciano se despediu, incapaz de compreender que o pai trocava a segurança do lar por vales hostis, ventos cortantes e uma promessa incerta de imortalidade. Sem olhar para trás, ele partiu em um carro de aplicativo, com o porta-malas entulhado de equipamentos, em direção ao aeroporto que o conduziria à missão. O conflito corroía-lhe o coração: entre o amor da família, o conforto das redes sociais e a glória distante, escolhera os perigos do Himalaia, mesmo que essa escolha o transformasse, aos olhos dos que amava, em um desertor.

A jornada foi parcialmente transmitida em tempo real por lives nas redes sociais, a começar pelo embarque no Aeroporto Internacional do Galeão, a conexão tumultuada em Paris e, por fim, o desembarque na exótica Katmandu, onde passaria alguns dias executando a fase final do plano. Dias depois, já na entrada de uma sinistra cordilheira, Luciano se encontrou com a equipe de sherpas, os carregadores locais contratados para

transportar em mochilas desconfortáveis uma infinidade de equipamentos, como arnês e sapatilhas para escalada, cordas, mosquetões e comida. A partir daí, cada passo o levaria para mais perto da glória e dos perigos da expedição no Himalaia.

O vento soprava como uma lâmina, cortando-lhe o rosto até arrancar lágrimas involuntárias que, em segundos, congelavam no canto dos olhos exaustos e assustados. O personal trainer, agora transfigurado em explorador, avançava entre ladeiras rochosas, grotas profundas e encostas cobertas de neve que se estendiam como muralhas erguidas contra a pequenez humana. Atrás dele, o punhado de sherpas seguia em silêncio, curvados sob o peso dos fardos e do destino. Não havia cânticos e não havia alegria: apenas o som ritmado das passadas que afundavam na neve, e o gemido grave da montanha, que parecia zombar da arrogância de Luciano.

O explorador respirava com dificuldade: cada inspiração parecia o estilhaço de um vidro entrando pelos pulmões, que ardiam de forma dolorosa. A altitude não perdoava nem mesmo aqueles que haviam treinado durante anos para esse instante. As horas de academia, as cargas pesadas erguidas sob os aplausos dos seguidores e as repetições infinitas de exercícios cronometrados pareciam não valer nada na vastidão da montanha e da neve. O ar rarefeito triturava suas certezas, mas, ainda assim, ele continuava caminhando rumo ao seu destino. Para Luciano, havia algo maior que o oxigênio, maior que o corpo, maior até que a própria vida: a promessa da descoberta de uma cidade perdida nas montanhas congeladas.

Enquanto cambaleava por colinas pálidas, Luciano recordava, em meio à neve e ao frio, os nomes que o inspiravam naquela expedição. Imaginou o brilho no olhar de Howard Carter ao abrir a tumba de Tutancâmon e se imortalizar no pó das pirâmides; pensou na emoção de Hiram Bingham ao oferecer para o mundo o esplendor de Machu Picchu, erguendo das brumas uma cidade perdida; e celebrou o sonho de Heinrich Schliemann, que

dera à Grécia sua Troia ressuscitada, arrancada da épica homérica e seus versos escritos em hexâmetro datílico. Seus heróis eram homens que haviam sonhado alto e inscrito seus nomes na eternidade. Luciano queria figurar entre eles: não apenas ser lembrado por seu corpo perfeito, mas pelo feito colossal de ter arrancado um segredo das entranhas do mundo.

Sua obsessão não era apenas alcançar o cume da montanha, registrar fotos para as redes sociais e voltar para casa louvado pelos seguidores. O coração de Luciano pulsava por algo mais profundo, que ele não costumava compartilhar com praticamente ninguém. Certa noite, acampado sob o véu de estrelas pálidas que cintilavam sobre o deserto gelado, ousou partilhar com o guia sherpa um fiapo de sua obsessão. Com empolgação, falou longamente sobre a cidade perdida e todo o conhecimento que poderiam ser encontrada em seus templos doutorados. O sherpa o ouviu em silêncio, aparentemente sem julgamentos, mas ao final apenas balançou a cabeça e murmurou de forma solene e misteriosa:

— A montanha mostra apenas o que o viajante merece ver.

Essas palavras ecoaram na mente cansada de Luciano, dilacerando-o entre esperança e medo. Seria ele digno de contemplar a cidade perdida?

Por mais alguns dias, o explorador brasileiro resignou-se com sorrisos irônicos de soslaio. O sherpa provavelmente contara sobre a conversa aos colegas, que agora murmuravam de forma irônica num idioma local incompreensível. Mas não havia tempo e nem energia para confrontar os carregadores de bagagem. O frio aumentava e o vento rugia como um yeti indomável. Os pés de Luciano doíam e o sangue parecia congelar dentro das veias. Os sherpas caminhavam com solenidade ancestral, como se fossem parte da própria montanha, mas o explorador brasileiro sentia cada passo como um castigo. Os vales do Tibete não eram generosos. Ali, a beleza era sempre cruel. O horizonte se erguia numa vastidão branca e cinzenta, e cada cume parecia um altar erguido para deuses hostis.

Os pensamentos oscilavam. Havia momentos em que acreditava que cada rajada de vento era um sinal, um chamado dos deuses; em outros, sentia-se à beira da loucura, com a neve sussurrando ameaças que não ou-sava repetir. No fundo, uma dúvida corrosiva crescia: estaria mesmo atrás de uma revelação sublime ou apenas se entregava a um delírio ridículo, como os conquistadores espanhóis que morreram em busca do ouro inexistente de El Dorado? E, ainda assim, a dúvida e o medo não o faziam parar. Pelo contrário, o impulsionavam a seguir adiante.

Em noites insones dentro da tenda congelada, Luciano escrevia as memórias da viagem em um caderno encharcado de neve derretida, enquanto o vento uivava do lado de fora. Ali, deixava registrado o seu destino. Não escrevia para os vivos, mas para a eternidade: “Se eu morrer, saibam que morri buscando aquilo que nos torna mais humanos: o impossível”. Eram palavras solenes e que podiam resultar no mais novo *best seller* motivacional, mas que escondiam o medo infantil de ser esquecido; o medo de que sua vida, no fundo, fosse tão banal quanto as séries mal-executadas por seus alunos preguiçosos. Luciano precisava de um propósito maior.

Na terceira semana de jornada pelo Himalaia, já com os lábios completamente rachados e os dedos dos pés roxos em um perigoso sinal de gangrena, Luciano teve um delírio. Jurou ver, entre as fendas da montanha, uma cidade dourada, cintilante sob a luz do luar. Estruturas que pareciam templos se erguiam diante de seus olhos, perfeitas demais para serem fruto da natureza. Seus joelhos fraquejaram e ele caiu na neve, tomado de êxtase. Os sherpas o ergueram, murmurando palavras incompreensíveis, mas ele apenas chorava e repetia:

— Está perto... está muito perto...

A nevasca aumentou de forma violenta, e, no sussurro do gelo, Luciano acreditou ouvir vozes. Algumas diziam seu nome. Outras riam de sua

insolência. Era Shangri-Lá que se revelava? Ou apenas a morte que se aproximava com seu manto gelado? Ele não sabia. Mas dentro do peito, uma certeza queimava como brasa: estava prestes a entrar para a eternidade.

Essa esperança fez o explorador acelerar a marcha rumo ao cume. Porém, no cair da noite o frio tornava-se insuportável. As rajadas de vento uivavam como mil lobos famintos, açoitando as tendas frágeis que tremiam como folhas prestes a despencar no abismo. As cordas se rompiam, os cravos das botas cediam, e os sherpas, silenciosos como monges diante da tragédia, murmuravam entre si que talvez fosse hora de recuar.

O medo crescia como se cada tempestade fosse um aviso da montanha. Nos delírios febris da altitude, Luciano via figuras imensas caminhando sobre as cristas nevadas. Eram vultos de gigantes, que pareciam rir da pequenez humana. O homem febril acordava em sobressaltos, certo de que alguém o espreitava das grotas congeladas. Às vezes eram os olhos frios dos sherpas, desconfiados; outras, acreditava que eram monstros das montanhas, que ansiavam por devorar sua carne. Mas havia momentos em que o delírio tomava outra forma, mais íntima e mais reveladora: ele via portais se abrindo na rocha, bocas colossais que convidavam para as entranhas da terra.

E ali, nos confins gelados do Himalaia, sua verdadeira obsessão se escancarava. Não buscava apenas uma cidade sagrada como os tolos românticos. Luciano sabia que Shangri-Lá era um mito interessante criado por James Hilton, útil para enganar curiosos, mas suficientemente falso para enganar alguém com sua inteligência. A verdade era mais secreta.

— Estamos perto, Norbu — afirmou com convicção a um dos sherpas, que, nitidamente esgotado, comia a última lata de sopa e lentilha com arroz. — Em algum lugar no próximo vale vamos encontrar a entrada, e vamos provar que o centro da Terra é oco como uma casca de ovo!

Norbu ergueu-se furioso e arremessou a lata vazia na direção de Luciano. A exaustão fez com que errasse o alvo. O sherpa, então, proferiu uma série de insultos incompreensíveis na sua língua sino-tibetana, juntou uns poucos equipamentos e se pôs a cambalear de forma trôpega no caminho de volta. Para o espanto de Luciano, Norbu rapidamente foi seguido pelos outros carregadores, que cuspiram ofensas em sua direção.

— Vocês não podem me abandonar aqui! — berrou em português. A febre da montanha havia consumido suas sinapses. — Os hiperbóreos, seres primordiais da humanidade, guardiões do conhecimento perdido, vão nos receber. Os reptilianos, os arquitetos das pirâmides do Egito, nos aguardam na Terra oca! — gritou, repetindo a cacofonia de palavras desconexas que lera repetidas vezes em blogs conspiracionistas da internet.

Os olhos de Luciano faiscavam de febre e de raiva em direção aos sherpas, que se distanciavam passo a passo e desapareciam na penumbra branca da neve.

— Eles vão me receber... eu serei o primeiro a provar ao mundo... finalmente teremos provas ...

A voz de Luciano falhou, e lágrimas escorreram de forma abundante de seus olhos, para congelaram em seguida.

Por anos, uma chama interior consumia o personal trainer carioca em busca de uma glória similar à de Carter, Bingham e Schliemann. Agora, a montanha extinguiu essa chama.

Antes de desabar na neve, lembrou do título do vídeo que o inspirou a planejar a derradeira expedição: “A verdade que a ciência não quer que você saiba”. Ali, aprendera sobre portais tibetanos, cidades subterrâneas e raças ocultas. Cada prova secreta e cada mapa estranho alimentou sua fé. E agora, diante da morte iminente, era essa fé absurda que lhe dava forças para o último suspiro.

O vento rugiu, a neve caiu pesada e o explorador sorriu de forma macabra, não como quem teme perecer, mas como quem delira estar às portas de uma revelação.

— Os híbridos alienígenas... — sussurrou com o que restava de fôlego. — Reptilianos... sei que eles vão me salvar...

Rodrigo Gallo



Rodrigo Gallo é cientista político, professor universitário e escritor de ficção e não-ficção. Seu primeiro livro de contos, “Kairós”, foi lançado em 2003 (editora Flyve) e ganhou os prêmios 4º World Book Review Awards 2023-2024 (Melhor Livro de Contos e Crônicas), Troféu Maurício Vaitsman de Literatura 2003 (Melhor Livro de Narrativa Curta), Prêmio Inspirações 2024 (Melhor Livro de Contos) e Prêmio 20 Destaques Literários 2023 (Melhor Livro de Contos). Além disso, publicou cerca de 80 contos em antologias diversas, alguns dos quais foram premiados em alguns concursos, como 1º Prêmio Singular de Literatura 2024 (“Encruzilhada”, na categoria Melhor Crônica), 1º Concurso Literário de Microcontos 2024 (“Medo”), 2º Prêmio Carnage de Literatura 2024 (“Liberdade”, na categoria Melhor Conto de Ficção Científica), dentre outros. Instagram: @rodrigo.gallo1982.



O INQUISIDOR

O ano era 1439, Alina, que tinha 10 anos na época, ouviu batidas na porta e depois de alguns minutos sua mãe gritou seu nome.

_ Alina, seu amigo está aqui.

A jovem deixou o bordado que estava fazendo e foi até a sala.

_ Oi Davos!

Davos era um garoto de 14 anos, cabelos pretos e grandes olhos castanhos. Era apaixonado por Alina e jurava que os dois ainda iriam se casar, mas Alina sabia que isso não aconteceria.

_ Podemos sair um pouco para conversar?

A mãe de Alina apareceu com as mãos na cintura.

_ Desde que voltem rápido!

Alina deu um beijo na face da mãe, foi até Davos que segurou sua mão e saíram apressados. Foram para um descampado onde os dois se sentaram na grama verde e salpicada por flores amarelas. Ele segurou Alina pelas duas mãos e a encarou com olhos marejados.

_ O que houve?

_ Estou indo embora! O Padre Theodoro está partindo para a cidade e me convidou a entrar no seminário. Meus pais aceitaram, claro, sempre quiseram que eu me tornasse Padre. Partirei em algumas horas, mas não poderia ir sem me despedir.

A voz do rapaz se embargou, e ele a abraçou, o que causou um certo desconforto na menina, que delicadamente o afastou.

_ Eu sinto muito, Davos.

Davos se levantou e ajudou Alina a levantar-se também. Mas, antes de voltarem, ele a puxou para perto e a beijou. Em um gesto brusco, Alina se afastou e deu-lhe um tapa no rosto.

— Ficou maluco? Eu te dei autorização? Nunca mais toque em mim.

Alina se virou e saiu dali sem olhar para trás. Depois daquilo, não o viu mais, e não o veria durante muito tempo.

Com o passar dos anos, Alina e suas amigas Bartira, Elmira e Romina estreitaram seus laços e se aprofundaram em seus estudos de magia natural, conhecimento de ervas e ocultismo. Assuntos, que, apesar de ser estritamente proibido, sempre chamara a atenção de todas, especialmente de Alina. O grupo se encontrava para meditar, realizar rituais diversos, e de vez em quando, faziam um ou outro feitiço de amor. Alina, que era a mais talentosa de todas, também lia a sorte, pois conhecia os segredos das cartas de baralho, das folhas de chá, das estrelas e dos sonhos.

Todas as meninas sabiam que Alina era a mais poderosa, e desejavam ser como ela. Certo dia, após tanta insistência, Alina se deu por vencida e revelou-lhes uma maneira de conseguir o poder que tanto desejavam.

— Tudo bem, já que insistem, há uma maneira, mas vocês precisarão mesmo desejar isso e, sobretudo, ser corajosas.

— E o que teremos que fazer? – questionou Elmira.

— Um pacto.

As três ficaram horrorizadas.

— Está sugerindo... um pacto com o demônio?

Alina riu divertida.

— Claro que não. Estou sugerindo um pacto com uma deusa muito poderosa: Lilith.

— Enlouqueceu? – disse Romina assustada – se descobrirem, morreremos! E Lilith é um demônio! É perigoso!

— Se nos pegarem morreremos de qualquer modo, mas Lilith pode nos proteger. Além disso, Lilith não é um demônio, ela foi a primeira mulher de Adão, e foi criada do mesmo modo que ele. Lilith não era uma cópia

de Adão, não surgiu da costela dele, era uma igual e foi expulsa do paraíso porque se recusou a ser submissa. Ela é o símbolo do poder feminino.

Houve um momento de silêncio, as meninas se entreolharam assustadas.

— Bem, e, supondo que aceitamos fazer, como seria?

Alina explica o ritual em detalhes para as amigas e vê o pavor surgindo na face de cada uma delas. O ambiente ficou tão silencioso que era possível ouvir os cantos dos pássaros e o murmúrio do vento que tocava suavemente os ouvidos de Alina.

— Não podemos fazer isso! – disse Romina cortando o silêncio. Sinto muito, Ali, não tenho coragem para isso. Eu não quero morrer na fogueira. Vocês sabem que há um novo inquisidor e ouvi dizer que ele é impiedoso. Aliás, é melhor não nos vermos enquanto esse tal inquisidor estiver por aqui.

As três mulheres foram embora e Alina ficou sozinha por mais um tempo, e quando o sol começou a se por, ela voltou para a casa. Mas, ao entrar em sua casa, Alina viu, de costas para a porta, um padre sentado, e sentiu todo o sangue desaparecer de suas veias. Já sabiam sobre elas? Então viu sua mãe chegando com duas xícaras de chá, sorrindo.

— Querida!! Que bom que chegou. Venha ver quem voltou!

Alina se aproximou e o viu. Lá estava ele, com um sorriso enorme no rosto.

— Davos? Que surpresa! Você voltou? Desculpe-me, não sei como tratá-lo. Padre?

Davos a abraçou, fazendo-a se encolher. Algo nele ainda a fazia sentir-se mal.

— Ali, minha querida, ainda sou seu velho amigo. Mas, olhe só para você! Está belíssima!

A mãe de Alina se aproximou.

_ Você jantará com a gente, não é?

_ Claro, eu vou adorar. Agradeço muito a gentileza.

Davos continuava encarando-a e sorrindo.

_ Está me encarando e me deixando sem jeito.

_ Perdoe-me Alina, sei que não deveria, mas, sabe que sempre fui apaixonado por você. O fato de ser padre não impede que eu ainda a ache linda.

_ Mas conte-me – disse Alina tentando mudar de assunto – Será nosso novo sacerdote?

_ Não! Na verdade eu estou aqui para fazer uma investigação. Há rumores sobre magia negra sendo praticada aqui. Acredita? Magia negra em nosso pequeno vilarejo?

Nesse momento, a mãe de Alina que chegava segurando as louças para colocar a mesa, ao ouvir o que Davos acabara de dizer, deixou um prato cair, e ele correu para ajudá-la.

Alina ficou paralisada por um instante, então foi ajudar a mãe, tentando manter a normalidade.

_ Então, você é o grande e impiedoso inquisidor de quem todos estão falando?

Ele riu enquanto ajudava a mãe de Alina a arrumar a mesa.

_ Pois é! E não estão muito felizes com isso. Acho que o fato de eu ser daqui fez com que se sentissem traídos. Mas, como conheço a todos, posso garantir um julgamento justo para quem precisar. Precisam entender que a Igreja só quer o melhor para seus devotos. O mal tem muitas faces, e geralmente elas parecem inocentes.

Houve uns instantes de silêncio e a mãe de Alina mudou de assunto para quebrar o gelo da situação. A noite passou rápido e ninguém mais tocou no assunto sobre o ofício de Davos. Ele foi embora já era bem tarde, mas antes de sair, beijou a mão de Alina e disse em tom misterioso:

_ Nos veremos em breve minha bela menina.

Alina sentiu um calafrio, sua mãe se aproximou e a abraçou.

_ Fique longe de suas amigas por um tempo.

Alina assentiu com a cabeça. A mãe beijou a filha na testa e foi para sua cama.

Naquela noite, Alina não dormiu, até que as 2:30 da madrugada, levantou-se, pegou o que precisava, vestiu seu manto com capuz e se dirigiu para a floresta. Algo lhe dizia que precisaria se defender de qualquer maneira.

Alguns dias se passaram depois da visita de Davos, e Alina não teve mais notícias dele. Entretanto, a caça às bruxas estava muito acirrada e muitas pessoas estavam sendo levadas para o Santo Tribunal. Por isso, ela e as amigas não se viam mais.

Em uma determinada manhã, Alina estava colhendo plantas para preparar o almoço, quando sentiu uma pontada no peito, então, largou sua cesta e correu para sua casa, e o que viu fez o chão desaparecer sob seus pés. A casa estava totalmente revirada e sua mãe estava caída, ensanguentada. Alina correu até ela, que ainda respirava e segurou-lhe a mão.

_ Mãe, fique calma, eu posso te curar, eu consigo...

A mãe a olhou, e em um último esforço fez uma apelo à filha.

_ Fuja...armadilha...ele...por você.

A cabeça de sua mãe caiu para o lado e ela chorou, e sem forças, sentou-se e esperou que os guardas chegassem, o que não demorou.

Enquanto era arrastada, podia ver a destruição causada por aqueles homens. No alto de uma colina, ela viu fogueiras que ardiam, e delas saíam gritos abafados que se espalhavam pelo ar com o vento.

Alina foi jogada em uma cela fétida e fria. Não havia colchão, nem coberta e uma água suja e cheia de bichos era servida em um pote no chão.

Perdeu a noção de quanto tempo ficou ali, então, em um certo momento, a porta de ferro se abriu com um estrondo e alguém entrou.

_ Oi Ali...

Alina se assustou, demorou, mas reconheceu os rostos deformados: eram Romina, Elmira e Bartira, todas em uma situação assustadora.

_ Meu Deus, o que fizeram com vocês?

_ Não se preocupe – disse Romina com voz quase inaudível – logo você também saberá.

Então, Bartira, com a cabeça baixa, disse:

_ Eu sinto muito Ali...

_ Fique quieta Bartira!

_ O que houve? Sente pelo que?

_ Fomos nós, nós procuramos Davos, pensamos que ele iria nos poupar...

Alina começava a entender o que tinha acontecendo.

_ Foram vocês? Vocês, minhas amigas de infância? Vocês Procuraram Davos para me denunciar e tentar um perdão? Minha mãe perdeu a vida por causa de vocês!

Alina teve vontade de gritar, mas não tinha nem forças para brigar.

_ O que você faria? - gritou Elmira.

_ Certamente eu não as trairia. Lealdade é importante, mas, pelo jeito, vocês não sabem disso.

Então, em um acesso de descontrole, Alina começou a rir.

_ Vocês acham mesmo que serão soltas? Tolas! Não há perdão aqui, apenas morte!

Naquele instante a porta de ferro rangeu novamente, e ele entrou, imponente. Davos olhou para todas, fixou os olhos em Alina e ordenou que ela o seguisse. Ela entrou em uma sala, não de tortura, mas uma sala

comum, o escritório dele. Davos pediu para que os guardas saíssem e passou a chave na porta.

_ Sente-se!

Alina sentou-se frente a ele, tentando controlar o pânico.

_ Sinto muito por essa situação, Alina, mas você está em uma situação bastante delicada. Aquelas que se dizem suas amigas lhe entregaram. Elas me procuraram, falaram que durante anos vocês praticaram bruxaria. E disseram ainda que você tentou convencê-las a fazer um pacto com o demônio, mas elas recusaram. No entanto, todas afirmaram que você fez o pacto.

Alina se manteve em silêncio, mas em seu interior, ela sentia o ódio crescer, iria se vingar, queria que todos aqueles traidores morressem de um modo muito doloroso. As quatro pessoas que conhecia desde a infância, agora se voltavam contra ela.

_ Você fez um pacto com o demônio? Você fez sexo com ele?

_ Não! – respondeu ríspidamente.

_ Você ainda é casta?

_ Sim!

_ Há um modo de me provar isso! E se você provar, posso te tirar daqui.

Alina o olhou em estado de choque.

_ O que?

_ Se você não se entregou ao demônio, prove. Prove que você ainda é virgem e se fizer tudo o que eu mandar, tiro você daqui.

Davos levantou-se, fechou todas as cortinas das janelas e se aproximou dela. Alina sentiu as lágrimas salgadas correrem pelo rosto.

_ Não há opção para você. Sou sua única salvação. Se você se recusar, saberei que não é mais casta.

As lágrimas continuavam escorrendo, mas ela permaneceu em silêncio.

— Ótimo minha querida, entenderei seu silêncio como um sim.

Ele a jogou ao chão, rasgou suas roupas e a violentou. Alina não conseguia reagir, e Davos continuou realizando suas mais horrendas fantasias por mais de duas horas. Quando terminou, ajeitou suas roupas, estendeu um manto para que ela se cobrisse e disse com uma voz maléfica:

— Você realmente era casta. Creio que a maldade de suas amigas a tornaram impura, afinal, você sempre foi tão inocente e ingênua. Mas eu posso te salvar, essa noite irei até sua cela, e veremos o que posso fazer.

Davos chamou os guardas e pediu para que a colocassem sozinha em uma cela diferente das amigas. E assim foi feito.

Alina estava encolhida em um canto da cela gelada, e apesar da dor, do ódio e do nojo, não conseguia chorar. Seu desejo de vingança era maior e tão forte que parecia que seu peito iria explodir. Foi quando a viu. Em um canto da cela, uma figura feminina belíssima surgiu, e quando Alina viu quem era, se aproximou e atirou-se aos pés da imponente mulher.

— Levante-se criança! — disse a mulher com uma voz suave e melódica — Você me chamou e eu atendi, pois nunca abandono minhas filhas. Hoje é o dia!

A figura acariciou o rosto de Alina e sorriu docemente, fazendo com que a paz se apossasse dela. Os sentimentos ruins desaparecera por completo e ela se sentiu acolhida.

— Esteja preparada! Ele virá em breve. Chegou a hora.

— Sim, minha Senhora! — respondeu quase em um sussurro.

A figura sumiu, e Alina ficou parada, extasiada. A noite chegou, Alina ouviu gritos, e reconheceu, entre algumas dessas vozes, as de suas antigas parceiras. Ouviu passos se aproximando de sua cela e se preparou. A porta se abriu com um estrondo e Davos entrou.

Ele se aproximou, abaixou-se diante dela e segurou-lhe o rosto. Alina tentou se afastar, mas recebeu um tapa no rosto.

— Você não entende? — perguntou Davos com uma voz diabólica — tudo o que estou fazendo é por você. Eu iria me casar e formar família com você, mas fui obrigado a ir para o Seminário. Por aqui todos já sabiam de vocês e eu voltei para te ajudar, vim por você, Alina.

— Você matou minha mãe!

Davos deu outro tapa na face de Alina.

— Não me interrompa! Não quero te machucar, mas você precisa colaborar! Ela nos atacou, não tivemos escolha. Mas agora você tem a mim, eu quero e posso te ajudar. Quer sair viva daqui?

Alina segurou a vontade de esbofeteá-lo.

— Como?

— Escondo você em minha sala, coloco outra mulher com um capuz para ser arrastada pela cidade, ela ficará tão desfigurada, que ninguém a reconhecerá, e ela será queimada em seu lugar. Depois disso, fugiremos e você será minha, terá que viver pra mim e por mim, vai me amar, me dar filhos e ser uma excelente esposa.

— Você armou tudo isso, não é?

Davos riu com sarcasmo.

— Não seja ingrata! Eu estou oferecendo minha ajuda, mas se não quiser, tudo bem, morra com suas amigas, mas saiba que vou garantir que esteja viva para sentir as chamas devorando sua carne.

Davos fez menção de se levantar, mas Alina o segurou pelo braço, o que o fez sorrir.

— Então, eu quero você, agora. E a quero feliz. Se uma única lágrima escorrer, o acordo será desfeito.

Alina sentiu vontade de gritar, mas precisava aguentar para levar seu plano adiante. E por isso suportou a dor e o asco em silêncio durante um tempo que não soube mensurar.

O dia já havia amanhecido quando uma figura masculina deixou a cela de Alina, e ele se dirigiu aos guardas.

_ Preparem-na, ela e as outras três amigas, serão enviadas à fogueira ainda essa tarde.

Os guardas olharam para a mulher no chão toda cheia de sangue, e ao seu lado havia uma língua cortada.

_ Infelizmente, não pude salvá-la. O demônio se manifestou e tive que impedi-lo de proferir as palavras blasfemas.

Naquela tarde quatro grandes fogueiras foram acesas e quatro vidas foram tiradas. Ao longe, a figura de Davos cobriu o rosto com o capuz, montou em seu cavalo e se dirigiu para a casa destruída de Alina. A pessoa desceu do cavalo, entrou onde a mãe de Alina fora encontrada sem vida, deixou uma flor e chorou.

_ A senhora está vingada, minha mãe, e eu também.

O capuz escorregou e o rosto de Alina ficou a mostra.

Alina lembrou-se dos acontecimentos da noite anterior. Davos a violentava quando Lilith surgiu. Ele se desesperou, tentou gritar, mas, com um único golpe, ela arrancou-lhe a língua, e com uma voz firme se dirigiu a ele.

_ Não me interrompa! Não queria te machucar, mas você não colaborou. E não chore, pois se uma única lágrima escorrer por seu rosto, serei obrigada a arrancar outra parte de seu corpo.

Davos, que rolava pelo chão soltando grunhidos, arregalou os olhos com o pavor estampado no rosto.

Obedecendo sua protetora, Alina deitou-se ao lado do homem que tremia de dor, e foi assim que aconteceu a transfiguração entre eles.

Davos foi enviado à fogueira, sem conseguir gritar, sem poder se defender, sem conseguir pedir ajuda, exatamente como fez com ela e com tantas outras tantas mulheres.

Alina tornou a montar o cavalo e cavalgou para longe daquele lugar, que estava praticamente desabitado. Ela não sabia para onde iria, não tinha destino, e esse fato a estimulou ainda mais. Enquanto cavalgava, deixou que o vento e a estrada a conduzissem pelo novo mundo que se des-cortinava. Estava livre e aproveitaria cada momento dessa liberdade.

Quanto ao grande e impiedoso inquisidor? Nunca mais ninguém soube dele. As pessoas achavam que, como ele já havia cumprido sua missão, havia partido, e continuava lutando contra o mal em outros lugares.

Malu Zanoli



Malu Zanoli, nascida em setembro de 1975, na cidade de Rinópolis, São Paulo, moradora de Louveira – SP. Graduada em Letras e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Letras, área de Filologia e Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente, cursa graduação de Cinema e Audiovisual pela UniCesumar. Fez o curso de Leitura Criativa: Roteiro na Fundação das Artes de São Caetano do Sul (Fascs), e agora faz o curso de Produção Cultural também na Fascs. Amante da literatura e do Cinema, desde criança escreve contos e poesias e foi membro da Academia Infantil de Letras e Artes de Jundiaí. Atualmente, trabalha em uma trilogia ficcional e também em um roteiro para um longa-metragem com mais dois roteiristas. Instagram: @mlzanoli.



*** ABANDOMAR ***

Escuto o arrastar de chinelos inconfundível Dela. Todos os dias, perto do fim da tarde, coleira e saquinhos. Me aprumo toda! Meu rabo mais parece um espanador. Minhas orelhas, apontando para cima, estão atentas ao que virá em seguida. O coração?! Ah! Esse empurra meu peito, tão forte, que Ela nem precisa tocar, basta olhar!

— Ela me olha sem desvios. Um olhar vivo que penetra e parece querer conversar. Felizmente, nem seus sentidos extraordinários foram capazes de revelar para si o que viria depois. Então, ela pôde viver aquele instante sem o peso do que estava apenas em mim.

O chocalhar das chaves ecoou pela cozinha. Pera! Essas são diferentes: vamos de carro! Acho muito mais divertido, pois descubro lugares que não alcanço de casa.

— Enquanto suas patas de flocos tocam suavemente as escadas, sinto repulsa da minha intenção, e de mim. Ela está entregue. Confia no amor que sente, como se fosse o bastante. Sou o mundo dela. Incondicional.

(Ou o que penso que ela pensa não passa de reflexo de mim?)

A cabeça para fora da janela me traz a alegria da liberdade! Esse vento que deforma meu rosto e me obriga a fechar os olhos me traz a

certeza de que posso voar e ir além de alguns metros quadrados. Como sou feliz!

— Afundo de vez na areia movediça do amor que não foi grande. Que não foi capaz de impedir o não querer. Foi menor que o desejo de não ter mais que se prender a rituais diários que não cabem mais.

Chegamos. Ela me trouxe para o Mar! Corro mais rápido que minhas próprias pernas! Corro até perder de vista - avista!

— Corre na certeza do retorno. Para mim. Para casa. Como explicar o desejo vil de deixar? Tão indefesa. Leal. Fiel. Como poderei falar de amor, outra vez, se nele só encontrei saída no abandono? Meus filhos, aprenderão sobre com-viver?

(E sobre mim? O abandono diz sobre a falta que há em mim.)

Deve ser mais uma daquelas brincadeiras de buscar! Ela volta e, enquanto não volta, rolo as costas na areia, fico de pernas para o ar e continuo correndo de lá para cá!

Ah! O Mar! Posso arriscar que é infinito! Um mundo bem maior que o meu canto no apartamento. O que haverá de existir além?

O vento forte balança os fios do meu bigode e enche meus olhos de areia. O sol começa a dar espaço para uma sombra mansa. Será que ainda estamos brincando?

Quero voltar. Não me reconheço sozinha. Sou espera.

— Pelo retrovisor, uma placa desbotada e empoeirada: “animais não são descartáveis. Diga não ao abandono”.

(Em casa, apenas o latido ensurdecido da ausência.)

Katiucia Barros



Me chamo Katiucia Barros e meus amigos mais próximos me chamam de Kat. Nasci em Caetité, no Alto Sertão baiano, em 1977, e moro em Belo Horizonte há quase 30 anos. Sou mulher, esposa, mãe de dois meninos lindos, filha, irmã e amiga. Desde criança, sou fascinada pelo universo dos livros e das imagens. Lembro-me de passar horas folheando os livros de fotografia e as páginas ilustradas das minhas leituras infantis, encantada com o poder das imagens de sugerirem histórias que iam muito além das palavras escritas. Esse olhar curioso e sensível sempre me acompanhou e moldou meu jeito de perceber o mundo. Sou graduada e mestre em Enfermagem pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Ao longo da minha trajetória, abracei diferentes caminhos que dialogam entre si: sou professora universitária, coordenadora de curso, escritora, fotógrafa e arteterapeuta — ofícios e paixões

que se entrelaçam e alimentam minha busca constante por conexão e expressão. Escolhi cuidar do templo mais sagrado que habitamos: o corpo humano. E, ao longo do tempo, descobri que cuidar também passa por enxergar e valorizar a história e a beleza singular de cada ser. Em 2017, realizei um antigo sonho ao estudar fotografia profissionalmente. Desde então, a arte de desenhar com a luz e contar histórias através das imagens se tornou uma extensão natural do meu amor pelos livros e pela escrita. A fotografia me permite cuidar do outro de um modo único — por meio do encontro com aquilo que sua própria imagem desperta e revela sobre si mesmo. Hoje, sigo me surpreendendo ao observar pessoas e mergulhar nas múltiplas camadas que compõem suas histórias. Os detalhes singulares que formam cada indivíduo sempre chamaram minha atenção e continuam a inspirar minha arte. Além de publicações na área da enfermagem, venho me aventurando no campo da escrita literária, em um desejo genuíno de compartilhar sentimentos profundos e verdades da alma humana — aquelas que tantas vezes se revelam no encontro entre palavra, imagem e olhar. Instagram: @projetoperceba_se e @katiuciabarrosfotografia | E-mail: katiuciamartins@hotmail.com.



(...) Uma luta pela superação do colonialismo, da condição de inferioridade e do racismo. A igualdade racial ou de gênero (grifo da autora) não significa anular a diferença, mas alcançar reconhecimento mútuo de sujeitos plenos, capazes de afirmar identidades e corpos a partir de suas próprias existências (...).

(Franz Fanon)

NÓS SOMOS TODOS

Jesus Cristo pregava a igualdade, a fraternidade e o amor, pregava a simplicidade com discursos inclusivos em todos os sentidos, não fazia distinção entre gênero, classe social, faixa etária, doentes ou sãos. Ela amava a todos, e pregava, no Monte das Oliveiras, a infinita bondade de seu pai, afirmando que Ele amava todos os filhos, sem exceção. Ele não pregava em igrejas suntuosas, mas ao ar livre. Deus ama incondicionalmente seus filhos. Falava sobre a igualdade, a paz, a harmonia, a simplicidade e a bondade, características humanas, tão em falta, hoje.

A letra da música de Caetano e Milton Nascimento diz: “Pena, que pena, que coisa bonita, diga. Qual a palavra que nunca foi dita, diga. Qualquer maneira de amor vale aquela. Qualquer maneira de amor vale amar. Eles se amam de qualquer maneira, à vera. Qualquer maneira de amor vale o canto. Qualquer maneira me vale cantar”. E o amor move mesmo montanhas, salva, traz redenção e plenitude. Preenche como nenhum outro sentimento a alma dos homens, na Terra. A expressão *à vera* usada na letra da música vem do latim e designa autenticidade, algo puramente genuíno. Popularmente, o termo significa a sério, de verdade, a valer.

A música foi composta por Caetano em homenagem ao amor de Paula e Bebeto, amigos de Milton. Conta-se que eles se amaram ainda na adolescência, Paula com apenas 15 anos, e Bebeto, 17. Jovens de corações abertos que viveram um amor intenso, no Sul de Minas. Chegaram a ficar noivos, mas, à beira do casamento, não se sabe o motivo, separaram-se. Mas o amor existiu de qualquer maneira. A música acabou por virar um Hino ao Amor, qualquer amor, de qualquer maneira, amor entre homens e homens, entre mulheres e mulheres, entre homens e mulheres, entre humanos e animais. Ela transcendeu o objeto retratado e se espalhou como celebração.

Na Grécia Antiga, o amor homoafetivo era consagrado, institucionalizado. Tratava-se de uma prática pedagógica, uma espécie de rito de passagem do adolescente para a formação íntegra de um cidadão, por um mestre. Os relacionamentos homoafetivos tinham o objetivo de formar o caráter dos adolescentes com conhecimento e prática de virtudes. Geralmente, o mestre era um homem um pouco mais velho, e o jovem amante tinha entre 12 e 18 anos, este último teria um papel receptivo, na relação. Era cultural, e não havia nenhum traço negativo ou desonroso nessa prática.

Muitos são os registros de amor homoafetivo, como, por exemplo, a história de amor entre o jovem Alcebíades e Sócrates, seu mentor. Embora, Sócrates desejasse apenas guiar o jovem pelo conhecimento e pelas virtudes, Alcebíades o desejava além do platonismo, ele amava o mestre, incondicionalmente. Foi tão intenso esse amor-, que Sócrates, de cujo amor que pregava não era carnal, precisou romper com ele. Em *O Banquete*, de Platão, o filósofo fala do amor entre Alcebíades e Sócrates.

Em Coríntios, versículo 13, parágrafos 4 e 7, Paulo fala sobre o amor: “O amor é paciente, bondoso, não inveja, não se vangloria, não maltrata, não procura interesses, não se ira nem guarda rancor”. Fernando Pessoa, sobre a dificuldade de se dizer “eu te amo”, escreveu: “O amor quando se revela, não se sabe revelar. Sabe bem olhar p’ra ela, mas não lhe sabe falar. Quem quer dizer o que sente, não sabe o que há de dizer. Fala: parece que mente. Cala: parece esquecer. Ah, mas se ela adivinhasse, se pudesse ouvir o olhar, E se um olhar bastasse p’ra saber que a estão a amar (...). Mas se isto puder contar-lhe, o que não lhe ousa contar, já não terei que falar-lhe, porque lhe estou a falar”.

O amor entre filha e mãe, entre mãe e filho, entre pessoas que se animam pelo simples fato de amar, são amores eternos que não se sabe expressar, porque amor é um sentimento abstrato que leva as pessoas à

transcendência. Amor é vida e não importa a quem amamos, mas somente o fato de, simplesmente, amar. O amor anula guerras e diferenças sociais, anula o preconceito, o racismo e a intolerância, amor é virtude. Baseada nessas máximas, Fernanda Coelho, cantora e compositora, nascida em São Paulo, canta e encanta com suas composições e sua voz. E, num grito por liberdade, compõe *Nós Somos Todos*.

Nós Somos Todos é um hino à liberdade de sermos quem somos e podermos existir nesse mundo que Deus nos concedeu. Vale lembrar que, o amor homoafetivo, na Antiga Grécia, que era uma prática cultural institucionalizada, como citado acima, só foi condenado, assim que surgiu a Igreja Católica, no final do sistema politeísta dos deuses. O vocábulo católico (katholike) designa universal ou segundo o todo. Era uma fé institucionalizada que deveria abranger o universo inteiro, como um todo solidificado. Mas quem a escreveu e a reescreveu foram os homens que emergiram dessa crença, e não um ser divino.

Segundo os historiadores, a igreja se formou com o ministério de Jesus Cristo, século I, d. C. A fé que já vinha sendo divulgada antes da morte de Jesus, na cruz, espalhou-se, definitivamente, a partir de Pentecostes (quinquagésimo), quando os apóstolos de Jesus, começaram a pregar. Desses apóstolos até a formação da igreja com membros e sedes, muita coisa mudou. Pentecostes é o Domingo de Páscoa, quando ocorre a ressurreição de Jesus Cristo.

Em *Nós Somos Todos*, Fernanda Coelho ergue a bandeira da classe LGBTQIA+, mostrando que “nós somos todos” filhos de Deus e amados por Ele, incondicionalmente. Seguindo as palavras de Jesus que diz: Ame o próximo como a ti mesmo, ela desnuda as etnias existentes no Brasil e no mundo e inclui todas no rol do amor divino. Isso significa que a bandeira que ergue é muito maior do que se imagina: “Se somos negros, trans

ou travestis, somos mulheres, somos tupiniquins, nós somos muitos, não somos fracos, não tenha medo de olhar”.

Nas linhas versais acima, ela revela as pessoas que existem, mas não seguem o paradigma social da elite branca, rica e soberba, e são, por isso, marginalizadas pelo Estado, pela sociedade, partidos políticos, igrejas e até mesmo, pelos próprios familiares. Além de desnudar os labirintos humanos que as sociedades pretendem esconder, convida o público a olhar sem medo, porque não há diferenças entre pessoas. Pessoas são pessoas, apenas. “Olha”, diz a canção, “nós existimos, não tenham medo de olhar, só queremos viver em paz e com liberdade”. É a voz do povo oprimido que Fernanda levanta na canção, dos pobres, dos pretos, das brancas que vivem à beira das calçadas, dos pedintes, dos desassistidos. Jesus Cristo amava os leprosos, foi Ele quem nos ensinou essa questão humana dos homens sobre a Terra.

Nós Somos Todos é um texto de pura poesia inclusiva em que o eu-poético apresenta as etnias e os gêneros existentes nas sociedades, que foram e, ainda são, oprimidos, são eles: as mulheres, os negros, os índios, os gays, os trans, os pobres e os travestis. E esse rol não para aqui. É a voz de Geni maldita e bendita que se ergue em melopeia. Elton John é um militante ativo que prega a igualdade de gênero e a liberdade de existir. Sam Smith milita contra a homofobia e a transfobia em suas palavras ao público, mostrando o quanto é importante falar sobre as diferenças, sejam elas quais forem.

A canção *Born This Way* (Nasci Assim), de Lady Gaga é a comemoração da existência livre e da aceitação de si. O mesmo ocorre nas canções *Homem com H*, de Nei Matogrosso e *Hung Up*, de Madona. E na composição crítico-política, há uma infinidade de protestos que orientam quando ao direito de ser e de existir, de vivermos em uma democracia plena e justa.

Ao criar poesia simbolista, Eugênio de Castro compunha música. Isso mesmo, música. A melodia que surgia, como mágica linguística, na combinação ou na seleção de fonemas aglutinados — por meio de consoantes e vogais repetidas, trazia musicalidade às palavras concretas, tornando-as leves, fluidas e vaporosas. E assim que nasciam transformavam-se em notas musicais, e se espalhavam pela atmosfera ligeira e tênue, macia e ondulante. As letras compostas pelo poeta traduziam-se em canções: “Na messe que enlourece, estremece a quermesse. O sol, celestial girassol, esmorece. E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas, fluindo a fina flor dos fenos”.

Compor é antes de tudo conhecimento, mas, também, resistência e história, a letra de música *Tanto Mar*, de Chico Buarque, por exemplo, fala sobre a Ditadura em Portugal, que só termina, longo tempo depois, com a Revolução dos Cravos: “Foi bonita a festa, pá. Fiquei contente, ainda trago renitente um velho cravo para mim. Já murcharam sua festa, pá. Mas certamente, esqueceram uma semente em algum canto de jardim.”

Geraldo Vandré em *Para não Dizer que não Falei das Flores*, impondo sua voz como um mantra milagroso, pedia amor em vez de guerra, implorava paz e liberdade, com o fim da Ditadura Militar, no Brasil. A guitarrista e cantora norte-americana Joan Jeff (1958), já gritava, aos quatro cantos dos Estados Unidos (e outros espaços), *Bad Reputation*, em 1980: “Uma garota pode fazer o que ela quiser. E é isso que eu vou fazer, não dou a mínima para minha reputação.”

Estes são alguns aspectos das composições musicais que ensinam, contam histórias, marcam datas e, de uma forma ou de outra, registram tempos e acontecimentos. E nessa toada, os compositores são o cerne das metáforas sobre o amor e a dor, a paz e a guerra. Ou ainda, como a composição *O Bêbado e o Equilibrista*, de João Bosco, canção censurada pela Ditadura, que falava do sistema ditatorial, e isso não era para ser publicado, porque desde

sempre os algozes escondem seus machados, suas espadas e o veneno que escorrem do lado direito de suas bocas: “Caía a tarde feito um viaduto, e um bêbado trajando luto — me lembrou Carlitos. A lua, tal qual a dona de um bordel, pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel (...) E nuvens, lá no mata-borrão do céu, chupavam manchas torturadas. Que sufoco. Louco. O bêbado com chapéu-coco fazia irreverências mil pra noite do Brasil”. Ou, ainda, o *É proibido Proibir*, de Caetano Veloso, que fala sobre o direito de ir e vir, de ser e de existir.

No entanto, da mesma forma em que há excelentes músicos conhecidos e aclamados no mundo todo, há, outros, também, excelentes, mas completamente desconhecidos da grande mídia, repercutindo, apenas, em pequenos espaços, porque não tiveram oportunidade de serem ouvidos e lidos. É necessário que haja microfones que possam libertar as vozes anônimas, traçando, assim, possibilidades de estrada para artistas novos. Falo da cantora e compositora Fernanda Coelho.

Fernanda, desde pequena, mostrou-se musical. Seu gosto eclético surgiu do hábito de ouvir músicas, com a mãe, diariamente. Nessa prática, Fernanda apreciava gêneros musicais que iam do jazz, blues, MPB, canções da irlandesa Enya e da harpista canadense Loreena MacKennit, Mercedes Sosa, Madredeus, Pixinguinha, Óperas, como *Carmina Burana*, de Carl Orff, e *Aída*, de Giuseppe Verdi até o Rock and Roll. Na escala do Rock, aprecia Engenheiros do Havaí, Oásis, Nirvana, Pearl Jam, Queen, Red Hot Chili Peppers e muitas outras bandas.

Ainda na infância, pediu a mãe um berimbau de presente de aniversário, e criou com ele muitos sons. Passava horas experimentando e reinventando sons agudos e graves. Cresceu estudando piano em casa e cantando músicas da Alanis Morissette. Na vida adulta, entrou para a Faculdade de Música, em uma das mais antigas e prestigiadas de São Paulo, a Faculdade de Música Carlos Gomes. Na faculdade, a cada dia, ela era outra

e outras. Optou pela música popular, uma MPB com toques de pop e jazz, como algumas bandas soul dos anos cinquenta e sessenta, nos Estados Unidos. Nas práticas musicais, entrou em contato com as músicas de Guinga, e se apaixonou por todas elas. Passou a cantar Marisa Monte, Nina Simone, Monica Salmaso, Adele e Elis Regina.

A noite de sua audição foi algo surpreendente, Fernanda cantou com o coração e a noite foi de luz e de hinos. Não demorou nada para que começasse a cantar em bares e restaurantes, como é de praxe todo início de carreira de uma cantora novel. E assim, ela ora, dedilhava um violão, ora cantava ao som de um piano.

Em viagem ao Japão, Fernanda Coelho gravou, em 2018, seu primeiro disco intitulado *Cinco Minutos*. Faz parte desse álbum uma série de composições novas, como *Mala de Brechó*, *Castelos Falsos*, *Índio e Pipas ao Ar*. Participou de várias entrevistas em Programas como “Café com Selinho”, de Marcelo Camargo; “Tarde Top”, de Nani Venâncio, “Gente que Fala”, e muitos outros. É nesse patamar que caminha a paulistana Fernanda Coelho, nascida em 1986. No Brasil, lançou *Nós Somos Todos*, em 2023, e em 2024, mais três canções: *Somos Jovens*, *Memória* e *Trem do Mundo*.

Em “Se somos negros, trans ou travestis, somos mulheres, somos tupiniquins, nós somos muitos, não somos fracos,” a compositora une mulheres, negros, pessoas trans, índios e travestis, criando um imenso globo inclusivo, dentro das sociedades já existentes. As rimas estruturam a letra da canção, mesmo seguindo versos livres, como, por exemplo, a repetição do verbo ser, na primeira pessoa do plural (somos), trazendo musicalidade à letra: *Nós Somos Todos/ Somos mulheres. Somos tupiniquins*. Esses conjuntos rimados trazem fonemas sibilantes do “s” e a repetição da vogal “o”, resultando em melopeias. As diversas rimas que estão espalhadas pela letra são tupiniquins/gays/travestis; os verbos olhar/respeitar/interessar/lugar; todo/ato/

átomo; festa/massa/bruxa/gosta; calor/dor/cor/sabor; festa/dança; espetáculo/ato/todo/átomo/ton.

Em “**somos muitos**” há a repetição dos fonemas bilabiais do “**m**” seguidos das vogais “**o**” e “**u**”, uma vez que em “**somos**”, a última vogal “**o**” é átona e tem som de “**u**”, assim como “**todo**”. A repetição do advérbio de negação “**não**” ajuda a criar sons nasalizados, mas também, o som da sílaba “**ção**” de “**negação**” (com som sibilante do “**s**”). Isso significa que antes de ser música, a letra de *Nós Somos Todos* já era canção. O uso do termo francês ton-sur-ton mostra como a mesma cor pode caminhar do tom frio ao quente usando pequenas diferenças a cada mudança, ou seja, tom sobre tom, uma composição única com diferentes tonalidades tênues. O conceito deixa claro que pessoas não são cores, mas que as diferenças delgadas trazem uma beleza única, nas festas, nos espetáculos e nas danças dos desmascarados. Afinal, vivemos em um país miscigenado para nossa glória.

Quando a compositora diz “Somos vocês e vocês todos nós. Somos um todo. Somos um ato, Somos o ton-sur-ton desse lugar”, ela mostra o quanto a população de um país (de todos os países) é igual por ser diferente e diferente por ser igual. Somos todos seres humanos, filhos de Deus. Os oprimidos formam um todo, um ato, um átomo e vão ser apresentados em uma festa, porque eles todos são a representação desse lugar. Cor, no texto, é a metáfora de representatividade, da existência.

Em “Nós somos massa e calor, a dor e o sabor desse lugar” revela o quanto pertencemos à sociedade. Os excluídos não querem guerra, votam pela paz e pelo respeito: Aprendam a respeitar! Da mesma forma que todos nós (que somos muitos) respeitamos os demais (os conservadores e os cristãos), nós (que não somos fracos) queremos ser respeitados. Temos o direito de vivermos em paz.

Em “Se somos virgens, bruxas ou putas” refere-se ao paradigma estipulado à mulher (a condição feminina): ou a mulher, nas sociedades, é virgem (exigência do sistema patriarcal para manter sob controle o corpo e a alma feminina)-, ou puta (toda mulher que não segue as normas estabelecidas pelo patriarcado). Desde a Idade Média, há dois caminhos para a mulher: santa ou puta. Mas ainda, há a bruxa, uma mulher sábia, e por isso, assustadora. A compositora tira o véu da história e revela a opressão (a dor) e o controle sob a mulher, na linha da história, desde os primórdios. Quando a bruxa, uma espécie de sacerdotisa das aldeias medievais, curavam as crianças e os idosos e todos das aldeias — com seus chás, unguentos, xaropes e elixires, ela era considerada perigosa. Mas ela só lutava pelo bem estar das aldeias. Ela não queria estar acima dos homens, mas ao lado deles todos. A compositora sonha com uma sociedade justa e harmônica, lugar onde a paz reinaria, ininterruptamente. Uma alusão às palavras de Martin Luther King: “Eu tenho um sonho...”

Na antiga Grécia, no século VI - antes de Cristo, havia a Ilha de Lesbos, lugar onde vivia a poeta Safo, uma das primeiras poetisas daquela época. Safo cantava em seus versos o amor em toda a sua dimensão, principalmente entre mulheres. E até hoje se faz necessário cantar, porque as sociedades preferem o ódio e a guerra. Mas a poeta Safo preferia o amor e a paz. Preferia a transcendência. Cristine de Pizan, nascida na Itália, em 1364, viveu a vida toda na França. Escritora e filósofa, ela lutava contra a exacerbada misoginia da época, autora de *Cidade das Damas* (1405). Na obra, Pizan cria uma cidade que protege as mulheres, nela, não há homens misóginos desejando que todas sofram ou morram. Poderíamos dizer que é a primeira cidade ficcítica que mostra a convivência pacífica e evolutiva entre mulheres? As mulheres não querem guerra com ninguém. Lutam apenas pelo direito de existirem, pacificamente. É preciso que a sociedade

enxergue a população como pessoas semelhantes, como seres humanos, e não como brancos, pretos, gays, travestis, pobres e ricos.

E a canção termina em festa, uma festa em que os oprimidos tiram os privilegiados para dançar. Será um espetáculo, porque o propósito desse baile é a união em massa, dos mascarados e dos desmascarados. E como diz Franz Fanon em *Peles Negras e Máscaras Brancas*, é necessário despir-se dos preconceitos, da intolerância, do ódio, do racismo, da xenofobia (grifo da autora) e da homofobia (grifo da autora), pois, só assim, seremos uma nação que aprenderá a respeitar o outro. E assim segue Fernanda Coelho criando composições sobre o amor e cantando como cantam os pássaros que voam na dimensão do azul celestial.

Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do **Cinco Minutos UnG** e coordenadora do **UnGNews**. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De Prima*, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri

Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: *História e Resistência*; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.



DESTINO, FLORIPA!

Joana sempre foi admirada e elogiada, tanto quanto a cidade onde nasceu: Rio de Janeiro. Morena - cor do pecado, segundo sua mãe - destacou-se desde criança. Dona de olhos cor avelã que mudam o tom conforme a incidência de luz e exercem fascínio imediato, ela hipnotiza quem a conhece! O cabelo castanho escuro, cai em cachos como uma cascata! Agora, com dezoito anos, o corpo é sinônimo de beleza e atração. Infelizmente, não prosseguiu com os estudos com o mesmo ímpeto que foi assediada e almejada. Acostumou-se com o grande entusiasmo que costumava causar e estudar não a agradava!

Em contrapartida, apesar da atenção, tornou-se uma moça dedicada à família; ingênua até! Com a aparência de uma deusa; todavia, com o discernimento de uma criança!

A família, simples, não dispõe de tempo para observar cada um em foco. Todos agem automaticamente, cumprindo deveres e ajudando-se mutuamente.

A mãe, D. Suzana, com seis filhos divide o espaço com os pais idosos com vários problemas de saúde; a cunhada, mora no fundo da casa com mais três filhos. Nenhuma tem marido. A vizinha da direita, também cuida sozinha dos cinco filhos e o vizinho da esquerda, é um senhor que foi abandonado pelo vício da bebida e precisa da ajuda de uma cadeira de rodas para se locomover. Todos estão de mãos dadas a muito tempo e vivem sem expectativas, um dia após o outro.

Para ajudar no orçamento familiar, Joana recebe pacotes para lavar e passar. Aceita tudo; desde fraldas de pano até cortinas. Aprendeu com a

avó a engomar camisas, deixando-as impecáveis. É certo que poucos solicitam esse recurso, mas é ainda requisitado em ocasiões especiais.

Antes de completar vinte anos, Joana conhece Vicente, rapaz tido como galanteador da região e que já conquistou todas as jovens dali. Joana é a última da sua lista e a mais especial, como considera.

Devido a muitas obrigações da jovem com a família, não foi fácil como imaginava atrair sua atenção. A moça revela-se reservada e tímida quando sozinhos e Vicente, foi obrigado a planejar algo diferente para os dois...

Marcou um encontro com ela no final de tarde de um dia comum e arriscou-se como nunca antes...

- Jô, estou apaixonado por você! Porém, sua família não lhe dá trégua no serviço e não pode dedicar-se inteiramente a mim! Faça-lhe uma proposta: Vamos trocar de praia?

- Como assim? Não entendo!

- Vamos nos aventurar e morar em outra cidade do litoral?

- Qual?

- Eu pesquisei a respeito e tive a indicação de alguns amigos; o que acha de vivermos em Florianópolis?

- O quê? É muito longe daqui!

- Justamente por isso! Você já é adulta e lá poderemos iniciar a nossa história, sem o envolvimento de mais ninguém. Pense com carinho, meu amor! - e ele lança a frase que considera infalível para atingir o coração feminino: - A felicidade até bate à porta, mas não gira a maçaneta! - ele sorri maliciosamente, seguido de uma piscada.

"Pronto! - pensa - Ela foi fisgada!"

Ele não errou! Mudaram-se na semana seguinte sem a moça despedir-se! Faltou-lhe coragem! Apenas deixou um bilhete para a mãe...

"Mãe, a senhora nunca compreenderá o que faço. Lamento por isso! Acontece que sou adulta e posso escolher meu caminho; a senhora fez isso também!

Vou viver com Vicente em outra cidade. Sei que não o aprova, pois já falamos sobre ele. Rezo para que a senhora fique bem e acolha no seu coração minha decisão. No futuro verá que eu estava certa! Com amor, Joana"

A moça tinha reserva de dinheiro, fruto do trabalho exaustivo e ininterrupto com as roupas. Foi com esse montante que pagou adiantado, duas mensalidades da pousada em que se hospedaram. Um quarto pequeno e sem luxo é o novo endereço do casal.

O primeiro mês é puro encanto e romance! Joana nunca se sentiu tão amada, linda e realizada!

Nada de fato possuíam, mas o que os unia era tudo o que mais poderia desejar!

Os passeios a pé permitiam que apreciassem a natureza com maior intensidade. Caminhavam de mãos dadas como se fossem os únicos no mundo. Ela notava que as pessoas costumavam olhar para eles e pensava que deveriam achar que tinham grande sorte!

Vicente fez amizade com alguns pescadores que o levavam para o mar, a fim de conseguir algum dinheiro extra. E desse jeito inusitado, os jovens mantinham-se apaixonados e esperançosos.

A mudança de cenário e humor deu-se quando Joana anunciou a gravidez!

O rapaz ficou calado, sem expressão, por alguns segundos e finalmente respondeu:

- Fique tranquila, amor! Não será um problema para nós! Ao contrário, estamos recebendo uma grande graça!

Joana sentiu-se aliviada, protegida e envolta à sorte. Amaram-se a noite inteira e Vicente questionou-se a si mesmo: "Por que não? Ela não pode ficar mais grávida do que está!"

No dia seguinte, o namorado voltou cedo da pescaria, anunciando:

- Querida, um colega me avisou sobre uma ótima oportunidade! No porto de Itajaí, não muito distante daqui, uma empresa está contratando. Eles inclusive possuem alguns quartos perto do porto reservados aos funcionários! Irei conhecer o local e falar com o patrão, agora mesmo! A sorte nos está sorrindo novamente! - ele juntou alguns pertences e partiu.

Joana nunca mais o viu ou teve notícias dele. E a palavra sorte mudou o significado para ela.

Por dias, manteve-se trancada no quarto, esperando por ele. Quando seu dinheiro acabou, sem saber o que pensar ou fazer, percebeu que não tinha a quem recorrer. A vergonha era latente e a moça não considerava pedir ajuda aos familiares. Ela rezava e chorava sem trégua; como resposta, a proprietária da pousada foi vê-la:

- Menina, notei que não sai mais do quarto! Está doente? Onde anda seu namorado?

Entre soluços, Joana compartilhou sua triste história. A jovem senhora, boa pessoa, abraçou a menina quando ela revelou a gravidez.

- Pare de chorar! Vou ajudá-la! Venha, eu preparei uma comida muito gostosa e você precisa se alimentar!

Joana foi levada à ilha para a residência de um casal de idosos que precisava de alguém para fazer-lhes companhia e para cuidar da casa; tarefas que a moça estava familiarizada.

Ela preferiu esconder a gravidez no início, temendo que a mandassem embora. A casa era grande e havia um quarto no quintal onde Joana se acomodou com as poucas coisas que tinha.

Não foi necessário tempo para os idosos se afeiçoarem a ela e ela, a eles! Ela cuidava de tudo com facilidade e boa vontade. Sempre oferecia a cada um o seu melhor, seguido de um sorriso sincero e palavras de gratidão.

No final do segundo mês em que estava instalada, a senhora, D. Terezinha, com uma voz suave perguntou-lhe:

- Com quantos meses você está, querida?

Joana, olhos arregalados, sem saber o que dizer, começou a chorar.

- Calma, meu bem! Não iremos desampará-la! Queremos ajudá-la a criar esse bebê! Falo em nome do Arnaldo, também! Já discutimos o assunto...

Após um suspiro longo, a moça de beleza ímpar, abraçou a mulher.

- Muito obrigada! - sussurrou sem conseguir dizer mais nada.

Rafael, único filho do casal, está fora a bastante tempo; desde o período da faculdade quando foi estudar em outro estado. Concluiu a medicina com afinco e fez pós-graduação em Londres, onde conheceu Joaquim. A faísca entre os dois foi instantânea. O fato de serem estrangeiros, evidente, propiciou a harmonia e a rapidez com que se uniram. Na volta ao país de origem, não tiveram temor em expor o que sentiam e pretendiam. Fixaram residência em São Paulo pela facilidade de trabalho e para o

crescimento profissional de cada um. Rafael tornou-se psiquiatra e Joaquim, arquiteto.

Os pais de Rafael acolheram Joaquim como filho e sempre passam o Natal juntos.

Arnaldo ligou para o filho contando sobre a situação atual. Ele os encorajou, alegando ser interessante a companhia de uma criança.

- Papai, é uma interação muito agradável e positiva! Você e a mamãe irão reviver histórias do passado e se encantarão com novas! Confesso, eu e o Joca estamos considerando essa hipótese também! Em breve teremos duas crianças, brincando juntas, no Natal! Precisaremos de uma árvore maior para mais presentes!

O pai agradeceu o apoio e a compreensão.

A barriga da moça cresceu aos poucos e cada consulta era motivo de comemoração e muitos planos. Na décima sexta semana, descobriram o sexo do bebê: um menino! E para ser grata ao tratamento recebido, Joana sugeriu que o casal escolhesse o nome da criança. Missão sempre difícil e de muita responsabilidade... Decidiram-se por José! Nome que guarda a missão de amar o filho de outro como seu!

Terezinha compartilhou com Joana uma outra história que ouviu quando pequena e a acompanhou durante a vida:

"As irmãs de Loretto em Santa Fé, Novo México, nos EUA, precisavam de uma escada para obter acesso ao coro da capela e rezaram uma novena pedindo a intercessão de São José, enviando-lhes um carpinteiro. Um homem misterioso apareceu no último dia de oração; construiu a escada, desaparecendo em seguida sem receber pagamento.

A engenharia da escada é inexplicável até hoje. Foi construída em 1878, sem apoio central, pregos ou cola, com uma técnica e madeira intrigantes!"

- Por isso, entregue seu filho a São José e ele construirá um caminho de luz e vitórias ao seu filho!

Chega o dia do parto e tudo está devidamente providenciado. Rafael, como presente, ofereceu-se para pagar pelo parto, médicos e acomodação no hospital.

Joana entra no Uber, radiante, junto com o casal. Chegam ao hospital sem demora e o nenê nasce com facilidade e de forma natural. Enquanto a atenção dos médicos está no recém-nascido; que logo se nota que herdou os traços e a beleza da mãe, algo inesperado acontece com ela. Seu útero fecha prematuramente, retendo a placenta que fica presa firmemente à parede uterina em vez de se soltar e ser expelida. Sua pressão arterial cai drasticamente e Joana apresenta um quadro de hemorragia. Ela é submetida imediatamente a uma manobra em que o profissional precisa ser perito e urgente; pois a perda excessiva de sangue pode ser fatal e, consegue ser tratada a tempo.

Enfraquecida, precisa ficar mais dias no hospital sendo medicada e sob observação. Infelizmente, os médicos descobrem uma infecção que abre espaço para algo pior. E Joana acaba falecendo.

Terezinha e Arnaldo, ficam sem chão e pedem ajuda ao filho. Rafael chega sem demora com uma decisão e solução:

- Papai e mamãe, eu cuidarei de cada detalhe sobre o funeral da Joana. Sei que estão inconformados! Lamento a dor e perda que sofreram! O

luto é algo desgastante e por isso, contratei três cuidadoras que irão se revezar em turnos e substituirão os afazeres e cuidados que recebiam. Quanto ao bebê, se concordarem, entrarei imediatamente com os documentos para o processo de adoção. Conversei com o Joaquim e ele pediu desculpa por não poder me acompanhar. Está em um congresso onde é palestrante. Mas, é o desejo dele também reconhecermos José como nosso filho! - e ele mostra a mensagem do amado.

"Sem ser minha escolha, não posso estar presente nesse momento único e importante; porém, meu coração está ligado ao seu de um jeito mais forte do que qualquer promessa. Eu vejo um futuro em que dividimos não só sonhos, mas uma vida em família com manhãs tranquilas, risadas na cozinha e brincadeiras sem fim. Mesmo sem termos dado esse passo ainda, eu já sinto o milagre acontecendo e nos envolvendo com amor. Cuidaremos um do outro e nos apoiaremos em todas as dificuldades que poderão existir na criação desse menino. É como se nossas vidas já estivessem unidas antes, só aguardando o tempo adequado para cada um, abrindo espaço para os sentimentos do outro, pudéssemos construir uma base tão real e sólida quanto qualquer aliança ou cerimônia pudesse trazer! Eu digo sim a nós e a essa família que nos tornamos a partir desse momento! Amo você e o nosso filho para sempre!"

Os recentes avós choram copiosamente com as palavras tão perfeitas do genro. E Arnaldo diz emocionado:

- Eu não tenho dúvida que vocês serão a família que essa criança precisa para crescer e prosperar! Garantirão a ele educação, cuidados, amor e conseqüentemente, obterão vitórias!

- Deus os abençoe, meu filho! - responde Terezinha.

O primeiro aniversário de José é comemorado cercado dos avós e amigos, com grande festa. A adoção foi concretizada e a família continuou recebendo bênçãos e proteção divina como sempre mereceu!

Simone & Alexandre Fraenkel



Simone é paulista e Alexandre, gaúcho; o encontro se deu em Florianópolis onde vivem, casados há vinte anos. A harmonia entre os dois de tão perfeita reflete-se nas histórias que escrevem, sempre a quatro mãos. Gostam de trocar ideias com leitores interessados em saber como criam suas obras. E adoram dividir suas experiências de viagens. Viajar é paixão de ambos! "Costumamos dizer que durante o dia somos pessoas normais, iguais a qualquer outra; na madrugada, emprestamos nossas almas para darmos vida aos diversos personagens que criamos!". "Nosso interesse é entreter; oferecer elementos para o leitor sentir-se parte da trama! Para as nossas histórias ecoarem em seus corações o maior tempo possível!".



CONTO: A CARTOMANTE

Carmem vivia numa casa antiga, de janelas altas e paredes que guardavam o cheiro do tempo. O assoalho rangia sob seus passos, as cortinas sempre meio cerradas filtravam a luz do sol em faixas oblíquas, e o vento que atravessava as frestas carregava murmúrios do passado. A casa, como ela, parecia guardar segredos que ninguém ousava decifrar.

O baralho que herdara ainda criança era seu bem mais enigmático. O encontrou numa caixa de madeira esquecida no sótão da família, envolto em um pano gasto e perfumado de incenso antigo. Não eram cartas comuns: havia luas em diferentes fases, rios que pareciam mover-se sobre o papel, figuras de olhos cerrados que despertavam sob o olhar insistente. Carmem jamais soube de onde vieram — apenas que lhe pertenciam. Quando as tocava, sentia como se pulsassem, vivas, respirando junto dela.

Na praça, passava despercebida com vestidos simples e cabelos soltos ao vento. Ninguém imaginava a intensidade que escondia em silêncio. Discreta, quase invisível, sustentava-se com costuras e bordados e, às escondidas, atendia aqueles que a procuravam em busca de respostas. Mas cada leitura cobrava um preço: não apenas um cansaço físico, mas uma dor profunda, como se as cartas arrancassem dela um fragmento de alma.

Desde cedo aprendeu a carregar esse fardo. Quando criança, ao brincar com o baralho, viu a queda de um vizinho anunciada dias antes do acidente. Mais tarde, um adolescente que lhe pediu uma leitura, revelou sem querer a partida iminente da mãe. As cartas nunca mentiam. E a cada revelação, Carmem se isolava mais. A vizinhança murmurava: “*feiticeira*”, “*esquisita*”. Ela não se importava. O dom a protegia e também a condenava.

Numa tarde de céu encoberto, alguém bateu à porta. Era Daniel, um forasteiro de olhar profundo, marcado pela inquietude de quem carrega perguntas demais. Trazia na roupa o pó da estrada, nos olhos um cansaço antigo. Não explicou de imediato o que buscava; apenas confessou que um chamado inexplicável o trouxe até aquela cidade sem rumo certo. Sua voz tinha um timbre sereno, mas escondia algo pesado, como se viesse de longe carregando lembranças que preferia silenciar.

Carmem o recebeu com cautela. Enquanto ele falava, percebia em sua melancolia um espelho de sua própria solidão. Havia nele uma doçura que a desconcertava, um silêncio que parecia pedir abrigo. Quando abriu o baralho, a primeira carta caiu sozinha sobre a mesa: **O Caminhante**. Um arrepio percorreu-lhe a espinha — aquela carta raramente surgia sem motivo, e, quando aparecia, anunciava encontros destinados.

As demais cartas a deixaram sem fôlego. Não mostravam apenas a vida de Daniel, mas também a sua própria. Ali estavam suas figuras, lado a lado, ora de mãos dadas, ora diante de sombras que os cercavam. Como se o destino tivesse entrelaçado suas histórias muito antes de se conhecerem.

— O que vê? — perguntou Daniel, com os olhos fixos nela, como se quisessem atravessá-la. Carmem hesitou. — Vejo caminhos que se encontram. Vejo um laço forte... mas também vejo perigo.

Ele não se assustou. Sorriu com uma calma quase desafiante, como se já soubesse.

Nos dias seguintes, Daniel voltou. Às vezes para novas leituras, às vezes apenas para conversar. Trazia histórias de viagens, descrições de cidades distantes, lembranças de noites em que dormira sob o céu aberto. Carmem, que sempre manteve distância de todos, começou a sentir a estranha doçura de sua presença. Conversavam até tarde, riam de memórias simples, trocavam confidências. A cada encontro, Carmem percebia que

sua casa, antes tão silenciosa, agora tinha ressonâncias novas, como se as paredes também escutassem.

Mas, a cada leitura, as cartas repetiam os sinais: união e risco, amor e sacrifício. Às vezes mostravam rios que se bifurcavam e voltavam a se encontrar; noutras, duas figuras unidas por correntes douradas, cercadas por sombras que ameaçavam se fechar. O baralho parecia insistir numa história de amor inevitável, mas cheia de provações.

Carmem lutava contra si mesma. O coração queria acreditar no que florescia entre eles; a razão lembrava do peso das cartas. Daniel, por sua vez, dizia não temer o futuro — queria apenas viver o presente ao lado dela. Pouco a pouco, o que era apenas atração tornou-se amor: um amor tecido de silêncio, ternura e mistério.

Numa noite de tempestade, incapaz de suportar a dúvida, Carmem fez o que sempre evitou: jogou as cartas para si mesma. As mãos tremiam ao embaralhar. O vento batia nas janelas, e a chama da lamparina vacilava como se também esperasse. Quando virou a última carta, o ar da sala pareceu suspenso. Era a que mais temia: **O Encontro**.

No centro da lâmina, duas silhuetas se aproximavam: uma envolta em luz, outra mergulhada em sombra. Entre elas, uma estrada bifurcada que parecia pulsar, como se pedisse escolha. Ali estava o destino escrito: o laço entre ela e Daniel não poderia ser evitado. Mas o desenho também revelava dois caminhos — um iluminado, outro coberto por trevas. E então compreendeu: as cartas não traziam respostas, apenas espelhos. A escolha não estava nelas, mas em sua coragem.

Na manhã seguinte, quando Daniel apareceu, Carmem não lhe falou dos riscos, nem do que viria. Apenas o abraçou como quem aceita um destino inevitável. Entendeu, enfim, que o amor não é profecia: é decisão.

Enquanto a tempestade se desfazia lá fora e a claridade da manhã invadia a casa, Carmem guardou o baralho na caixa de madeira. Fechou-a

com firmeza, como quem encerra um ciclo. Pela primeira vez, não buscou respostas. O futuro, agora, não estava escrito nos símbolos enigmáticos das cartas, mas no gesto simples de suas mãos entrelaçadas às de Daniel.

Ari Göisler



Sou Aricele Geisler, natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Cresci na icônica Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo, onde os vastos horizontes e a brisa do mar moldaram minha paixão pela educação e pela escrita. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduada em Psicologia Positiva. Desde pequena, fui imersa em um universo repleto de livros, uma herança dos meus pais, ávidos leitores. Essa convivência despertou em mim um amor profundo pela leitura, que vejo como um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Acredito firmemente que a leitura é o caminho para a construção do conhecimento e, por isso, os livros devem ser acessíveis e democráticos, essenciais para o crescimento de todos. Minha paixão pela literatura me levou a escrever meu primeiro livro infanto-juvenil, "Os Rabiscos Coloridos", publicado em 2021. A aventura continua com meu mais recente trabalho, "O Menino que Tinha Medo de Trovão". Além dos livros, dedico-me à escrita de contos e crônicas sobre os mais variados temas, explorando sempre novas histórias e perspectivas. Instagram: @escritora_aricele_geisler.

ENSAIOS



LUCÍLIO E EU: FRAGMENTOS DE UM CADERNO DE NOTAS

Vós que viveis com o pensamento
preso em um viver antigo
não sabes bem se cultivas o hábito
de prender-se a si ou se deixa seus órgãos
serem lidos pelo outro, amado ou indesejável.
Exercitas teu pensamento,
regra para um corpo-enfrentamento sólido e robusto,
e escreves linhas meditativas
em letras pungentes e reconhecidas na madrugada
por aqueles que o mesmo fazem.
És um operador da tua verdade, Lucílio,
cujo relato vêm à memória dos que te invejam
a desgraça insignificante, pois tua alma é tranquila,
assim como a alma dos que conservam a forma original
de um pássaro belo e suscetível de calar as paixões e o latido
dos que te odeiam por bem pouco e o confessam por meio de movimentos
inversos,
mas você os ignora ao constituir-se a si.
Como é bela a tua jornada.
Tua ética me parece orientada ao bem,
uma ética construída sob firmes alicerces e que te permite
desfrutar de uma vida plena,
dia a dia,
célula a célula,

corpo a corpo,
prática insistente de autoleitura.

Recorro às tuas palavras para não esgotar as minhas e sigo aprendendo.
Pouco importa se foi ignorada vossa sabedoria e a de Sêneca,
pois ambos dizem o já dito de um modo tão belo
que a *vibe* de vocês abraça-nos de mansinho e nos obriga a entender
as fugas desenhadas pelos corpos todos em cadernos ou blocos de notas
no decorrer da história.

Não consinto a meu corpo entender-lhes as intenções
sem uma justaposição de ideias,
pois as semelhanças me parecem muitas
e não quero fazer comparações baratas e covardes, com exemplos tirados
do nada
quando o nada é, por si, sem definição.

Preciso dedicar mais tempo para me corresponder com você, Lucílio.
Exercitar-me é sempre necessário para que o *sopro* se mantenha,
pois compartilhar os *restos* não me parece agradável.

[Guardemos o lado fétido para outra ocasião, quando te pedir decifração].

Notas: O texto enviado por Sêneca a Marulo é uma carta de consolo.
Sêneca aconselhava Lucílio por meio de cartas.
Plínio escrevia cartas. Cícero também.
Estou na escrita de meu segundo caderno pessoal.

*

Estou agora, Lucílio, passeando sob as linhas deste texto

e sinto que descera pela garganta da maioria dos que a ele tiverem acesso. Olho em volta e minha casa está cheia de coisas e ferve o meu sangue e o meu cérebro.

A natureza passa as horas e cada centavo de minuto faz efeito nestas páginas que me consomem o espírito a fim de que a palavra ganhe forma sem firulas, mas com percepção.

Minha estadia no escritório me faz bem, pois minhas leituras se transformam naquilo que agora te falo.

Durmo pouco, pois vejo a antecipação das horas a me favorecer na construção do significado de tudo isto.

Dar significado a uma criação parece-me trabalhoso, mas vejo que a prática de colocar nesta folha as palavras que a ti entrego requer uma disciplina diluída no correr das horas cuja leveza me convence a continuar, mas preciso libertar-me, antes que meus pensamentos fiquem à mercê de uma feijoada acrílica no fundo de um quintal qualquer.

*

Preciso é controlar os pensamentos Lucílio, bem sabes, porque tornar-se-ão concretos em cadernos de notas e ninguém merece ver a brutalidade de uma escrita grosseira se esta não justificar-se por si própria.

Esse texto é uma carta a você, com quem não falo faz um tempo, mas sempre que posso, busco me aproximar de ti, talvez sem técnicas específicas, mas com uma intencionalidade que nenhuma técnica explica.

Silêncio.

Leio.

Escrevo.

Reviso.

Nada escapa às orientações dadas a mim por Sêneca
e por Epicteto.

Escrever é um exercício que mantém minha escrita em forma.
É um trabalho muscular valioso.

Notas: Sêneca posicionou-se contra Calígula.

Sêneca foi preceptor de Nero.

Sêneca viveu em Roma.

Há, na gaveta, um texto guardado, escrito em italiano. Peguei para ler.

Rosa Luizári



Rosa Luizári nasceu em São Paulo. Autora dos livros *Sinopse do Corpo* (Helvétia Éditions, 2020), *Poemas para ler às oito da manhã* (2022) e *Escolhas inteligentes: um e-book pra te ensinar como ganhar mais a partir de seus investimentos* (2024). Rosa Luizári integra o Conselho editorial e é Membro da Academia de Letras Rioclarense (ALERC-SP), do Núcleo de Letras e Artes de Portugal (NALAP), Membro Fondatore do Nucleo Accademico Italiano de Scienze, Lettere e Arti e Membro do Núcleo Acadêmico de Letras y Artes de Buenos Aires e da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul, Brasil.



ALÉM DAS CORES, DA IMAGINAÇÃO, DOS NÚMEROS E DO BRINCAR

O ambiente alfabetizador vai além das cores e das letras impostas nas paredes das salas de aula, o ambiente precisa ser lúdico com estímulos reais do que a criança necessita para intervir, refletir, se sentir parte única e individual do meio onde está inserida. A riqueza das histórias contadas, das brincadeiras mediadas das situações encenadas e fantasiadas, segundo Soares:

(...) a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, por que não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada. (2004, p.24)

Sendo assim, essa criança será reconhecida tendo o primeiro contato com a leitura , a leitura de seu mundo, sua casa, a voz de seus familiares, para depois conseguir identificar o ambiente escolar, que faz parte do letramento, sons, vozes, letras, e por fim, palavras. O letramento virá em consequência dos estímulos positivos que estas crianças recebem ao longo dos anos iniciais e finais da educação básica.

“As potencialidades do indivíduo devem ser levadas em conta durante o processo de ensino-aprendizagem. Isto porque, a partir do contato com uma pessoa mais experiente, as potencialidades do aprendiz são transformadas em

situações que ativam nele esquemas processuais cognitivos ou comportamentais, ou de que este convívio produza no indivíduo novas potencialidades, num processo dialético contínuo”. (Vygotsky, 1989)

O sucesso desta alfabetização acontecerá em retorno destas consequências, as habilidades conquistadas e colocadas em prática. Um ambiente alfabetizador deve conter um espaço lúdico, que acolha a criança a ponto de desenvolver sua criatividade, criar laços afetivos, estimular o concreto a partir da fantasia e da realidade. Desenvolvendo a cognição, a psicomotricidade, a socialização das crianças e seus aspectos socioemocionais.

De acordo com a LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 em sua seção II, nessa primeira etapa da educação básica é primordial que os educadores proporcionem atividades que desenvolvam os aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor e social das crianças.

A Biblioteca escolar é um ambiente para aula de leitura, um livro para a idade da turma, pedir que alterem a história, na parte que quiserem, indicar e mediar os conflitos da história, durante o processo do reconto da turma, acrescentando cada ponto de vista, reconhecendo cada aprendizado e cada reflexão de seus conhecimentos de mundo. O reconhecimento das letras ocorre também nesse processo, onde podemos apontar os nomes dos personagens e pedir que façam a análise. A aprendizagem acontecerá de maneira natural e reflexiva.

Ocorre portanto o reconhecimento da linguagem humana, dos sinais, dos sons e das palavras. No ambiente escolar o lúdico faz com que muitas crianças desenvolvam suas principais habilidades.

A criança ao brincar desenvolve autonomia, reflexão e criatividade, percebe onde está inserida como um ser individual e único, pertencente a

um meio, seja este urbano ou rural, a capacidade infantil de desenvolver atividades no brincar socializa a sua relação com outras crianças, com os adultos e com os brinquedos. Para Bruno Bettelheim (1989), a brincadeira é uma ponte para a realidade: propicia à criança a compreensão de como o mundo funciona.

O brinquedo criado a partir de sucatas possibilita a criança o uso da criatividade o que este material quebrado ou destruído pode virar, uma parte de um robô, uma boneca, um carrinho, a fantasia e a criatividade são estímulos diretos e indiretos no universo infantil.

“Ao brincar, a criança está tão dominada pelo inconsciente que realmente é desnecessário recomendar-lhe que exclua deliberadamente as interferências conscientes. A técnica lúdica proporciona abundância de material e dá acesso aos estratos profundos da mente” (KLEIN apud SANTOS, 2005, p. 42).

O processo de imaginação e criação da criança ocorre em toda atividade recreativa que tenha estímulos, ou seja, a criança é reflexo do meio, por exemplo, na roça quantas meninas tinham suas bonecas com cabelos de espiga de milho, na cidade as roupas das bonecas eram iguais às de mulheres adultas, suas brincadeiras também são reflexos de suas realidades. Vygotsky (1987, p.37) conceitua: O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Brinquedos industrializados não proporcionam o total uso da imaginação e da fantasia tanto quanto os brinquedos criados a partir de sucatas, por se tratar de brinquedos prontos o que a imaginação criaria a fábrica já o fez, um exemplo disso é decidir por exemplo se o robô ou a boneca será colorida ou não, se terá braços de lata, ou de pano, se os cabelos da boneca

serão de lã ou de espigas de milho, de acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27, v.01):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

A criança em seu universo tem a imaginação que a instrui a ser quem ela quiser durante a brincadeira e é com estes momentos que aprende a conviver com o outro, a respeitar o espaço diferente do seu, assim percebe-se a socialização efetiva e cultural destes futuros seres atuantes e reflexivos em sociedade.

A autonomia acontece enquanto brincamos de ser quem quisermos ser.

Assim acontece também com a aquisição dos números. Ser numeralizado é entender a dinâmica dos números, perceber os decimais, identificar as características do uso dos numerais em diversos sentidos, seja ele, para escolher um brinquedo ou dois, seja para pedir mais balas quando se ganhou duas, percebe que o tamanho do pé é medido por números, que quando se cresce identificamos nosso tamanho por números, percebemos que quando juntamos dinheiro ou pagamos por algo usamos os números.

Segundo Nunes e Bryant (1997), ser numeralizado significa ter familiaridade com os números, empregar diferentes instrumentos e formas de representação, compreender as regras lógicas que regem os conceitos matemáticos.

As situações do cotidiano permitem que haja a interação significativa com os números, para as crianças esse processo acontece e deve acontecer com mediadores, mas o mais natural possível para que tenha significado, ou seja, aconteça a aprendizagem significativa, aquela que inconscientemente acontece. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

É importante, que a Matemática desempenhe, equilibrada e indissociavelmente, seu papel na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo do aluno, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana e atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares. (BRASIL, 1997, p.29).

Composição, transformação e comparação são os aspectos da aprendizagem que envolve os números decimais, cada aspecto com sua particularidade para cada faixa etária indicada. As percepções ocorrem em determinadas tarefas como cortar uma imagem e remontá-la, perceber em uma brincadeira de fazer compras quantas unidades são compradas de determinadas frutas e/ou pacotes de determinado alimento.

As atividades com as quatro operações, auxiliam a aprendizagem significativa e reflexiva das crianças. As brincadeiras, ou seja, a ludicidade mediada proporciona reflexões simbólica e positiva. Os jogos são essenciais na prática matemática, com blocos, quebra-cabeças, ajudam no desenvolvimento das associações, matemáticas.

Segundo Nascimento (2007): Considerar a infância na escola é grande desafio para o ensino fundamental, pressupõe considerar o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade, definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil, valorizando as trocas entre todos que ali estão, em que as crianças possam recriar as relações da sociedade na qual estão inseridas, possam expressar suas emoções e formas de ver e de significar o mundo, espaços e tempos que favoreçam a construção da autonomia. (NASCIMENTO, 2007, p.30).

As atividades lúdicas são as que marcam a infância, os mediadores interagem com os alunos a ponto de perceberem as quatro operações matemáticas brincando, segundo Moura e Viamont:

Os jogos educativos, sobretudo aqueles com fins pedagógicos, revelam a sua importância em situações de ensino-aprendizagem ao aumentar a construção do conhecimento, introduzindo propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora, possibilitando o acesso da criança a vários tipos de conhecimentos e habilidades (2005, p. 1-2).

A matemática em sua essência proporciona reflexões acerca do cotidiano e quanto maior a proximidade da realidade melhor será a compreensão e o aprendizado.

**Priscila de Andrade
Castanheira Lima**



Priscila de Andrade Castanheira Lima, tenho 41 anos, nascida em 21/05/1982, em São Paulo capital, filha de uma mãe dona de casa e um pai mecânico, tenho três irmãos, desde criança tive contato com a leitura através de gibis e jornais, na adolescência leitura de contos e obras clássicas da literatura mundial. Casada com Eric, mãe do Miguel de 5 anos, formada em Letras pela Universidade de Santo Amaro, em Pedagogia pela Universidade Senac, Pós graduanda em alfabetização e letramento pela Uniótalo. Amo ler e escrever, desejo que a Educação mude vidas e acredito que a partir da leitura o mundo se transforma. Gostaria de publicar esta obra por acreditar que a literatura liberta a essência humana e ensina os valores da vida de forma singular.



VOCÊ SABE DESENHAR MAIS DO QUE IMAGINA

O simples ato de arriscar no papel já é um gesto de ousadia.

Ao longo da vida, é natural abandonarmos certas habilidades para desenvolver outras, mais úteis e relevantes. Isso também se deve à evolução da tecnologia: hoje conseguimos resolver tarefas em milissegundos, sem a burocracia de antigamente. Um exemplo atual e bem discutido é a chamada "inteligência artificial", que vem facilitando nosso cotidiano em diversos aspectos. Pensando nisso, percebi algo curioso: atividades que antes faziam parte da rotina, como desenhar, já não ocupam o mesmo espaço.

Sou designer há mais de cinco anos, mas meu interesse começou muito antes, ainda no ensino fundamental, quando consumia conteúdo de design e passava horas desenhando. Muitos acreditam que todo designer sabe desenhar como um artista clássico, mas a verdade é que desenhamos de outra forma. Essa percepção se fortaleceu depois que conheci a palestra de Graham Shaw no TEDx. Ele provou que qualquer pessoa pode desenhar — não como Michelangelo, mas com traços simples capazes de criar personagens lúdicos e despertar a criatividade adormecida desde a infância.

Foi o desenho que, na verdade, me motivou a entrar na carreira de design. Quando criança, passava horas tentando replicar as capas dos quadrinhos da Turma da Mônica. Modéstia à parte, o que realmente me consolidou não foi apenas o traço, e sim a atenção aos detalhes. Aos 10 anos, enquanto copiava as capas, não me limitava aos personagens: reproduzia também a numeração da edição, o valor da revista, direitos autorais, código de barras e até o site, tudo em uma folha de papel. Eram informações que quase ninguém percebia, mas que despertavam minha curiosidade.

Foi aí que percebi que minha relação com o design ia muito além do desenho: era uma questão de observar, organizar e dar sentido a tudo que compõe uma obra.

Se você perguntar para qualquer um se sabe desenhar, a resposta comum será "não". Isso acontece porque nos comparamos a grandes artistas. Porém, basta um teste simples: tente desenhar uma flor. Talvez ache o resultado "horrível", mas o simples ato de visualizar e arriscar no papel já é um gesto de ousadia. É como escrever uma carta: alguns têm a letra impecável, outros escrevem de forma ilegível. Não importa a estética — o ato em si já é uma expressão artística.

Percebo que muitos associam esse medo de desenhar a algo parecido com a grafofobia, o medo irracional de escrever. Embora os termos sejam diferentes, a sensação é similar: o receio de se expressar no papel. Graham Shaw mostrou isso em asilos, onde aplicou a sua metodologia com idosos que enfrentavam problemas de saúde. Os médicos relataram melhoras significativas de autoestima e até de bem-estar.

Despertar o lúdico adormecido pode transformar áreas da nossa vida que pareciam inalcançáveis. Talvez o primeiro traço não seja perfeito, mas é justamente nesse risco imperfeito que mora a liberdade de criar. Então, que tal pegar um papel hoje mesmo e rabiscar? Uma simples flor pode ser o início de uma nova descoberta.

João Bezerra



Nascido em Barueri, na Grande São Paulo, João é escritor e designer gráfico. Seus traços artísticos vieram de sua mãe, uma pedagoga apaixonada por artes. Sua paixão pela escrita fez escrever o conto “O mundo dos livros e dos loucos”, sendo um dos finalistas do Prêmio Barueri de Literatura 2017. É apaixonado por contos, histórias em quadrinhos e o universo geek em geral.



A SACERDOTISA DO TARÔ

O Tarô é um sistema simbólico formado por 78 arcanos, sendo 22 deles conhecidos como arcanos maiores e os outros 56 como arcanos menores. Para muitos autores, sua origem remonta ao antigo Egito. No entanto, pesquisadores, na atualidade, apontam o continente europeu, mais especificamente Itália e França, como o berço do Tarô. Entre esses autores, está a historiadora Isabelle Nadolny e segundo ela, em História do Tarô, os primeiros baralhos foram criados nos séculos XIV e XV. Esses baralhos foram o Tarô Visconti di Modrone, o Tarô Brambilla ou de Brera – Brambilla, o Tarô Visconti – Sforza, o de Gaignières e o de Marselha. O Tarô de Marselha, usado ainda nos dias de hoje, foi desenvolvido ao longo do século XV e popularizado em Marselha, na França, no século XVII.

Nesse contexto, o Tarô era utilizado exclusivamente pela nobreza e pelas classes mais altas, pois eram as famílias ricas e influentes que podiam arcar com o alto custo de sua produção. Os baralhos eram, na verdade, encomendados aos pintores da época, sendo confeccionados com materiais nobres, a exemplo de folhas de ouro e prata. Esses baralhos foram utilizados primeiramente nos jogos de salão. No entanto, seu valor cultural, além de artístico, se evidencia através das próprias imagens usadas em sua composição, uma vez que seus personagens fazem uma representação dos grupos e figuras sociais da época. A exemplo disso, O Imperador e A Imperatriz, arcanos III e IV, simbolizariam o rei e a rainha; O Carro, arcano VII, seria o guerreiro; O Louco, arcano 0 ou 22, encarnaria a imagem do bobo da corte; O Mago, arcano I, seria o astrônomo ou o astrólogo; O Papa, arcano V, representaria a própria Igreja e seus sacerdotes; e a Papisa, arcano II, seria uma abadessa.

Esses baralhos estão, hoje, preservados em bibliotecas e museus da Europa tanto pelo valor histórico quanto artístico, pois são representações da sociedade da época e considerados também como obras de arte.

Essa tradição relativa ao Tarô, na Europa, sobretudo na França, país no qual o Tarô de Marselha se popularizou, faz com que a perspectiva sobre suas cartas, de forma geral, seja a de que os arcanos possuem em sua imagética significados subjacentes cuja interpretação independe de uma presença sobrenatural ou de um poder de vidência ou ainda da existência de uma crença religiosa.

No Brasil, o Tarô se tornou conhecido apenas a partir do século XX, passando a ter maior visibilidade na década de 70, sobretudo, nos meios esotéricos. Por isso mesmo, há uma percepção bastante distinta do uso do Tarô em nosso país em comparação à países que já possuem uma história e uma tradição no uso de suas cartas.

O nome Tarô tem uma origem incerta, mas acredita-se que venha da palavra árabe *turuq* cujo significado teria a ver com caminhos. Sem dúvida nenhuma, essa seria uma classificação muito precisa para o Tarô, visto que seu uso está para além da função oracular. Nesse sentido, ele tem sido utilizado, na atualidade, de forma terapêutica, pois através de seus símbolos o Tarô nos conecta com as nossas próprias imagens e potencializa a conscientização de quem somos em um determinado período da vida. Suas lâminas fazem um retrato, uma espécie de mosaico que nos conta a nossa própria história. Por isso, o Tarô é, sobretudo, uma ferramenta de autocohecimento, acima de qualquer outra prática e significado.

Nessa mesma perspectiva, o escritor e psicoterapeuta alemão, Gerd Ziegler, em *Tarô – Espelho da Alma - Manual para o Tarô de Aleister Crowley*, entende o Tarô como um espelho capaz de refletir o interior de quem o consulta: “Assim como usamos um espelho para observar nosso exterior, podemos usar as imagens do Tarô para nos aproximarmos de

nossa realidade interior. Uma aventura ousada! As imagens do Tarô são um espelho das imagens que temos na alma. Quanto mais as contemplamos, mais descobrimos sobre nós e nossas vidas.” (Ziegler, 1993, pág. 9).

A jornada do Tarô começa pelos 22 arcanos maiores. Ela é iniciada pelo Louco, arcano 0 ou 22, pois ele está no início e no fim do caminho, indicando que quando o trajeto for finalizado, ele recomeçará todo o percurso outra vez, mas sempre de um degrau acima em relação ao que iniciou anteriormente.

O Louco é o impulso para a mudança que existe em todos nós, ele é o impulso que nos lança em direção ao futuro e sem esse impulso estaríamos fadados a uma vida sem previsão de mudanças. Em seu movimento de expansão, O Louco segue em direção aos outros arcanos que representam estágios do desenvolvimento humano.

Entre os arcanos maiores está A Sacerdotisa, símbolo de interioridade e introspecção. Conhecida no Tarô de Marselha como A Papisa; no Tarô de Waite, como A Sumo Sacerdotisa; e no Tarô Mitológico, como A Sacerdotisa, ela promove o equilíbrio entre a luz e a sombra que existe em nós. Nesse sentido, entre os elementos que compõem a imagem e o simbolismo da Sacerdotisa estão duas colunas, uma clara e a outra escura. Segundo Edith Waite, no Tarô Universal de Waite, essas colunas têm a ver com o conhecimento do bem e do mal: “Em lugar de integrar os opostos, a Sacerdotisa os mantém separados, o que não impede o equilíbrio. Ela é a balança em si mesma; este simbolismo se encontra em muitos baralhos de tarô. Não pode haver poder sem este equilíbrio.” (Waite, 2005, pág. 52).

Essas colunas são ainda símbolos da dualidade: o bem e o mal, o dia e a noite, feminino e masculino. A dualidade aparece representada também em outros arcanos maiores do Tarô, entre eles, O Carro, arcano VII, figurada nas duas esfinges, uma clara e a outra escura, assim como também nos cavalos do Tarô Mitológico. No contexto desse arcano, essa

simbologia indica que para colocar a carruagem em movimento, o rei que a dirige precisa dominar os próprios impulsos.

O Tarô de Arthur Edward Waite, ilustrado por Pamela Colman Smith, configura A Papisa como uma Sumo Sacerdotisa egípcia. Waite e Pamela faziam parte da Golden Dawn, A Ordem Hermética Aurora Dourada, fundada em Londres, em 1888. O Tarô de Waite foi publicado no início do século XX, inicialmente com o nome de Tarô Rider-Waite. O editor era William Rider, e Waite foi o mentor intelectual desse baralho. Anos depois, o nome desse Tarô foi corrigido e passou a se chamar Tarô Smith-Waite para incluir o sobrenome de Pamela.

Nessa configuração, a cabeça da Sumo Sacerdotisa é adornada por um círculo entre chifres, representando a imagem da lua entre cornos, que é a coroa da deusa egípcia Ísis, símbolo de fertilidade. Aos seus pés há uma lua crescente, indicando que A Sacerdotisa é, sobretudo, uma figura lunar, simbolizando a noite, o feminino e a intuição. Ela é a receptividade em relação ao mundo invisível que se manifesta através de pressentimentos, nos fazendo sentir que estamos próximos a desvendar algo que não conseguimos explicar através de palavras. Por isso mesmo, ela é conhecida como a voz interior.

Diferente do Papa que decodifica seu conhecimento através da razão, a exemplo de um sistema de crenças religiosas ou de princípios filosóficos, A Sacerdotisa nos fala através de sentimentos inexplicáveis, pressentimentos e de imagens que aparecem em sonhos.

No Tarô de Marselha ela traz um livro entre as mãos; no Tarô Egípcio ela segura um rolo de pergaminho, mostrando que o conhecimento se encontra em seu poder. Silenciosa, ela sugere, mas não diz. O Tarô Egípcio Kier a associa a uma Lua em Câncer. Na Astrologia, a Lua encontra seu domicílio nesse signo. Esse posicionamento tem a ver com origem, interioridade e conexão com as nossas emoções.

A Sacerdotisa é ainda, simbolicamente, próxima a Lua do próprio Tarô, arcano XVIII. A carta da Lua tem a ver, em seu aspecto positivo, com sensibilidade e receptividade, mas ela é uma configuração, sobretudo, da lua minguante e nesse sentido, está relacionada à estagnação, aos medos e bloqueios, conforme destaca Ziegler: “É uma lua minguante que temos nesta carta. Ela está no processo de mergulhar mais profundamente nos reinos mais obscuros da alma. É o momento do teste final, muitas vezes o mais difícil. Nas trevas, o perigo de esquecer a verdadeira meta é muito grande. Tentações e percepções ilusórias estão à espreita ao longo do caminho, prontos para seduzi-lo. Cuidado!” (Ziegler, 1993, pág. 64). Nesse mesmo sentido, A Sacerdotisa pode representar também emoções reprimidas.

No Tarô Mitológico, lançado na segunda metade do século XX, criado pelas analistas junguianas Liz Greene e Juliet Sharman-Burke, ambas escritoras e astrólogas, e ilustrado por Tricia Newell, A Papisa recebe o nome de A Sacerdotisa. O Tarô Mitológico associa os arcanos maiores e menores aos mitos da tradição grega. Através de suas narrativas, esses mitos oferecem símbolos que são adicionados às cartas, oferecendo novos caminhos para interpretação dos arcanos. No Tarô Mitológico, A Sacerdotisa é, então, Perséfone, a filha de Deméter, mulher de Hades e Rainha do Submundo.

Perséfone foi raptada por Hades, que apaixonado a levou para viver em sua companhia no mundo dos mortos, sem o consentimento de Deméter, mãe de Perséfone. Ao perceber o desaparecimento da filha, a deusa do trigo vagou desesperada pela terra em busca de notícias sobre seu paradeiro. Ao descobrir o rapto, Deméter ameaçou acabar com a vida na terra caso sua filha não fosse devolvida. Zeus, então, convenceu Hades a entregá-la à sua mãe. O governante do submundo, para não a perder, ofereceu à Perséfone uma romã. Ao comer da fruta, símbolo do amor conjugal,

Perséfone mesmo retornando para o convívio com Deméter, precisaria voltar ao Hades a fim de viver pelo menos parte do ano ao lado de seu marido.

No Tarô Mitológico, A Sacerdotisa, identificada à Perséfone, está localizada no final de uma escadaria que a leva em direção ao mundo subterrâneo; ela veste branco e tem os cabelos soltos; em uma de suas mãos ela segura uma romã aberta e na outra mão ela carrega flores de narcisos. A flor narciso era admirada por Perséfone no momento em que ela foi raptada por Hades. Na cultura grega, narcisos eram utilizadas nos rituais dedicados às divindades do mundo subterrâneo e também oferecidos em homenagem às deusas da vegetação, a exemplo da própria Perséfone, que representa a semente, e sua mãe Deméter, que simboliza a terra cultivada.

As flores de narcisos nas mãos da Sacerdotisa do Tarô Mitológico apontam para o que está guardado no mundo do Hades em nós, a exemplo das lembranças do que vivemos, especialmente, do que parece ter sido enterrado e completamente esquecido. Nesse sentido, a própria palavra narciso indica o que permanece adormecido, conforme mostra Junito de Souza Brandão, em *Mitologia Grega*, vol. II: “Na etimologia se aproxima de *nárke*, que, em grego, significa entorpecimento, torpor. Relacionando-se, depois, com a flor narciso, que era tida por estupefaciente, *nárke* será a base etimológica da nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com o elemento narc-.” (Brandão, 1996, pág. 173). Sendo assim, A Sacerdotisa guarda em seu mundo nossas memórias e o registro do que vivemos.

Além dos narcisos, a romã faz parte da imagem da Sacerdotisa do Tarô Mitológico, assim como da Sumo Sacerdotisa do Tarô de Waite. Suas sementes, no contexto simbólico da Sacerdotisa, representam os potenciais criativos existentes no inconsciente. Para Carl Gustav Jung, em *O Homem e seus Símbolos*, o inconsciente também produz o que é novo, não sendo, por isso, associado unicamente às nossas memórias: “Mas o fato é

que, além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente novos e idéias criadoras podem surgir do inconsciente – idéias e pensamentos que nunca foram conscientes.” (Jung, 1964, págs. 37 e 38).

A Sacerdotisa do Tarô é, então, aquela que além de guardar as nossas memórias, tem em seu domínio as sementes do que pode vir a ser. Nessa perspectiva, os potenciais que estão visíveis na mesa do Mago, arcano I, nascem nos domínios da Sacerdotisa. Para Edith Waite: “A Sacerdotisa é, sobretudo, a base de onde surge o poder manejado pelo Mago.” (Waite, 2005, pág.52).

A Sacerdotisa é, então, a passividade, a semente em gestação, enquanto O Mago é o princípio da criação direcionado ao desenvolvimento dos potenciais que já floresceram. Sallie Nichols, em Jung e O Tarô, mostra que o poder do Mago é solar, enquanto o da Sacerdotisa é lunar: “O poder do Mago é o fogo: o poder quente, brilhante, rútilo do sol. O poder da Papisa é a água: o poder frio, escuro e fluido da lua.” (Nichols, 1995, pág. 85).

Além de estar associada ao arcano da Lua, que no Tarô Mitológico é configurado pela deusa tríplice Hécate, A Sacerdotisa pode ser também relacionada à Roda da Fortuna, arcano X do Tarô. O tear conhecido como A Roda da Fortuna é uma imagem muito antiga que representa os altos e baixos da existência. Na tradição romana, A Roda da Fortuna pertencia à deusa Fortuna; na mitologia grega, a deusa Fortuna é associada à deusa Tique, divindade que promovia tanto a boa quanto a má sorte.

No Tarô Mitológico, esse tear está nas mãos das Moiras, as três irmãs conhecidas pelos nomes de Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto fabricava o fio da vida, Láquesis tecia o fio e Átropos cortava o fio da existência. As Moiras são as fiandeiras do destino e representam o lote ou quinhão que cabe a cada um viver durante sua vida, sendo esse lote pessoal e intransferível.

As três irmãs assim como a deusa tríplice Hécate estão associadas à imagem da mulher jovem, madura e anciã. Nessa configuração, Perséfone, A Sacerdotisa, é a representação da mulher jovem e também da semente que dentro da caverna das Moiras espera por nascer.

Ao entrarmos nos domínios da Sacerdotisa, nos conectamos com o mundo espiritual e, sobretudo, com os fios invisíveis tecidos no tear das Moiras e, por isso mesmo, sentimos o que está próximo a revelar-se.

A Sacerdotisa é, sobretudo, símbolo de gestação, interioridade e recolhimento, podendo representar também a busca pelo conhecimento esotérico, o interesse por assuntos ligados à vida após a morte e ocultismo, além dos segredos e silêncios que são próprios à sua natureza lunar, pois associada à noite, A Sacerdotisa guarda em seu poder aquilo que permanece oculto à luz do dia. Ela é também símbolo de introspecção, representando em seu aspecto negativo, frieza, distanciamento e emoções reprimidas.

Isabel Spagnolo



Isabel Spagnolo, jornalista, pós-graduada em História da Filosofia e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuei como professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por quase duas décadas. Sou apaixonada por Tarô, Astrologia e Literatura Grega. Participo, atualmente, de cursos sobre Mitologia e Teatro Grego. Instagram: @isabelspagnolo | E-mail: isabelspagnolo@yahoo.com.br.



OUTUBRO: DIA DAS CRIANÇAS

A celebração, que acontece no dia 12 de outubro, teve origem no Brasil e se consolidou por decreto presidencial no ano de 1924. Apesar de ser reconhecida em todo o país somente por volta de 1955, o Dia dos Pequenos, que é feriado nacional, é muito esperado por eles todos os anos.

Além da expectativa das crianças quando a data se aproxima, o dia também é comemorado por comerciantes, que o usam para alavancar suas vendas. Isso acontece desde que uma indústria de brinquedos, em 1955, usou a data para uma campanha que foi um sucesso na época e segue até hoje. Propagandas na televisão mostram uma infinidade de presentes; as vitrines das lojas, um colorido de encher os olhos dos pequenos e até de nós mesmos. Uma imensidão de opções como bonecas, carrinhos, ursos, super-heróis, jogos e até mesmo produtos como celulares, tablets e videogames. As alternativas são infindáveis.

Contudo, o verdadeiro significado do Dia das Crianças está relacionado à oficialização dos seus direitos, como alimentação, amor e educação, embora para muitos esta seja uma realidade distante. E por mais que saibamos que nem todas as crianças têm motivos para comemorar, em sua ingenuidade e alegria elas sempre encontram algum, bem longe do TikTok ou dos jogos eletrônicos. Basta reunir uma roda de amigos da rua onde moram, e a festa está garantida. Os bairros de periferia são um exemplo de que, para ser feliz, basta mesmo ser criança.

Algumas brincadeiras continuam vivas onde a tecnologia ainda não fez morada, e isso não é ruim — aliás, é bom demais. Pega-pega, esconde-esconde, rodinhas para bater uma bola, soltar pipa e até carrinho de rolimã. Na minha época, era um pouco diferente: um pedaço de papelão no

barranco do açude onde havia grama, e lá íamos nós. Com o tempo, ele ganhou rodinhas e até um encosto, mas o frio na barriga deve ser o mesmo, com um pouco mais de velocidade e adrenalina. Não posso deixar de mencionar que eles fazem uma barulheira danada por aqui, pois a pista não é a grama, como no meu tempo, e sim o asfalto. No verão, entram noite adentro, e muitas vezes me pego a observar o brincar, o correr e o sorrir, que nos faz sorrir mais do que reclamar do barulho.

Hoje, com o mundo virtual ingressando cada vez mais cedo em suas vidas, são poucas as que ainda usufruem dessas brincadeiras. Isso é fundamental para o crescimento saudável, visto que seus seguidores não estão na tela do celular, a milhares de quilômetros, e sim no seu convívio, no seu dia a dia, na sua roda de amigos e, claro, na escola. Este é um ambiente essencial para o desenvolvimento, mas que, infelizmente, não é mais o mesmo. Nos meus primeiros anos escolares, íamos a pé, uma turma que se encontrava no caminho e chegava junto. Não tinha cantina para nos entupir de gorduras e doces, não tinha celular para discutir se podia levar para a sala, e o mais importante: não tinha facas nas mochilas ou qualquer arma que pudesse machucar alguém. Os professores eram respeitados, e não humilhados, agredidos e até mortos, como acontece hoje. No recreio, jogávamos até bolita — coisa que talvez poucas crianças hoje saibam o que é. Era diversão garantida, e qualquer briga não durava mais que alguns minutos. Era tudo tão diferente, mas tão sincero, sem maldade, sem palavrões e com limites. Aliás, ser criança também é ter limites, e o melhor presente é a educação, que parece andar em falta nesta geração e fará ainda mais falta quando se tornarem adultos.

O Dia da Criança também pode ser um dia para refletir sobre o que desejamos para o futuro delas. Dê um presente, se desejar, mas, muito mais do que isso, seja presente. Saia para passear, tomar um sorvete, participe das brincadeiras, dê a ela o mais importante para sua vida: seu tempo e sua

atenção. Ensine os princípios fundamentais para seu crescimento, como educação, respeito e disciplina. Toda criança deve ser amada, e mostrar que os valores antigos não saem de moda é um sinal de amor que pode mudar o rumo de suas vidas.

“Fico preocupado com as crianças de amanhã, com seus jogos eletrônicos, os pais com celulares, psicoterapeutas ajudando em cada derrota...”

— Paulo Coelho, *Ser Como o Rio que Flui*, 2006

Esta frase de Paulo Coelho tem quase 20 anos e, infelizmente, parece ter se concretizado. A era digital, a internet e as redes sociais estão roubando descaradamente a infância. Um texto de agosto de 2021, escrito por uma psicopedagoga, retrata em poucas palavras a extensão do problema causado pelo abuso de plataformas digitais por crianças e jovens. Intitulado “Os Filhos do Quarto”, o texto expõe a exclusão dessas crianças da realidade, das brincadeiras sadias e do convívio familiar e com amigos, trancadas em um mundo virtual que, muitas vezes, mostra uma realidade falsa. Além disso, despreparados, esses jovens são expostos a situações que podem sair do controle, sendo influenciados por modismos passageiros e estímulos que não agregam valor, tornando-os inseguros e incapazes de tomar decisões corretas quanto aos valores familiares.

Essa exposição, infelizmente, pode partir dos próprios pais, que acreditam ser saudável e seguro expor a vida dos filhos nas redes sociais desde cedo. O que pode gerar curtidas também pode torná-los vítimas de pessoas destrutivas que se aproveitam da insegurança de crianças e jovens para fins até mesmo criminosos.

A infância, por mais difícil que seja em muitos casos Brasil e mundo afora, é a parte mais bonita de nossas vidas e não deve ser roubada, destruída ou maltratada. Na verdade, há um esquecimento mútuo não só dos direitos, mas também dos deveres de nossas crianças e jovens para que se

tornem adultos responsáveis e, acima de tudo, saudáveis. As preocupações da família se estendem hoje principalmente ao psíquico, visto que há um adoecimento generalizado nessa faixa etária, relacionado ao submundo da internet.

Um caso recente que chamou a atenção foi a chamada "adultização" de crianças, expostas e incentivadas a comportamentos e experiências do mundo adulto. Vídeos com cenas chocantes deveriam servir para repensar o comportamento da própria família em relação ao conteúdo absorvido pelos filhos. Nossas crianças merecem respeito, dignidade, leis de proteção e, mais do que tudo, presença e atenção, não apenas no seu dia, mas em todos os dias.

Resgatemos a criança que há em nós, nosso tempo de infância, nossas brincadeiras sadias. Façamos isso com nossos filhos. A conexão familiar salva. Desconecte-se do mundo virtual, esteja na vida real, tire as crianças das telas e dos quartos, leve-as para a rua. Há muitas possibilidades de salvar o futuro delas. Cuidar das crianças é a maior prova de amor que elas podem ter, o que também inclui a preservação, a educação como base e a imposição de limites.

Potiara Cremonese



Potiara Cremonese, nasceu em 10 de junho de 1980, em Sobradinho no Rio Grande do Sul. Reside atualmente em Santa Cruz do Sul. Trabalha como funcionária pública municipal. Começou a escrever durante a pandemia de covid 19 escrevendo artigos publicados na imprensa local. Lançou seu primeiro livro de crônicas, Opinião do Leitor – Artigos para Refletir, pela editora Autografia RJ, em junho de 2024. Continua escrevendo sobre diferentes temas do cotidiano em forma de crônicas e poemas, já participou de mais de 20 antologias. Em 07 de junho de 2025 inaugurou a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde mora a 10 anos. Acredita na literatura como fonte de transformação e na escrita como libertação. Nunca é tarde para se tornar um leitor, e mudar sua visão de mundo.

Revista **Autorretratos**

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!